



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Instituto Politécnico de Lisboa

***O papel do Repórter na informação televisiva:
o caso da SIC***

Ana Rita Borda de Água Coelho

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Jornalismo

Sob orientação do Professor Doutor Pedro Marques Gomes, professor adjunto
convidado na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa

Outubro de 2023

Ao meu orientador e professor Pedro Gomes, pela dedicação constante, acompanhamento exímio e a maior ajuda ao longo deste ano.

Aos meus pais, que são a minha base, por me permitirem sonhar e acreditar que tudo é possível: basta acreditar.

Às minhas avós e toda a minha família, pelo apoio constante e força nos dias mais difíceis.

Aos meus amigos, pela palavra carinhosa e sentido de companheirismo.

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Declaro que o presente relatório de estágio é um trabalho original da minha autoria. Nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) por outra instituição de ensino superior para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Todas as citações presentes estão devidamente identificadas. Acrescento ter consciência de que o plágio pode levar à anulação do trabalho apresentado.

Lisboa, 10 de outubro de 2023

A candidata,

Ana Rita Borda de Água Coelho

Ana Rita Borda de Água Coelho

Resumo

Este relatório, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, resulta de um estágio curricular realizado no Departamento de Informação do canal de televisão SIC (Sociedade Independente de Comunicação), entre 16 de janeiro e 16 de junho de 2023.

Neste trabalho, apresentam-se as principais fases do estágio e o trabalho desenvolvido nas várias editorias que integrei, procurando refletir acerca dos conhecimentos adquiridos, bem como dos principais desafios e constrangimentos enfrentados.

Este relatório tem ainda como objetivo compreender as características principais, as condições de trabalho e a relevância do repórter televisivo, tendo como estudo de caso a SIC. Assim, através da análise bibliográfica, observação participante e realização de entrevistas, estuda-se o repórter e a reportagem neste órgão de comunicação, visando contribuir para um melhor conhecimento do jornalismo televisivo.

Palavras-chave: Televisão; Jornalismo Televisivo; Reportagem; Repórter; SIC.

Abstract

This report, developed as part of the Master's Degree in Journalism at the School of Communication and Media Studies of the Polytechnic Institute of Lisbon, is the result of a curricular internship carried out in the Information Department of the television channel SIC (Sociedade Independente de Comunicação), between January 16 and June 16, 2023.

This work presents the main stages of the internship and the work carried out in the various editorial offices I worked in, seeking to reflect on the knowledge acquired, as well as the main challenges and constraints faced.

This report also aims to understand the main characteristics, working conditions and relevance of the television reporter, using SIC as a case study. Thus, through bibliographical analysis, participant observation and interviews, the reporter and reporting in this media organisation are studied, with the aim of contributing to a better understanding of television journalism.

Keywords: television; television journalism, news report, reporter; SIC.

Índice

Introdução	2
1. Enquadramento Teórico	6
1.1. A Televisão	6
1.2. O Jornalismo Televisivo	8
2. O Estágio na SIC	11
2.1. Breve contexto histórico e evolução do canal	11
2.2. O Estágio: a escolha da SIC	14
2.3. O calendário e a organização do estágio	15
2.4. Editorias de um estágio na SIC	17
2.5. Diário de um estágio na SIC	19
2.5.1. O estágio na SIC Notícias - Edição do Meio-Dia	21
2.5.2. O estágio na SIC - Editoria de Sociedade	23
2.5.2.1. Os temas mais frequentes durante o estágio na editoria de Sociedade ... 28	
2.5.3. O estágio na SIC - Editoria de Cultura	29
2.5.3.1. Os temas mais frequentes durante o estágio na editoria de Cultura (“Todas as Artes”)	31
2.5.4. Reflexão a partir de duas reportagens	32
3. O Repórter e a Reportagem: Reflexões a partir do estágio na SIC	36
3.1. A Reportagem, o género nobre do jornalismo	36
3.2. A Reportagem na Informação da SIC	39
3.3. O Repórter e o seu papel na Informação da SIC	47
3.4. O Repórter e a Reportagem: principais problemas e desafios	54
Conclusão	59
Bibliografia.....	63
Anexos.....	66
Anexo 1 - Entrevistas realizadas	66
Anexo 2 – Peças realizadas durante o estágio nas editorias de Sociedade e Cultura da SIC	93

Introdução

Barbie Zelizer, nome incontornável dos estudos sobre media e jornalismo, afirmou, há cerca de uma década, que o jornalismo “dá às pessoas um ponto de referência através do qual podem relacionar-se com os outros”. Referiu também: “Precisamos sempre de uma força mediadora que ajude a manter os limites do coletivo e que coloque os indivíduos em sintonia uns com os outros, e é para isso que serve o jornalismo” (Figueiras, 2014, p. 105). Kovach e Rosenstiel afirmam ainda que o jornalismo tem como propósito “fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (2004, p. 16).

Se esta função mediadora do jornalismo é fundamental em qualquer sociedade, os desafios e exigências que se colocam na atualidade aos jornalistas fazem com que nem sempre seja assegurada. O mundo dos media e do jornalismo tem vindo a alterar-se a um ritmo porventura demasiado acelerado e o impacto das novas tecnologias nas redações produz efeitos na prática jornalística que não se podem ignorar. Os próprios consumos informativos transformam-se a um ritmo cada vez mais rápido, o que também acarreta consequências para as redações (sobretudo nas de âmbito privado, cujas empresas em que se inserem têm maiores preocupações financeiras), que procuram ir ao encontro dos novos interesses dos consumidores.

Na televisão, que é o meio sobre o qual me vou debruçar neste trabalho, existe, desde logo, a pressão pela notícia exclusiva, dada em “primeira mão”, no momento, com o objetivo máximo de garantir uma maior audiência. Pierre Bourdieu referiu-se, de forma clara, a este fenómeno:

“Sobre a televisão, os níveis de audiência exercem um efeito muito particular: retraduzem sob a forma da pressão de urgência. A concorrência entre os jornais, a concorrência entre os jornais e a televisão e a concorrência entre as televisões assume a forma de uma concorrência temporal pelo *scoop*, pelo primeiro lugar na linha de chegada” (Bourdieu, 1997, pp. 23-24).

Neste contexto, há muito que se constatou que as televisões cada vez menos apostam naquele que é o género por excelência do jornalismo: a reportagem. Os fatores que contribuem para essa realidade são diversos, desde implicar maior investimento

financeiro do que outros géneros jornalísticos, uma investigação mais prolongada, uma maior alocação de recursos humanos, entre outros. Também a “facilidade de acesso a informações de eventos ou acontecimentos através da rede tem apresentado reflexos na diminuição de reportagens no exterior (Gomes, 2012, p. 276). Por contraste, as televisões (e particularmente os telejornais) têm privilegiado o direto, sobretudo quando nos encontramos perante situações dramáticas, como grandes conflitos armados ou catástrofes naturais. Na verdade, como refere o jornalista e investigador Jacinto Godinho em entrevista no livro *Ser Jornalista em Portugal*, talvez a solução para este problema passe por encontrar um equilíbrio entre diferentes géneros jornalísticos:

“A questão é saber qual a metodologia certa para controlar o direto. Não, como pensam alguns, controlá-lo através da reportagem, isto é, diminuir o direto e fazer mais reportagens. Não: o direto é imparável. Trata-se de conseguir melhorar os critérios da lucidez, do diagnóstico, do bom senso, pô-los ao ritmo do direto” (Rebelo, 2011, p. 323).

É, por isso, importante refletir sobre o jornalismo televisivo praticado atualmente. Neste trabalho, optou-se por concentrar a análise no repórter e na reportagem televisiva, tendo como estudo de caso a informação do canal de televisão SIC (Sociedade Independente de Comunicação Independente), onde realizei o estágio curricular do Mestrado em Jornalismo. Este relatório resulta, portanto, do estágio que decorreu na redação de Informação daquela estação televisiva, em Paço de Arcos, entre 16 de janeiro 2023 e 16 de junho do mesmo ano.

Para levar a cabo este relatório, definiu-se uma questão de partida inicial, que acompanhará este trabalho e na qual me concentro sobretudo no terceiro capítulo: Qual é o perfil do repórter da SIC e quais são as características mais associadas a um repórter televisivo? Assim, a minha reflexão tem, sobretudo, em conta a experiência do estágio na SIC.

A partir desta questão, surgiram outras perguntas a que darei também relevo: O que caracteriza uma reportagem? Como e por quem são realizadas as reportagens na SIC? Que particularidades deve ter um repórter? Que condições de trabalho particulares têm os repórteres? Quais os principais desafios e obstáculos que os repórteres enfrentam na atualidade?

A reflexão crítica que pretendo levar a cabo tem em conta estes diferentes ângulos de análise, para melhor se conhecer as características principais dos repórteres da SIC, bem como para se entender como é que um repórter marca (ou não) a agenda do canal televisivo através, por exemplo, da introdução dos temas das reportagens que realiza e do modo como conduz a investigação jornalística. Em suma, trata-se de procurar compreender qual é a relevância do repórter no jornalismo televisivo que se pratica atualmente.

O presente relatório de estágio encontra-se dividido em três partes: a primeira é relativa à contextualização teórica, a segunda apresenta a minha experiência como estagiária e a terceira uma reflexão sobre o repórter e a reportagem. O primeiro capítulo subdivide-se em dois pontos: a televisão e o jornalismo televisivo. O segundo é dedicado ao meu percurso no estágio, no qual explico a razão da escolha da SIC, faço uma breve síntese histórica do canal televisivo, apresento o calendário e a organização do estágio, as editorias que fizeram parte do estágio e o Diário de Estágio, que se traduz no relato da experiência vivenciada na Edição do Meio Dia da SIC Notícias e nas editorias de Sociedade e Cultura da SIC. Por fim, no terceiro capítulo procuro, como disse, apresentar uma série de reflexões acerca do tema deste relatório: o papel do repórter televisivo, bem como o seu trabalho, isto é, a reportagem. Aqui procuro também compreender qual o espaço dado à reportagem na informação da SIC, quem são os repórteres e quais os principais problemas e desafios que atualmente se colocam ao repórter na preparação de reportagens. Como anexos, apresento as várias entrevistas realizadas e a lista das reportagens que realizei durante o estágio.

Em termos metodológicos, procedeu-se a uma leitura e análise de bibliografia tendo em vista uma melhor compreensão e contextualização do tema em estudo. Por outro lado, recorreu-se também à observação participante, realizada *in loco*, nas várias fases, tempos e locais do estágio. Ao mesmo tempo que fui observando como se “fazia”, fui também “realizando” diversas tarefas. Como refere Maria da Conceição Correia, “a Observação Participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (Correia, 2009, p. 31). Neste sentido, a observação participante permitiu-me, ao longo deste percurso, tirar inúmeras notas do trabalho de campo, que construíram o meu diário do estágio.

Privilegiou-se ainda a realização de entrevistas a jornalistas da SIC. Estando a estagiar na redação, tive oportunidade de contactar com inúmeros jornalistas e fui colocando várias

questões à medida que as dúvidas foram surgindo. No entanto, uma entrevista com preparação prévia permite responder com mais consistência a algumas das questões levantadas neste meu estudo, designadamente aquelas que se referem ao trabalho do repórter. Interessava-me perceber as perspetivas de diferentes jornalistas sobre essas questões, pelo que procurei entrevistar figuras com perfis distintos. Assim, complementando a observação participante, a técnica de entrevista é útil quando pretendemos recolher informações “sobre crenças, opiniões e ideias dos sujeitos observados”, afirma Marli André (André, 1995, p. 146). Em síntese, pode-se dizer que o trabalho apresentado procura contribuir para um melhor conhecimento sobre aquele que é considerado o género nobre do jornalismo – a reportagem – e os profissionais que o realizam – os repórteres.

1. Enquadramento Teórico

1.1. A Televisão

A televisão é o meio de comunicação social que “funciona como um dos mais importantes elos sociais da sociedade e afigura-se como a principal atividade partilhada por todos as classes sociais e grupos etários” (Brandão, 2016, p. 59). De facto, trata-se do meio “preferido pelos cidadãos de todas as partes do Mundo para ocuparem, diariamente grande parte do seu tempo livre com os programas mais do seu agrado” (Missika e Wolton apud Teixeira, 2015, p. 2).

O jornalista e investigador Pedro Coelho define a televisão como “um objeto em permanente mutação”, resultado das próprias transformações da comunicação, evolução dos media, da guerra de audiências, entre outros fatores (Coelho, 2021, p. 166). Já Hamisteliê Soares destaca o facto de se tratar do “veículo que mais atinge as massas” (Soares, 2007, p. 3), sendo o seu objetivo principal “descrever o que se mostra e mostrar o que se escreve” (Jespers, 1998, p. 88).

Como revela Eduardo Cinta Torres, a televisão “move-se mais rápida do que os especialistas” (Torres, 2011, p. 11), o que constitui, sem dúvida, um desafio à investigação nesta área. O autor define este meio de comunicação social como “um motor da economia”. E explica porquê:

“Conquista novos públicos em todo o mundo. Reúne maiores audiências do que qualquer outro médium quando em direto de acontecimentos trágicos, como o 11 de Setembro, ou de entretenimento, como um Mundial de Futebol ou a final do campeonato de futebol americano de 2010” (Torres, 2011, p. 11).

Neste sentido, diz o mesmo investigador, é o meio de comunicação que “dá emprego e mobiliza a criatividade de dezenas de milhares de pessoas em todo o mundo” (Torres, 2011, p. 11). Segundo Jean-Jacques Jespers, a televisão, a partir das imagens e dos sons, “pode explicar, fazer partilhar, fazer sonhar, sensibilizar, chocar, suscitar a reflexão, a adesão ou a rejeição, anestesiar ou excitar” (Jespers, 1998, p. 68). Ao proporcionar tudo isto, o meio televisivo pode “transformar qualquer realidade, qualquer conceito ou discurso em espetáculo” (Jespers, 1998, p. 68).

É a televisão que interliga a visão e o ouvido simultaneamente (Jespers, 1998), tornando-se numa das mais versáteis formas de comunicação. Para isso, muito contribuiu o que a televisão ganhou com tudo o que recebeu do teatro, da rádio, do cinema e da imprensa, criando uma “grande variedade de conteúdos” (Torres, 2011, p. 24).

A televisão alcançou maior dinâmica com o “poder de escolha” atribuído ao telespectador, acentuando-se com a revolução provocada pelo surgimento da Internet, que possibilitou a criação de conteúdos multimédia especificamente para o meio digital. O indivíduo pode começar a escolher quando, como e onde quer ver determinado programa. Assim, a tecnologia permitiu pensar em conteúdos que são como um “programa de TV, programa de rádio, sites e canais na Internet, livros, revistas, etc” (Torres, 2011, p. 15). Em Portugal, “a oferta televisiva” aumentou nos últimos anos, devido ao aumento exponencial dos canais por cabo e ao facto de os seus conteúdos estarem disponíveis “em vários suportes multimédia” (Sá, 2017, p. 41).

Trata-se de um meio de comunicação que é caracterizado pela velocidade e imediatismo, o que é particularmente preocupante em termos informativos. Cabe refletir, como fez Pierre Bourdieu, sobre “as relações entre o pensamento e rapidez” e a “pressão da urgência” na televisão, a partir da sua questão fundamental: “Será possível pensar na rapidez?” (Bourdieu, 1997, p. 23). Theodor Adorno defendia, já na década de 1950, que “a maioria das emissões televisivas visa hoje produzir, ou pelo menos reproduzir, a suficiência, a passividade intelectual e a credulidade que parecem concordar com os credos totalitários, mesmo se a mensagem explícita dos espectáculos é antitotalitária” (Adorno apud Cádima, 2001, p. 159). Autores mais recentes caminham no mesmo sentido, sublinhando a inversão de valores que a televisão veio potenciar. “Os media, e nomeadamente a televisão, devido à concorrência e às guerras de audiências, impõem, na prática, «a subordinação do interesse público ao interesse do público»” (Brandão, 2006, pp. 100-101).

Sendo a sua audiência tão vasta e diversificada, os efeitos do consumo televisão são, sem dúvida, complexos. Como observa Roger Silverstone:

“precisamos de pensar na televisão como uma forma psicológica, social e cultural, bem como económica e política. Precisamos de pensar no meio como mais do que uma fonte de influência, benigna ou maligna. Precisamos de pensar a televisão enquanto incorporada nos múltiplos discursos da vida quotidiana” (Silverstone apud Francisco, 2012, p. 59).

É, pois, tendo em consideração as implicações da televisão nos vários domínios da sociedade, que se desenvolve este trabalho sobre o jornalismo televisivo e, mais concretamente, o repórter televisivo.

1.2. O Jornalismo Televisivo

No estudo que levou a cabo sobre os telejornais das televisões portuguesas, o jornalista e investigador Adelino Gomes salienta a relevância da preparação de um noticiário (e das peças jornalísticas que o integram), afirmando que “o planeamento constitui uma das atividades centrais numa redação de televisão” (Gomes, 2012, p. 192). O autor define o telejornal como algo que “funciona como uma entrega de notícias que pretendem oferecer um retrato do país e do mundo num determinado período” (Gomes, 2012, p. 205). Sendo um dos aspetos muito questionados na atualidade e um dos motivos para existir críticas, a longa duração dos telejornais parece relacionar-se com a “pressão das audiências e da publicidade” (Gomes, 2012, p. 202). Neste contexto, o rigor jornalístico corre, por vezes, o risco de passar para um plano secundário.

A pressão pelas audiências é hoje uma realidade fortemente sentida nas redações. “São os níveis de audiências o que toda a gente tem hoje na cabeça” (Bourdieu, 1997, p. 22), fazendo com que a informação televisiva tenha esse objetivo principal, afastando-se, muitas vezes, dos princípios fundamentais da prática jornalística. “É em termos de sucesso comercial que em toda a parte se pensa”, conclui Pierre Bourdieu (1997, p. 22). Seguindo esta lógica, corre-se o risco de os valores de mercado ultrapassarem os valores do jornalismo.

O que se assiste é cada vez mais a uma lógica de *infotainment*, que resulta da junção das palavras *information* e *entertainment*, ou seja, informação e entretenimento. A contração deve-se a uma “aproximação entre os dois campos favorecida pela linguagem televisiva” (Cascais, 2001, p.113). É importante não esquecer, como afirma Alain Woodrow, que “apontar uma câmara de televisão para um acontecimento não o transforma automaticamente numa informação”. O seu efeito pode ser outro: “na melhor das hipóteses transforma o espectador em voyeur e desencadeia nele emoções” (Woodrow, 1996, p. 48). Como refere Mário Mesquita,

“a programação televisiva configurou-se, cada vez mais, como um tempo de espectáculo permanente, paralelo às horas de trabalho. Com o desenvolvimento da indústria, a concentração dos media e o predomínio da televisão comercial e privada, os espaços informativos foram progressivamente englobados e contagiados pela lógica de divertimento do continuum televisivo” (Mesquita, 2003, pp. 84-85).

No estudo de Adelino Gomes já referido, o autor apelida o alinhamento de um telejornal de “desalinhado”, precisamente devido à abundante presença do info-entretenimento na informação noticiosa. Este problema deve-se, em sua opinião, à “concorrência entre as estações, pautada no dia-a-dia pelo sobe e desce das audiências”, o que contamina a informação (Gomes, 2012, p. 208).

Adelino Gomes esteve, enquanto observador, nas redações dos telejornais da RTP, SIC e TVI, percebendo que a preocupação de quem faz um telejornal está nas audiências e na concorrência, em vez de se centrar nos ideais jornalísticos. Esta conclusão é, de resto, reconhecida pelos coordenadores dos telejornais: “Eles não escondem até que, exceptuado o primeiro bloco noticioso, dominado, por via de regra, pelas chamadas *hard news*, o alinhamento final traduz uma ordem de importância diferente daquela que a própria redação conferiu às notícias” (Gomes, 2012, p. 205).

Uma das características principais de um telejornal é o seu grau de atualidade (como o jornalismo em geral). Ou seja, “o imperativo da atualidade continua a ser o argumento decisivo”, para os telespectadores continuarem “a comparecer em tempo real nesse encontro diário com as notícias” (Gomes, 2012, p. 206). Ora, isso acentua a necessidade de obter informações o mais rapidamente possível para possibilitar a sua transmissão nos noticiários. Como diz Nelson Traquina, “os membros da comunidade jornalística querem as notícias tão ‘quentes’ quanto possível, de preferência ‘em primeira mão’. Notícias ‘frias’ são notícias ‘velhas’, que deixaram de ser notícia” (Traquina, 2002, p. 148).

Segundo Hamistelle Soares, a informação televisiva apresenta um menor número de notícias do que os outros meios e mostra, muitas vezes, “uma só corrente de pensamento”, o que faz com que “o que está sendo dito pareça ser a verdade absoluta” (Soares, 2012, p. 2). De facto, o jornalismo oferece aos cidadãos uma construção da realidade, mas também, uma reconstrução dessa realidade, devido ao “facto do seu poder de seleccionar, ou não seleccionar, determinados acontecimentos para serem transformados em notícias.” (Brandão, 2016, p. 16). Através do discurso pode-se “privilegiar, ou não, visões

negativas, sensacionalistas, dramáticas, emotivas ou indutoras de espetacularidade” (Brandão, 2016, p. 16).

Ora, no jornalismo televisivo verifica-se uma predominância de acontecimentos negativos, uma vez que estes “são mais importantes de serem transformados em notícia, do que os positivos” (Brandão, 2016, p. 16). Uma vez mais, a busca por maior audiência é um fator decisivo na hora de fazer opções editoriais. De acordo com Nelson Traquina

“para os jornalistas e para muitas vozes na sociedade, o polo negativo do campo jornalístico é o polo económico, que associa o jornalismo ao perfume do dinheiro e a práticas, como o sensacionalismo, em que o principal intuito é vender o jornal/telejornal como um produto que prende os leitores/os ouvintes/a audiência, esquecendo os valores associados à ideologia profissional” (Traquina, 2002, p.15).

Cada vez mais, a televisão opta por notícias de cariz desportivo, em primeiro lugar no alinhamento do telejornal. Uma opção que vai ao encontro do interesse do público, ou seja, notícias que suscitem curiosidade ao telespectador. Além das notícias desportivas, são também mais comuns as de “catástrofes naturais, dos acidentes, dos incêndios”, ou seja, as notícias que não exigem “qualquer competência específica prévia, nomeadamente política” (Bourdieu, 1997, p. 54). Neste sentido, a imagem – e sobretudo a imagem dramática – parece sobrepor-se a qualquer discurso que procure fazer pensar ou questionar um assunto ou acontecimento. Como observa Goulart Brandão, “estamos perante uma informação televisiva que promove aquilo que é uma ‘desrealização do mundo’, onde a ‘massa fantástica das imagens estilhaçou as construções simbólicas’” e onde o telespectador é “reduzido a um estado de ‘embrutecimento’” (Brandão, 2006, p. 221).

2. O Estágio na SIC

2.1. Breve contexto histórico e evolução do canal

A SIC (Sociedade Independente de Comunicação) foi o primeiro canal de televisão privado a surgir em Portugal, a 6 de outubro de 1992. Nesse dia, a jornalista Alberta Marques Fernandes abriu o noticiário da tarde do canal, que começou por emitir apenas a partir das 16h30 nos dias úteis e, aos fins-de-semana e feriados, depois das 14h00. A SIC foi fundada por Francisco Pinto Balsemão, grande empresário dos media portugueses, que iniciara o seu percurso nos jornais, na década de 1960, no extinto *Diário Popular* e que, já no fim da ditadura, em 1973, havia fundado o semanário *Expresso*, ainda hoje uma referência na imprensa nacional. No seu livro de memórias, Pinto Balsemão recorda que, na época, “em vários países europeus, os serviços públicos de televisão se mantinham firmes”, verificando-se, “no entanto, uma progressiva abertura, imposta pela evolução tecnológica, à coexistência com canais privados”. Por isso, acrescenta, desde 1985, começou “a defender publicamente a necessidade da existência da televisão privada em Portugal” (Balsemão, 2021, pp. 694-695).

Em 1991, foi aberto um concurso público para dois canais de televisão privados, tendo saído vitoriosos os projetos liderados por Balsemão, a SIC, que passa a ocupar o canal 3, e o da Igreja Católica, a TVI – Televisão Independente, a quem é atribuído o canal 4 (e que só emite a partir de fevereiro de 1993). Os canais públicos ocupavam as primeiras posições: RTP 1 e 2, respetivamente. A partir daí, e até a SIC estar “no ar”, sucederam-se meses de intensa atividade. “Havia três áreas a considerar: a informação (ou seja: o jornalismo), o entretenimento (ou seja: os programas de ficção – séries, filmes, etc. -, os concursos, a música, etc.) e a imagem, o look da SIC”, recorda o fundador (Balsemão, 2021, p. 717).

O projeto idealizado por Pinto Balsemão para a SIC em termos informativos era ambicioso e procurava, de facto, transformar o tipo de jornalismo praticado na altura (pelo menos em termos televisivos) e também oferecer programas não informativos alternativos aos dos canais de serviço público. Para liderar a informação do novo canal, Balsemão contrata um nome de peso, um jornalista experiente:

“Para a Informação, escolhi Emídio Rangel. Quase não o conhecia, mas tinha boa opinião acerca do trabalho que realizava na TSF, onde conseguira fazer informação diferente, atraente, desempoeirada e, sobretudo, revelando capacidade de tratar de assuntos até aí pouco ou nada abordados. E essa era a parte que mais me interessava para o jornalismo que queria fazer na SIC” (Balsemão, 2021, p. 717).

Seguiram-se tempos desafiantes. “Nem Pinto Balsemão nem o seu colaborador mais próximo, Emídio Rangel, tinham qualquer experiência na área televisiva”. Acresce que “dois terços dos jornalistas recrutados para a informação nunca tinham enfrentado uma câmara e, num país onde a RTP operou sempre em monopólio, não havia um mercado alargado de técnicos e outros profissionais de televisão” (Sousa, 1999, p. 13). Apesar de tudo isso, Emídio Rangel recordará, anos mais tarde, esses tempos e a forma como encarou o grande desafio que lhe foi proposto, e que aceitou em menos de 48 horas:

“Eu tinha uma grande experiência na TSF daquilo que devia ser a mudança da informação na televisão. No fundo a lógica era a mesma: acabar com o Portugal sentado, com a informação burocrática e hierarquizada pelo respeitinho cego. Tínhamos como dever chegar aos locais em que a notícia acontecia: quer fosse uma aldeia, quer fosse uma grande cimeira internacional. Dar visibilidade mediática às pessoas e ao povo. Aproximar a televisão, a sua informação e programação, das pessoas. Na altura só apareciam na televisão as pessoas poderosas. Era necessário democratizar a televisão”¹.

Emídio Rangel dirigiu a informação, acumulando com a direção de programas da SIC, até 2001. Em apenas três anos, a estação ultrapassou a RTP, e passou a liderar as audiências. Além dos noticiários, multiplicaram-se os programas de entretenimento: de humor, *talk shows*, concursos, juvenis e as telenovelas brasileiras, através da parceria estabelecida desde o início com a TV Globo brasileira. Assim, são vários os formatos transmitidos pela SIC – de entretenimento, mas também de informação - que fizeram história e ficaram na memória dos portugueses ao longo dos anos.

¹ Entrevista de Emídio Rangel ao *Jornal i*, 24/03/2014. Disponível em: https://ionline.sapo.pt/artigo/341304/emidio-rangel-a-tsf-e-a-sic-acabaram-com-a-informacao-hierarquizada-pelo-respeitinho?seccao=Portugal_i (Consultada a 24 de junho de 2023).

O grupo IMPRESA, cujo conselho de administração é presidido por Francisco Pinto Balsemão, e do qual a SIC faz parte (juntamente com outros órgãos de comunicação social), foi crescendo com o passar do tempo. Em 1997, nasceu a SIC Internacional, tendo como objetivo chegar à comunidade portuguesa que se encontra espalhada pelo mundo. Ao longo dos anos, a cobertura foi sendo alargada a cada vez mais países², notando-se igualmente um esforço para diversificar a programação e aumentar as horas de transmissão. Note-se que a SIC começou a emitir 24 horas por dia, todos os dias da semana, apenas em 2002.

A forte aposta na informação e nos mais diversos tipos de conteúdos, numa conjuntura marcada por grandes transformações tecnológicas ao nível da distribuição, levou o canal privado a entrar no universo dos canais de cabo. Em paralelo, a SIC foi acompanhando as tendências internacionais na vertente multimédia (a SIC Online), designadamente através do seu site e das plataformas digitais.

Em 2000, é lançada a SIC Gold, canal temático, que transmitia, em repetição, os programas de maior sucesso da história do canal televisivo, acabando por ser substituída, quatro anos depois, pela SIC Comédia. A afirmação da aposta no jornalismo e numa informação inovadora, rigorosa e permanentemente atualizada acentuou-se a 8 de janeiro de 2001, com o surgimento da SIC Notícias (inicialmente designada CNL- Canal de Notícias de Lisboa), um canal temático, dedicado à informação. No mesmo ano, surgiu a SIC Radical, procurando captar a atenção de um público mais jovem. Depois, em 2003, a SIC Mulher (especialmente dedicado ao público feminino), a SIC K em 2009 (dirigido a um público infantil) e, há 10 anos, a SIC Caras, que apresenta uma programação algo diversificada dentro do entretenimento, com especial destaque para programas de comentário e opinião sobre estilos de vida e figuras públicas. Durante estes anos, sucederam-se diretores de programas e de informação, entraram e saíram jornalistas da redação, apresentadores, mudaram-se estúdios e até mesmo o logotipo sofreu alterações. Houve uma aposta cada vez maior na ficção nacional, em *reality shows*, concursos, procurando, com estes e outros conteúdos, “alimentar e aproveitar certos temas de interesse e agrado garantido, tendo em vista o aumento das audiências e a vitória sobre a concorrência” (Correia, 1997, p. 159).

O pioneirismo da SIC revela-se também no facto de ter sido a primeira estação de televisão, em Portugal, a disponibilizar a transmissão dos seus canais em HD, em 2016.

² Atualmente em França, Suíça, Luxemburgo, África do Sul, Bélgica, Moçambique, Andorra, Angola, Reino Unido, EUA, Canadá, Brasil, Austrália e Cabo Verde.

Ao longo de 30 anos de existência, a estação de Carnaxide – que, em 2019, passou para Paço de Arcos – tem procurado reinventar-se, lançando novos produtos, aventurando-se em apostas inovadoras, criativas, num setor em constante mudança. São disso exemplos a criação da plataforma OPTO, em 2020, com a qual o Grupo IMPRESA permite a visualização exclusiva de conteúdos jornalísticos e produções de entretenimento aos seus subscritores ou a criação da marca ADVNCE que incorpora a comunidade de *gaming* e *esports* do país.

2.2. O Estágio: a escolha da SIC

Entre os meios de comunicação principais, o meio televisivo sempre foi o que mais me fascinou, devido à junção de três elementos-chave: imagem, voz e escrita.

Quando iniciei o mestrado em jornalismo a SIC foi, desde logo, a minha escolha para a realização do estágio. Os motivos são vários, além do meu interesse particular pelo jornalismo televisivo: a admiração que sempre tive pela forma como, na SIC, é transmitida a informação sobre o que se passa no país e no mundo, porque considero que se distingue dos outros canais televisivos pela procura constante de conteúdos inovadores e inigualáveis, porque julgo que revela muitos dos temas que merecem ser discutidos e debatidos em horário nobre e ainda pela informação rigorosa, sucinta e bem fundamentada que tem merecido a confiança dos telespectadores.

Fui acompanhando os noticiários e o trabalho de vários jornalistas da SIC, nos mais variados cenários (conflitos armados, em catástrofes naturais, em campanhas eleitorais, entre outros) e fui admirando a forma como o realizaram. Por isso, a escolha desta estação televisiva foi uma opção natural.

Como sempre tive especial interesse pela reportagem televisiva e por conhecer melhor as particularidades do papel do repórter, cedo tive a perceção de que o canal de Paço de Arcos aposta particularmente na reportagem de maior dimensão acerca de temas atuais, o que requer uma investigação mais aprofundada. Destaco, como marcante, o programa informativo “Essencial”, que é transmitido depois do Jornal da Noite, procurando explicar, investigar e esclarecer sobre temas atuais. No programa da jornalista Conceição Lino, criado em abril de 2021, a reportagem ganha um grande protagonismo e é possível perceber as grandes investigações que estão por trás dos trabalhos apresentados. Percebe-

se também a exigência que comporta a reportagem a nível, por exemplo, de tempo, uma vez que são precisos mais contactos, fontes e mais trabalho no terreno.

Por fim, além dos trabalhos mais aprofundados, que se percebe que são maioritariamente realizados por jornalistas com mais experiência profissional, outro aspeto que chamou a minha atenção na SIC é a aposta em jovens jornalistas. A presença dos mesmos na informação do canal privado é visível nos noticiários, o que constituiu uma perspetiva aliciante em termos de estágio: integrar uma redação com diferentes gerações de jornalistas.

2.3. O calendário e a organização do estágio

Coincidindo com o segundo semestre do último ano de mestrado em Jornalismo, o estágio que realizei na SIC começou a 16 de janeiro de 2023 e prolongou-se até 16 de junho do mesmo ano. Cinco meses, que faziam parte do protocolo estabelecido entre o canal e a Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

Na reunião de boas-vindas ao canal, onde conheci algumas das pessoas com quem viria a trabalhar, informaram-me também que, ao longo do estágio, seria obrigatório passar por três fases distintas. A primeira fase seria na SIC Notícias, pela qual todos os estagiários têm de passar. No meu caso, esta fase começou no dia 16 de janeiro de 2023 e terminou a 19 de fevereiro de 2023, fazendo o horário das 8 horas às 16 horas, com duas folgas semanais. A informação da SIC Notícias encontra-se dividida em quatro Edições (Manhã, Meio-Dia, Tarde e Noite), sendo que eu integrei a Edição do Meio-Dia.

Depois de terminada a primeira etapa, passaria à segunda fase: o estágio na SIC. O caminho feito na SIC podia partir do próprio estagiário, ou seja, o estagiário podia sugerir quais as duas editorias de que mais gostava. As minhas preferências recaíram nas editorias de Sociedade e Cultura.

Integrei a Editoria de Sociedade, entre 20 de fevereiro e 30 de abril, com um horário de trabalho das 9 horas até às 18 horas, mantendo-se as duas folgas semanais. Esta editoria dedica-se, sobretudo, aos temas sobre educação, saúde, ambiente, criminalidade, justiça e ciência e tecnologia. Nos primeiros tempos em Sociedade, era importante, como estagiária, conhecer e observar a equipa, acompanhar de perto o trabalho realizado diariamente pelos jornalistas de Sociedade. Ir até aos locais e acompanhar a investigação em campo dos jornalistas também era fundamental, o que estava previsto acontecer a partir do dia 23 de fevereiro, a primeira vez que, de facto, acompanhei um serviço de

reportagem. A jornalista era a Diana Pinheiro, o repórter de imagem era o Pedro Cardoso e o tema “educação”. Passamos mais de seis horas no Ministério da Educação, o que resultou em cinco diretos para a SIC Notícias e um direto para o Primeiro Jornal, da SIC. Era dia de negociações entre a FENPROF (Federação Nacional dos Professores) e o Ministério da Educação. Além das entrevistas a Mário Nogueira (secretário-geral da FENPROF), a André Pestana (líder do sindicato STOP), também houve espaço para ouvir alguns professores que se manifestavam em frente ao Ministério. Foi ainda necessário recolher mais depoimentos para construir uma peça para o Jornal da Noite. Nesse trabalho percebi a necessidade de realizar várias entrevistas, ouvir diferentes protagonistas, para que os diretos acrescentem informação, sejam distintos uns dos outros e a peça do Jornal da Noite tenha novidades relativamente às anteriores.

A partir daí, seguiam-se outros momentos relevantes onde teria maior autonomia: realização de entrevistas, de reportagens no terreno de forma autónoma e até de reportagens sobre temas propostos por mim. De 2 de maio a 16 de junho de 2023, o último dia de estágio, a Editoria de Cultura foi a minha morada, com um horário das 12 horas às 20 horas.

O primeiro serviço de reportagem aconteceu no primeiro dia de estágio nessa editoria. Acompanhada do repórter de imagem, Euclides Semedo, o serviço consistia em assistir aos ensaios do espetáculo “Disney In Concert”, entrevistando o maestro Nuno de Sá e também um dos quatro cantores que iriam atuar durante o espetáculo. A partir daí, faria os serviços habituais marcados na agenda, tal como já havia feito nas anteriores fases do estágio.

Nesta editoria teria, porém, um outro desafio. A semana em que integrei esta nova equipa coincidiu com a estreia do novo programa cultural do canal, intitulado “Todas as Artes”. O programa, dedicado exclusivamente às artes, ocupava-se de informações sobre concertos, exposições, peças de teatro e ensaios de espetáculos, mostrando também o que ninguém consegue ver, isto é, os bastidores. “Todas as Artes” era gravado todas as manhãs de quinta-feira e transmitido no próprio dia, pelas 01h45, na SIC.

Durante o estágio em Cultura, o meu trabalho diário baseava-se em fazer peças, as sugestões do programa³ e, mais tarde, os destaques⁴ que eram necessários em todos os episódios. Em síntese, o meu estágio decorreu da seguinte forma (tabela 1):

³ Um momento do programa em que são sugeridos eventos culturais (peças de teatro, exposições, concertos) para o fim de semana que se avizinhava.

⁴ Novidades culturais dos dias seguintes, acompanhadas de pequenos VIVOS.

Tabela 1 – Calendário do Estágio na SIC

Início do estágio	16 de janeiro de 2023
Reunião de boas-vindas	16 de janeiro de 2023
Estágio na SIC Notícias	16 de janeiro - 19 de fevereiro (8h-16h).
Estágio na SIC – “Sociedade”	20 de fevereiro e 30 de abril (9h-17h)
Estágio na SIC – “Cultura”	2 de maio a 16 de junho (12h-20h)
Fim do estágio	16 de junho de 2023

Fonte: Elaboração própria

2.4. Editorias de um estágio na SIC

Como se disse, a realização do estágio passou por três fases: a primeira no canal SIC Notícias e as outras duas no canal SIC. O trabalho realizado na SIC Notícias é transmitido ao longo das várias edições do dia (da Manhã, do Meio-Dia, da Tarde e da Noite), enquanto na SIC, a informação é transmitida em dois espaços: o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite.

A informação da SIC divide-se em sete editorias, tendo todas elas um coordenador, que organiza toda a equipa, planeando os serviços de reportagem e acompanhando o trabalho de todos os jornalistas que integram a respetiva editoria. Assim, na Cultura está Graça Costa Pereira, no Desporto a Elisabete Marques, na Economia o José Gomes Ferreira, no Internacional a Cristina Boavida, nas Novas Tecnologias o Lourenço Medeiros, na Política a Cristina Figueiredo e na Sociedade o Luís Garriapa.

Na Edição do Meio-Dia da SIC Notícias, onde estive na primeira fase do meu estágio, não existe especificamente um coordenador, variando a liderança. Foram vários os coordenadores com quem trabalhei, como Paula Mesquita Lopes, Joana Nabais, Joel Soares, Isabel Osório, Ana Luísa Fernandes, Rui Pedro Reis, entre outros.

Quando a primeira fase ficou concluída, seguiu-se o estágio na SIC, que começou pela Editoria de Sociedade. Ali era o coordenador Luís Garriapa que atribuía serviços de reportagem, ou seja, era quem escolhia os jornalistas que se deviam deslocar ao terreno para recolher informação e cobrir os acontecimentos. Todo o trabalho jornalístico de Sociedade que o coordenador organiza e seleciona segue para os alinhamentos dos noticiários do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite e da SIC Notícias.

A editoria de Sociedade dedica-se a temas como justiça, saúde, educação, ciência e tecnologia, e, por isso, para qualquer que seja o noticiário, eram esperadas pelo menos três peças, elaboradas por jornalistas desta editoria. Os jornalistas que compõem a editoria de Sociedade são: Ana Peneda Moreira, Carolina Reis, Diana Pinheiro, Diogo Torres, Dulce Salzedas e Pedro Freitas. O coordenador, Luís Garriapa, por norma, distribui os jornalistas pelas áreas em que estes se vão especializando. Por exemplo, escolhe o jornalista Pedro Freitas, pertencente a esta editoria, para cobrir acontecimentos sobre justiça, como aconteceu na investigação que o jornalista fez sobre o caso da alegada fraude cometida por Jacques Rodrigues, dono do grupo Impala.

A jornalista mais nova da editoria é Diana Pinheiro. Normalmente, é ela que faz as peças da área da educação, como, por exemplo, as notícias atuais sobre as negociações da FENPROF com o Ministério da Educação (local onde a jornalista está, muitas vezes, para realizar diretos para a SIC Notícias e para o Primeiro Jornal, da SIC). Outro exemplo é a jornalista Dulce Salzedas, que pertence à editoria de Sociedade, mais dedicada aos temas ligados à sua área de especialização: saúde.

A última fase do estágio, na editoria de Cultura, teve como principal foco as peças sobre as artes (sobretudo cinema, teatro, música, literatura, pintura, dança, fotografia, artes plásticas). A equipa de Cultura tem como coordenadora Graça Costa Pereira e é composta por cinco jornalistas (André Pacheco, Bárbara Lima, Cristiana Reis, Mariana Xavier e Sílvia Rato), uma produtora, um editor e dois repórteres de imagem. As peças de Cultura são transmitidas nos noticiários da SIC Notícias e, também, no Primeiro Jornal e Jornal da Noite, da SIC. Normalmente, as peças culturais assumem a última parte desses noticiários. A responsável editorial de Cultura, que fundou esta editoria em 2005, tem a função de organizar os serviços de reportagem, juntamente com o alinhamento do programa de cultura (“Todas as Artes”) que é transmitido semanalmente.

Todas as semanas há serviços de reportagem sobre exposições, ensaios de concertos ou outros espetáculos, entrevistas a artistas, sendo, normalmente, trabalhos planeados com bastante antecedência, uma vez que as datas dos eventos são divulgadas antecipadamente para garantirem a sua cobertura mediática. O programa “Todas as Artes” integra, como se disse, esta editoria. Com duração mínima de 30 minutos e máxima de 35, o programa aborda temáticas artísticas, seguindo um guião pré-definido, embora variado quanto aos conteúdos.

2.5. Diário de um estágio na SIC

À chegada ao edifício de Paço de Arcos, a 16 de janeiro do presente ano, surge o primeiro conselho aos novos estagiários: “Aproveitem o estágio e não tenham medo de fazer perguntas.” Um dos elementos do gabinete de recursos humanos alertou, de imediato, para o facto de ser importante não ter medo de falar, de perguntar, de tirar dúvidas. Para que o estágio fosse prazeroso seria fundamental retirar o maior proveito dele e, por isso, salientava a importância de explorar tudo até ao último dia.

Antes de começar o estágio, foi importante perceber como é que a redação estava organizada e distribuída por equipas e editorias. Cedo percebi que são cerca de 150 jornalistas em redação, que todos os dias tentam levar a melhor informação até ao telespectador. A SIC Notícias apresenta as quatro edições que já mencionei e que estão 24 horas em permanente transmissão: a Edição da Manhã com o horário das 4 horas às 10 horas, a Edição do Meio Dia das 8 horas às 16 horas, a Edição da Tarde com o horário das 12 horas às 20 horas e a Edição da Noite das 18 horas às 2 horas. A Direção de Informação criou, no ano passado, o cargo de editor do dia da SIC Notícias. Esta função veio ajudar na gestão diária da redação, estabelecendo contacto entre todas as edições ao longo do dia. Os jornalistas estão organizados pelas editorias e respetivas equipas do Primeiro Jornal, Jornal da Noite, Reportagem Especial e Grande Reportagem (estas da SIC).

Também se encontra espaço na redação para os jornalistas do jornal *Expresso* e, ainda, para a secção Online e Redes Sociais da SIC Notícias. A Direção de Informação da SIC e SIC Notícias está a cargo de Ricardo Costa. Os diretores-adjuntos são José Gomes Ferreira e Bernardo Ferrão e as subdiretoras são Patrícia Moreira e Marta Brito Reis.

Diariamente, os noticiários têm um coordenador, que é o responsável por todo o alinhamento editorial e pela organização dos serviços que os jornalistas têm para fazer. Perto do início de um noticiário, o coordenador e o pivô preparam-se para o direto, o pivô no estúdio e o coordenador na régie, onde está com a restante equipa de emissão do noticiário. É na régie que a “magia acontece”. Nela encontram-se os profissionais essenciais à produção de um noticiário: o realizador, que é o responsável por tudo o que vai para o ar e o único que pode alterar a forma do alinhamento, o coordenador, o produtor, os *line-producers* (os que ficam responsáveis pelas frases e oráculos que entram na emissão), o infografista, os operadores de controlo de imagem e áudio. No estúdio encontra-se o pivô e os operadores de câmara.

O momento mais aguardado é aquele em que se ouve o realizador a fazer contagem decrescente de 10 segundos para a emissão entrar no ar. Nesse preciso momento, a “magia entra em ação”. Mas todo o trabalho jornalístico só é possível, porque existe uma Agenda. A Agenda é a base de tudo o que acontece: “começa tudo aqui”, como me disse a jornalista e coordenadora Isabel Santana, no dia 28 de fevereiro.

Todos os dias chegam à redação 700 a 800 emails. Segue-se a sua triagem, que é sempre feita para o dia seguinte. Perceber o que é ou não é relevante investigar para, eventualmente, transmitir, é algo “subjetivo, por ser feito por pessoas”, como contou a coordenadora da editoria, ao explicar esse trabalho diário. Além dos emails, a equipa de Agenda também faz uma pesquisa detalhada de notícias que se encontram na ordem do dia, nomeadamente através da leitura dos jornais e recebe muitas sugestões dos telespectadores.

De seguida, procede-se à ficha de Agenda que, segundo Isabel Santana, “serve para facilitar a vida aos jornalistas”. A ficha de Agenda, categorizada por Efemérides, Greves, Sociedade, Política, Parlamento, Economia, Desporto, Internacional, Porto (e Minho), etc., apresenta os títulos criados pelos elementos da Agenda sobre os assuntos que serão noticiados no dia seguinte. Cada título tem os contactos das fontes de informação necessárias para determinado assunto e ainda um pequeno texto que serve de entrada, isto é, de contexto, para o jornalista conhecer o tema previamente. Quando a Agenda está delineada, os coordenadores de cada editoria reúnem-se, o que acontece por volta das 15h, para decidirem o *Planning*, ou seja, qual o planeamento das reportagens que se vão realizar no dia seguinte.

Os produtores de informação, que estão sentados na *Newsdesk*⁵, têm de marcar os serviços e ajustar todos os recursos necessários para os repórteres, correspondentes, comentadores e enviados especiais, poderem entrar no ar. Ao lado destes produtores, está a sala da *Central News*. Quanto aos produtores editoriais, estes têm o papel de agendar a ida dos convidados e comentadores a estúdio. Após escolherem os convidados que vão estar presentes nos programas de informação, dão conta dessas escolhas ao coordenador que está na equipa naquele momento. O coordenador terá de organizar, no alinhamento do programa, a entrada/participação desses convidados. É também da responsabilidade da produção editorial os contactos de serviços que os jornalistas devem fazer em reportagem.

⁵ A principal função é colocar no ar todos os diretos que fazem parte de um noticiário.

Todos os dias, o trabalho realizado é transmitido pelas Edições (Manhã/Meio-Dia/Tarde/Noite) da SIC Notícias e pelo Primeiro Jornal e Jornal da Noite da SIC. A informação da SIC divide-se em sete editorias: Cultura, Desporto, Economia, Internacional, Novas Tecnologias, Política e Sociedade. Nas várias editorias, trabalha-se com base na atualidade noticiosa de tudo o que se passa no país e no mundo. Esta rotina leva o estagiário a ter de lidar com a pressão do tempo, trabalhando, muitas vezes, com um ritmo acelerado, devido à exigência da transmissão da notícia para o “Última Hora” e da pressão de informar durante as 24 horas do dia.

Apesar deste desafio alucinante que marca o dia-a-dia numa redação, o estagiário realiza o seu trabalho diário de forma um pouco solitária, uma vez que não existe, efetivamente, um acompanhamento direto. Este problema pode ser justificado pela falta de tempo da parte dos outros jornalistas e pela falta de recursos humanos na redação. Nota-se a escassez de jornalistas para a cobertura de tantos acontecimentos. Assim, as experiências vividas durante o estágio acabam por ser, em grande medida, uma decisão do próprio estagiário, que se vai confrontando com algumas hipóteses de trabalhos ao longo do tempo.

Aceitar desafios, serviços de reportagem, entrevistas, foi uma responsabilidade do estagiário, que podia optar por recusar ou não as tarefas solicitadas pelos coordenadores. Esta autonomia que é oferecida ao estagiário levou, no meu caso, à oportunidade de me envolver, todos os dias, nas várias tarefas que me eram propostas. As dificuldades foram, muitas vezes, enormes, no que diz respeito à adaptação a uma nova rotina, a trabalhar com colegas novos e com métodos novos, a aprender a lidar com a pressão do tempo e com os imprevistos que iam ocorrendo.

Foram cinco meses intensos, onde houve espaço para aprender, falhar e crescer, no mundo do jornalismo televisivo. Contarei, de seguida, de forma sintética, o que mais destaque do que fiz e aprendi durante este estágio.

2.5.1. O estágio na SIC Notícias - Edição do Meio-Dia

16 de janeiro a 19 de fevereiro

O primeiro dia de trabalho no meu estágio, 17 de janeiro, arrancou pelas 8 horas. A primeira fase do estágio, passada na Edição do Meio-Dia, durou mais de um mês. O horário de trabalho que me coube foi das 8 horas às 16 horas.

Nesta edição, os trabalhos realizados consistiam na escrita de notícias e na construção do respetivo bloco de imagens. Uma das funções da equipa era fazer OFF's, que são pequenas notícias escritas na plataforma AP ENPS, que o pivô irá ler, com cerca de 30 segundos a 1 minuto. Os OFF'S fazem-se acompanhar de um bloco de imagens⁶, criado na plataforma *Hive*⁷, podendo ter no máximo 6 minutos.

Seguem-se os TH's, entre 30 e 45 segundos, que se traduzem em *talking heads* (são os excertos das declarações dos entrevistados), editados no *Hive*. Este trabalho era ainda acompanhado de uma a duas frases, no máximo, lidas pelo pivô do noticiário que estivesse a decorrer. Elaboram-se também os “Destaques”, que têm entre 10 e 20 segundos e correspondem à abertura do noticiário, lida pelo pivô. A sua função é introduzir os temas que estão na ordem do dia.

Esta editoria tem muitos coordenadores, com os quais fui convivendo: Ana Luísa Fernandes, Isabel Osório, Joana Nabais, Joel Soares, Paula Mesquita Lopes, Pedro Andersson, Rui Pedro Reis e Tiago Cortez.

Tive igualmente oportunidade de trabalhar de perto com os pivôs dos noticiários, o que considero ser uma mais-valia para a qualidade de trabalho, pois consegue-se corrigir eventuais erros logo no momento da preparação dos textos, através das sugestões dos próprios jornalistas que os vão ler em direto. Os pivôs da Edição do Meio-Dia, com os quais me cruzei, foram: Augusto Madureira, Marta Atalaya, Paulo Nogueira, Ana Penedo Moreira, Rita Neves e Liliana Carvalho.

Além de coordenadores e pivôs, os jornalistas que integram a equipa do Meio-Dia ajudam em todos os trabalhos realizados pelos estagiários. Só ao fim de algum tempo de experiência na redação é que nos é dada alguma autonomia e distribuído mais trabalho. Conteí, em particular, com a importante ajuda de jornalistas como Manuela Vicêncio, Estela Santos, João Maldonado e Ana Alvarinho, por exemplo, para melhorar a minha forma de escrever e adaptar a escrita ao meio televisivo.

Rapidamente percebi que passar, na primeira fase do estágio, pela experiência de trabalho na SIC Notícias, seja em qual for a Edição, é fundamental para qualquer jornalista, uma vez que, na minha opinião, ali ganhamos os conhecimentos básicos para saber gerir melhor o tempo e conciliar a necessidade de ter uma escrita rápida e eficaz, privilegiando as ideias fundamentais a noticiar.

⁶ Complementam o texto lido pelo pivô.

⁷ Plataforma de edição utilizada na redação da SIC.

Uma das regras-chave que procurei seguir ao longo de todo o estágio e que, desde o início, muitos jornalistas partilharam, foi a base para tudo o que fiz: “Uma frase, uma ideia.” E foi com esta noção que embarquei na segunda etapa do estágio e no desafio de escrever uma peça numa manhã.

2.5.2. O estágio na SIC - editoria de Sociedade

20 de fevereiro a 1 de maio

O estágio prosseguiu na editoria de Sociedade, uma das editorias que compõem a redação da SIC. Com coordenação de Luís Garriapa, ali o estágio decorreu de 20 de fevereiro a 1 de maio. Havia dois horários disponíveis: o da manhã e o da tarde. A minha escolha recaiu no horário da manhã, compreendido entre 9 horas e as 17 horas.

As duas primeiras semanas foram importantíssimas para o desenrolar do estágio: consistiram em acompanhar os jornalistas no terreno. Diariamente eram vários os serviços de reportagem distribuídos. O coordenador da editoria de Sociedade, Luís Garriapa, escolhia com um dia de antecedência o serviço mais adequado para eu acompanhar.

O estágio ficou marcado por muitos e variados serviços de reportagem: por exemplo, a manifestação de professores e as negociações da FENPROF no Ministério da Educação (com a jornalista Diana Pinheiro), a greve de enfermeiros do Hospital dos Lusíadas (acompanhando o jornalista Cláudio França), o percurso de um protesto sobre a Greve Climática Estudantil (com o jornalista Hugo Garrido) e a falta de médicos no Hospital Beatriz Ângelo (acompanhando a jornalista Marta Sobral).

Sempre considerei esta fase de grande importância, porque, tendo em conta a minha inexperiência enquanto jornalista, observar em primeiro plano o trabalho próprio de cada profissional, a forma como cada um atuava no terreno, entrevistava e interagia com as pessoas, preparava o direto, era uma enorme aprendizagem para mim. Fosse qual fosse o jornalista e repórter de imagem com quem saísse, significava mais conhecimento e experiência. Cada serviço era mais uma aprendizagem, mais apontamentos com dicas e sugestões que juntava ao meu bloco de notas. Normalmente, cinco folhas escritas de notas e conselhos por serviço, era o que retirava de cada saída para o terreno. Anotava tudo o que de relevante ouvia e observava. Via atentamente a forma como o jornalista preparava um direto, quais eram as perguntas que fazia a determinado entrevistado, como se posicionava, como escolhia os entrevistados, etc.

À chegada à redação, depois de cada ida ao terreno, o objetivo, enquanto estagiária, era o de construir as peças, também como forma de treinar e melhorar a escrita para televisão. “Deve-se visualizar sempre as imagens recolhidas pelo repórter de imagem antes de partir para a escrita. Deram-me este conselho e nunca mais me esqueci”, foram as palavras da jornalista da editoria de Sociedade, Diana Pinheiro, na minha primeira saída, acompanhando-a em reportagem. Outro dos conselhos que anotei como fundamental para a escrita de televisão é do jornalista Pedro Freitas, que me disse: “Escreve-se para as imagens”. O papel do repórter está aqui muito presente, na forma como olha para as imagens, nos enquadramentos que vai escolher para montar a peça. “Os cinco sentidos têm de estar todos apurados” quando um jornalista está a trabalhar, como me disse Catarina Neves, que se dedica, sobretudo, à Grande Reportagem.

A imagem é o principal aspeto diferenciador da televisão em relação a outros meios de comunicação social. Por essa razão, “visionar sempre” é o “primeiro passo”. Só no fim é que se “escreve o texto” e depois parte-se para a edição. Estes foram alguns dos conselhos que outra jornalista, Dulce Salzedas, me deu, indo ao encontro do que anteriores repórteres já me tinham dito.

Efetivamente, a televisão vive muito do poder da imagem e, por isso, todas elas são guardadas para futuros trabalhos. É na pasta *Planning*, no já referido *Hive*, que se encontram as imagens recolhidas no serviço do dia. Estas são fulcrais para a construção da peça, uma vez que servem de complemento ao texto que escrevemos. Aprendi que, muitas vezes, a peça em televisão começa com um detalhe que o jornalista encontrou e que é o mote para desenvolver o tema ao longo da notícia.

As peças começam com a descrição daquilo que o telespectador vê no ecrã, mas de forma a não dizer exatamente o que se vê. Por exemplo, se aparecerem imagens de um acidente, não é correto escrever “as imagens mostram um acidente...”, mas sim “cinco pessoas ficaram feridas...”. Aprendi que devemos tentar sempre contar a história a partir das imagens, descrevendo e explicando os factos. O texto só serve para completar, servindo de suporte às imagens. Os jornalistas escrevem de forma a dar intensidade à imagem que o público vê na televisão. As frases “foi com «esta» ideia que surgiu...”, “as chuvas torrenciais deixaram «esta» rua em Algés neste estado”, são disso exemplos.

Depois de a peça estar escrita, o passo seguinte é a sua correção. A procura de um jornalista disponível para apoiar nesta tarefa é uma missão, às vezes, complicada. Uma vez conseguida, com a peça corrigida, segue-se a gravação da *voz off*, ou seja, a leitura do texto produzido. De seguida, pede-se a opinião do coordenador, que ouve a gravação.

Se aprovar, dirigimo-nos para uma sala de edição disponível. O Editor de Imagem que estiver disponível edita a peça. Além da edição, o editor também tem a função de registar a peça no *Master* (o alinhamento que vai para o ar).

Sempre que temos entrevistas, é importante chegar à sala de edição, com os chamados VIVOS, que significam as partes cortadas das entrevistas que utilizaremos para compor a peça. Desta forma, estamos a ajudar o trabalho do editor, que apenas terá de montar o chamado “esqueleto” e “pintar”⁸: juntar os VIVOS com os OFF’S, distribuindo pelas imagens gravadas pelo repórter de imagem no local.

Nos primeiros 15 dias, escrevi e li as peças apenas como exercício de aprendizagem. Depois disso, surgiu a oportunidade de começar a sair em reportagem como jornalista de forma autónoma, acompanhada por um repórter de imagem. Até ao final do estágio, realizei 29 peças para o Primeiro Jornal, sendo que algumas passaram nas Edições da Tarde e da Noite, na SIC Notícias. No anexo 2 deste relatório, encontra-se uma lista de todas as peças jornalísticas que realizei durante o estágio.

Os temas e acontecimentos que trabalhei como jornalista estagiária de “Sociedade” foram vários. Desde greves de trabalhadores em vários ramos, ao Dia Mundial da Terra, à 7ª edição da festa animal em Oeiras, ao rescaldo de um incêndio, até à gala do Carro do Ano. Um dos serviços que me marcou aconteceu no dia 8 de março. No próprio dia, durante a tarde, uma das produtoras, Sónia Branco, ligou-me para ir ao evento “Carro do Ano”. Foi uma grande experiência, dada a absoluta autonomia que tive para a preparação da peça e realização de entrevistas no local. Era meia-noite quando cheguei à redação. Fiz um OFF e três TH’s para a SIC Notícias transmitir durante a Edição da Meia-Noite. No dia seguinte, estive durante a manhã a construir a peça, contando com a ajuda do jornalista Rui Pedro Reis.

A semana seguinte também ficou marcada por um episódio marcante neste meu percurso de estagiária: a busca de um bom tema para a realização de uma reportagem. Surgiu então a ideia de investigar a degradação das casas atribuídas pelo Estado aos guardas prisionais. A ideia original foi do jornal *Público*, que fez uma reportagem escrita sobre este tema. Quando a li percebi que queria ver o estado dessas casas, perceber o que “ali” descreviam e, por isso, propus ao coordenador André Antunes realizar esta reportagem em televisão.

⁸ Termo utilizado no meio televisivo que significa a junção na peça das vozes dos entrevistados e do jornalista com as imagens.

A resposta dele veio sem hesitação: “Faz, sim, boa. Acho que até temos o contacto do SNCGP (Sindicato Nacional Corpo Guarda Prisional).”

“Sem luz, janelas e portas: assim são as casas atribuídas pelo Estado aos guardas prisionais” foi o título da reportagem, de 4 minutos e 29 segundos⁹, que se traduziram em 17 dias de investigação. Entrevistei três guardas prisionais, estive em duas casas, uma sem condições de habitabilidade e outra em condições para habitar devido às obras que o próprio guarda prisional fez para que lá pudesse viver, recebi um comunicado da Direção-Geral da Reinserção dos Serviços Prisionais e do SNCGP. Contactei o IGFEJ (Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos da Justiça), mas não obtive qualquer resposta.

Enquanto realizava a reportagem, não deixei de fazer outros serviços a pedido do André Antunes. A ida a uma conferência de imprensa na sede da Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais, a uma manifestação de trabalhadores da empresa Parques de Sintra, a entrevista ao Secretário de Estado da Conservação da Natureza e das Florestas, João Catarino, a cobertura de um seminário sobre economia (“Como Medir O Seu Impacto?”) são disso alguns exemplos.

Fui tendo oportunidade de realizar trabalhos variados, que, no fundo, iam marcando a atualidade informativa. Fiz uma entrevista à Secretária-geral da Associação IUS OMNIBUS devido ao TikTok estar a ser alvo de processos, realizei peças sobre a turbulência de um voo entre Luanda e Lisboa, o aumento de turistas em Portugal, as altas temperaturas que se faziam sentir em Portugal, a mudança de hora, a Operação Páscoa da GNR, a bebé retirada dos escombros na Turquia que, finalmente, se reencontrou com a mãe¹⁰, um incêndio em Hamburgo, a falha de notificações de multas de trânsito¹¹, um ataque nos Estados Unidos da América, um colapso em Nova Iorque, entre muitas outras, que, como referido, se encontram no anexo 2 deste trabalho.

Nestes últimos exemplos referidos, as peças foram realizadas a partir de agências de notícias internacionais. Quando não era atribuído nenhum serviço, devíamos ver os sites das agências internacionais (a APTN e a Reuters), procurando notícias que pudessem ter relevância para um noticiário nacional. Se o coordenador aceitasse o tema, avançávamos para a realização da peça.

⁹ <https://sicnoticias.pt/pais/2023-03-30-Sem-luz-janelas-e-portas-assim-sao-as-casas-atribuidas-pelo-Estado-aos-guardas-prisionais-9929ca01>

¹⁰ <https://sicnoticias.pt/especiais/sismo-na-turquia-e-siria/2023-04-04-Bebe-retirada-dos-escombros-na-Turquia-reencontra-se-com-a-mae-52990fb7>

¹¹ <https://sicnoticias.pt/pais/2023-04-10-Multas-de-transito-nao-foram-cobradas-porque-autoridade-esteve-sem-servico-de-correio-e8cc976a>

Em relação às entrevistas, estas foram maioritariamente realizadas via *Skype* ou *Zoom*, na redação. A adaptação dos jornalistas à evolução das tecnologias tem contribuído para a substituição de uma ida ao terreno por vídeo chamadas a partir de um computador. O trabalho do jornalista está cada vez mais limitado às quatro paredes da redação. Contudo, consigo ver alguns aspetos positivos nesta nova realidade, como o facto de muitas fontes não poderem, muitas vezes, encontrar-se para uma entrevista presencial com o jornalista. Assim, o uso da internet veio contribuir para que se consiga marcar uma entrevista num curto espaço de tempo. Um dos temas em relação aos quais os jornalistas recorrem a entrevistas através de meios digitais é, por exemplo, a meteorologia. É comum vermos meteorologistas a entrarem, em direto, através de plataformas online.

Apesar disso, há peças que implicam obrigatoriamente deslocação ao terreno. É o caso, por exemplo, das que são realizadas no âmbito da rúbrica transmitida no Primeiro Jornal, “Prato do Dia”, que dá a conhecer ao público o produto mais procurado de determinada localidade do país. Para tal, é necessário que o jornalista se desloque ao local, são necessárias imagens do espaço, da preparação da confeção do produto, entrevistas aos proprietários e aos clientes. Tudo aspetos que precisam do olhar, do cheiro, do escutar, do tocar do jornalista. Neste caso, o jornalista, muitas vezes, até opta por provar.

Durante o meu estágio tive oportunidade de colaborar, precisamente, num dos episódios da rúbrica “Prato do Dia”, a pedido do coordenador do Primeiro Jornal, André Antunes. No dia do serviço de reportagem estaria de folga. Mas a oportunidade e a adrenalina de estar em reportagem durante todo o dia levou-me a aceitar. Assim foi. A 12 de abril fui a Vendas Novas conhecer a famosa receita das bifanas mais conhecidas do país. Ao final do dia, depois de oito horas em reportagem, cheguei à redação e escrevi a peça. Depois, pedi correção ao jornalista Diogo Torres, da editoria de Sociedade, que me ajudou na construção da peça. Como já decorria a hora das edições das peças do Jornal da Noite, os editores de imagem marcaram a edição da peça para o dia seguinte. Assim, no dia 13 de abril, estive durante a manhã a gravar a *voz off* e, de seguida, fui para uma sala de edição. A peça¹² foi transmitida no Primeiro Jornal, apresentado por Bento Rodrigues, no dia 18 de abril.

Durante o estágio na editoria de Sociedade, a pedido do coordenador Luís Garriapa, desloquei-me à Amadora para fazer a cobertura de um incêndio numa habitação. Não foi

¹² <https://sicnoticias.pt/programas/prato-do-dia/2023-04-18-Prato-do-Dia-venha-conhecer-o-segredo-da-bifana-de-Vendas-Novas-7e44664d>

um serviço fácil, tendo-me deparado com um cenário de alguma confusão: as testemunhas estavam nervosas e houve troca de acusações entre vizinhos. Contudo, consegui realizar o meu trabalho, ouvindo as fontes que relataram o que sabiam sobre a situação. A peça foi transmitida nesse mesmo dia na Edição da Tarde, na SIC Notícias.

No decurso da preparação das 29 peças televisivas que realizei, existiram vários imprevistos, problemas ou desafios de última hora. Muitas vezes, o problema prendia-se com a falta de comunicação. Numa ida para o terreno é preciso ter a certeza de que vamos para o sítio certo e que lá teremos os entrevistados pretendidos. Apesar disso, há contratempos que surgem: o entrevistado não está ou não foi previamente avisado de que deveria estar naquele lugar, não há autorização para se poder gravar em determinado sítio, etc.

Outro dos problemas que os estagiários enfrentam é, por vezes, a falta de valorização. Considero normal que lhes sejam atribuídos os temas e trabalhos que são mais acessíveis e menos complexos. Contudo, o que acaba, algumas vezes, por acontecer, é não estar atribuído um repórter de imagem ou até, simplesmente, o tema ser completamente irrelevante do ponto de vista da atualidade noticiosa.

2.5.2.1. Os temas mais frequentes durante o estágio na editoria de Sociedade

- **As greves e as manifestações de professores, enfermeiros e outros profissionais;**
- **A inflação;**
- **O caso Galamba.**

Alguns acontecimentos marcaram o estágio na redação. Vivemos um período de grande agitação social e isso, compreensivelmente, marcou a agenda da editoria de Sociedade. As dezenas de manifestações e greves que foram ocorrendo deram origem a muitos trabalhos realizados na SIC Notícias e na SIC. Estas ações partiam de sindicatos de professores, enfermeiros, ambientalistas ou profissionais de empresas, como o caso dos trabalhadores da Parques de Sintra, que exigiam melhores condições de trabalho.

Perdeu-se a conta à quantidade de diretos que alguns jornalistas fizeram em frente ao Ministério da Educação, assim como a quantidade de OFF´S e de Destaques a anunciar as cidades que teriam escolas encerradas, devido às greves, refletindo a instabilidade deste setor.

Outro acontecimento que marcou o estágio foi a subida da taxa de Inflação. O aumento dos preços dos bens alimentares levou o canal privado de Paço de Arcos a transmitir dezenas de diretos em mercados, a ter comentadores nos blocos informativos para debater este assunto, a realizar peças de forma a atualizar os portugueses sobre a evolução da taxa de inflação, com recurso a gráficos e a diversas infografias. Algumas das entrevistas relacionadas com este tema deram voz a comerciantes, aos próprios consumidores e clientes que se queixaram do aumento dos preços e das consequências desse aumento nas suas vidas.

O pedido de demissão do ministro das Infraestruturas, João Galamba, ao primeiro-ministro, António Costa, foi outro momento de grande protagonismo mediático neste período. A polémica relacionada com o ministro, que acabou por não sair do governo (o primeiro-ministro não aceitou a sua demissão), envolveu denúncias de alegadas agressões do seu adjunto, Frederico Pinheiro, à chefe de gabinete e assessoras do ministro e o furto de um computador. Desde o dia 2 de maio que este assunto foi recorrente na comunicação social. Aliás, foi, habitualmente, o primeiro tema tratado no alinhamento do Primeiro Jornal e no Jornal da Noite da SIC, que acompanhou o caso, apresentando os seus desenvolvimentos à medida que se foi sabendo mais pormenores acerca do mesmo.

2.5.3. O estágio na SIC - editoria de Cultura

2 de maio a 16 de junho

A última etapa do estágio correspondeu ao período em que integrei a editoria de Cultura, a 2 de maio e terminou a 16 de junho. Com coordenação de Graça Costa Pereira, esta editoria é composta por mais cinco jornalistas, dois repórteres de imagem, uma produtora e um editor de imagem.

A coordenadora que criou a editoria de Cultura na SIC, em 2005, Graça Costa Pereira, tem como funções organizar, antecipadamente, todos os serviços de reportagem que a equipa tem para realizar ao longo da semana e também fazer todo o alinhamento do programa cultural de que falarei adiante. Numa altura em que se avizinhavam os festivais de verão, muitos dos serviços, no final de maio e início de junho, baseavam-se na apresentação dos cartazes e dos artistas das edições deste ano e no planeamento de entrevistas a diretores e cantores.

Apesar dos poucos serviços de reportagem realizados, devido à equipa ser reduzida, a experiência na editoria de Cultura foi muito enriquecedora. Revelou-se um grande desafio

para mim, mostrando-me as particularidades desta editoria, que a diferenciam das outras. Desde logo, a escrita, que é bastante específica.

Existe um editor de imagem específico para esta editoria. Tiago Romão, editor de Cultura desde o início do ano, conta, relativamente como é o seu trabalho: “Nem é ser mais difícil [em relação a outras editorias], dá é mais trabalho.” Uma peça cultural demora mais tempo a ficar pronta. Normalmente, são duas horas de edição por peça. E porquê tanto tempo? Perante coreografias, música, vários entrevistados, entre outros aspetos, é difícil perceber de imediato a melhor forma de mostrar estas peças, uma vez que é necessário conjugar muitos elementos para que no fim o resultado fique coerente e apelativo.

A “respiração”, um dos elementos-chave nas peças culturais, prende-se com o momento em que o jornalista não fala, estando apenas as imagens a passar. E nesta editoria não há peça que não tenha “respiração”, aprendi durante esta fase do estágio. É fundamental para conectar a música, os passos, a dança ao telespectador. A música é outra ferramenta muito utilizada em peças de Cultura: dá ritmo, transporta o telespectador de imediato para o tema em questão e torna a peça mais dinâmica.

Apesar do esforço e trabalho dos profissionais desta editoria, algumas vezes as peças de Cultura não vão para o ar, acabam por ser transmitidas no dia seguinte ou até mais tarde. O facto de não serem prioritárias para o alinhamento do dia não significa que não sejam importantes ou que não seja necessário dar delas conhecimento. Existe é um prazo maior para as transmitir, pois, por exemplo, a reportagem sobre uma exposição que está um certo período numa galeria, pode ser transmitida em televisão tendo em consideração esse tempo em que pode ser visitada.

A pouca valorização da editoria de Cultura é uma das razões para a escassa procura por parte de coordenadores. E, de facto, é uma realidade facilmente visível pelo pouco espaço que é dado nos noticiários da SIC a acontecimentos culturais. Apesar das dificuldades que possam existir para colocar peças no “ar”, esta editoria é a única que faz todas as entrevistas no terreno. Todos os dias, há serviços de reportagem, o que quer dizer que há idas aos locais para entrevistar e recolher imagens sobre o tema a ser tratado.

Enquanto estive na editoria de Cultura, tive oportunidade de fazer algumas reportagens no exterior: um ensaio para o concerto “Disney In Concert”, a entrega do Prémio Mário Mesquita ao jornalista da SIC, Pedro Coelho, uma conferência de imprensa sobre a edição deste ano da ARCO Lisboa, o maior evento de arte contemporânea, e acompanhar o serviço de reportagem no concerto dos Excesso, no Altice Arena.

Na primeira semana que ingressei na editoria de Cultura, o programa cultural “Todas as Artes” iniciou a sua transmissão na antena da SIC. Tive então a oportunidade de poder integrar a equipa num momento de grande entusiasmo pelo começo de um novo projeto. O programa cultural trouxe ânimo aos jornalistas e até valorização, uma vez que passou a existir espaço e tempo para mostrar todo o trabalho diário desta editoria, em antena. Todas as peças que não eram transmitidas no Primeiro Jornal ou no Jornal da Noite, passaram a ser transmitidas na hora de emissão do programa de cultura. À quinta-feira, pelas 1h45, é transmitido o programa “Todas as Artes”, que conta com a parceria da Sociedade Portuguesa de Autores. Durante os setes dias de preparação, são várias as peças que se constroem, reportagens a acontecer, gravações de *voz off*. Não deixa, no entanto, de merecer uma reflexão o facto de um programa desta natureza – uma oportunidade para dar a conhecer as novidades culturais nacionais - ser emitido a uma hora tão tardia. Uma vez mais, assiste-se à cultura a passar para um plano secundário no domínio informativo.

2.5.3.1. Os temas mais frequentes durante o estágio na editoria de Cultura (“Todas as Artes”)

Como o programa “Todas as Artes” surgiu precisamente na minha primeira semana de estágio na editoria de Cultura, o meu trabalho direccionou-se todo para o programa, ou seja, todas as peças realizadas tinham como propósito integrá-lo.

Com a coordenação de Graça Costa Pereira, trata-se de um programa semanal, de 30 minutos, cuja preparação é feita ao detalhe, com uma estrutura bastante exigente, uma vez que é necessário criar, todas as semanas, uma lógica coerente entre as várias peças a apresentar ao longo do programa. Cada episódio tem um convidado, em que a pivô Sílvia Rato, tem de entrevistar, o que ocupa 15 minutos do programa. O tempo restante é ocupado com variadas rúbricas, como, por exemplo, a “Bastidores”. Esta rúbrica tem como objetivo mostrar aquilo que normalmente o público não vê de um espetáculo, o que se passa para lá das cortinas. Tal como o próprio nome indica, os bastidores de um ensaio de qualquer tipo de espetáculo cultural.

Outra rúbrica, por exemplo, é a “Dois na mesma Arte” que apresenta duas personalidades ligadas a uma determinada área artística. A partir do encontro entre as duas, segue-se um diálogo com perguntas iguais em que ambas respondem num frente a frente. O objetivo é perceber a ligação das duas pessoas à arte que as une.

As rúbricas mais exigentes são da responsabilidade dos jornalistas com mais experiência. A jornalista Mariana Xavier, que está na editoria de Cultura desde 2019, muitas vezes, ficava precisamente com a função de preparar as entrevistas para a rúbrica “Dois na mesma Arte”. As peças que realizei não foram transmitidas no programa, por uma questão de tempo ou de relevância. Contudo, o meu trabalho focou-se, depois, na realização das sugestões culturais que decorreriam brevemente. A minha função passou por escrever todos os dados sobre cada sugestão transmitida.

2.5.4. Reflexão a partir de duas reportagens

Foram muitas as reportagens realizadas por diversos jornalistas durante o meu estágio de cinco meses. De entre todas, há algumas que me marcaram: pela história, pelos testemunhos ou até pelo jornalista. Uma das que me vem logo à cabeça, e que sem dúvida me marcou, foi uma Reportagem Especial. A reportagem “Quero a minha vida de volta”¹³ foi escrita e sonorizada pelo jornalista Pedro Freitas e o tema relacionava-se com o sismo na Turquia que ocorreu durante o meu estágio. Trata-se de uma investigação detalhada sobre o que restou após três meses daquele desastre que deixou muitas famílias sem casas, mas principalmente, sem os seus entes queridos.

Era fim de semana de Páscoa, quando o jornalista comentou comigo que iria na madrugada daquele dia para a Turquia. A partir daí surgiram várias questões: “Qual o objetivo da reportagem?”, “Quem serão os entrevistados?”, “Quantos dias são precisos para recolher todo o material?”. Em poucos minutos, Pedro Freitas contou-me que iria estar dois dias inteiros na Turquia em busca de informações. Em 48 horas, o jornalista teria de conseguir tudo o que era necessário para compor a reportagem. Na entrevista que fiz a Pedro Freitas, este acabou por me revelar que o objetivo desta reportagem era conseguir “documentar o impacto do sismo naquela região tão afetada pelos terremotos, em Hatay.” Além disso, o jornalista acrescentou que a outra finalidade deste trabalho era entender de que forma o sismo teve impacto na vida das pessoas.

Pedro Freitas contou-me, então, o que para ele faz sentido enquanto repórter que chega ao terreno:

¹³ <https://sicnoticias.pt/programas/reportagemespecial/2023-05-01-Sismo-na-Turquia-e-Siria-tres-meses-depois-ainda-ha-vitimas-nos-escombros-e-edificios-a-desabar-ccff83f0>

“Não gosto de ir para o terreno e saber que vou entrevistar o x, y, z pessoa. Até porque isso, às vezes, acaba por não acontecer.

Chegar ao terreno e aquilo que os nossos sentidos permitem observar, sentir, tocar e deixar-nos levar por aquilo que estamos a ver. E é isso que pretendo sempre quando vou em reportagem. Tento fugir sempre das coisas que são programadas e clichés. Gosto de ir ao encontro do inesperado. Aquilo que a própria reportagem se encarrega de me mostrar”.

Fiquei surpreendida quando o jornalista me disse que não prepara nenhuma entrevista. Aliás, ele parte praticamente do zero, sem nenhum contacto direto para fazer uma entrevista. Disse-me que era natural entrevistar determinadas pessoas com cargos importantes e que saberia o quão cruciais seriam para a sua reportagem, mas, ainda assim, opta por ir sem qualquer entrevista preparada.

O jornalista, acompanhado pelo repórter de imagem José Eduardo Zuzarte, foi até à cidade de Hatay, na Turquia, no dia 9 de abril e regressou no dia 12 de abril. A partir desse dia, Pedro Freitas teve a missão de construir e montar toda a história. A data de transmissão seria a 1 de maio.

Quando a reportagem foi transmitida no Jornal da Noite, pelas vinte e uma horas e trinta e quatro minutos, fui um dos muitos telespectadores que se sentou no sofá para ver. Ao visualizá-la, percebi que Pedro Freitas se baseou, sobretudo, nas ajudas que chegavam até às crianças que sobreviveram à tragédia. Foi este o seu ângulo principal. Além delas, falou com outros sobreviventes, pessoas que perderam os seus familiares, professores e funcionários de uma instituição humanitária, como a Diretora de Políticas e Juventude da UNICEF¹⁴ Portugal, Francisca Magano, e a Diretora de Marketing da UNICEF Portugal, Luísa Motta. Mais de dois milhões e meio de crianças perderam tudo. A única ajuda partiu do apoio humanitário.

Uma das maiores preocupações que o jornalista detetou foi a educação. Com a ajuda da UNICEF, milhão e meio de crianças conseguiram regressa à escola. Contudo, mais de dois milhões, após três meses do sismo, continuaram sem escola. O repórter falou com professores que também sofreram com o sismo, como Huda Tarsuslu Yolcu, professora, que foi uma das sobreviventes que ajudou na educação das crianças, dando aulas a várias delas a partir das tendas humanitárias.

¹⁴ Fundo de Emergência Internacional para Crianças das Nações Unidas.

O terramoto de 7.8 na escala de Richter, deixou traumas e medos também nos adultos. Muitos não conseguiam entrar num prédio depois da tragédia. Três meses depois, há vítimas que nunca foram encontradas e que continuam nos escombros. Somente nesta cidade contabilizaram-se mais de doze mil mortos. Há prédios que continuam a desabar. É considerado o pior desastre natural na Europa nos últimos 100 anos. A reportagem dá-nos conta de tudo isso, apresentando uma visão muito completa do acontecimento. Uma reportagem com mais de dezassete minutos que mostrou ao detalhe o que restou e aquilo de que é preciso, quase três meses depois dos sismos na Turquia e Síria que provocaram, pelo menos, 50 mil mortos.

Foi uma reportagem de que gostei muito. Não só pelo sismo ter sido um dos episódios que me marcou durante o estágio, mas, principalmente, pela forma como o repórter e editor de imagem montaram toda a história. O Pedro Freitas é um dos jornalistas que se interessa por assuntos de cariz social e humanitário, de temas que podem vir a sensibilizar as pessoas, sendo que o seu objetivo, como diz, é sempre mostrar a realidade. Neste caso, num olhar mais humanitário e social, o jornalista Pedro Freitas procurou contar, em alguns minutos, o que restou do sismo e as condições dos sobreviventes, com destaque para as crianças e jovens que ficaram sem acesso à educação.

Outras das reportagens que marcou o meu estágio foi transmitida no dia 8 de junho e tinha como título “Ai Mouraria, Ai Portugal”¹⁵. Com quase 40 minutos de duração, a jornalista Catarina Neves preparou uma “Grande Reportagem” sobre o modo como as vítimas estão e vivem, após o incêndio, que ocorreu naquela zona de Lisboa, no dia 4 de fevereiro deste ano.

Em conversa com Catarina Neves, esta revelou-me que este tema foi uma sugestão da direção. Uma reportagem a partir de um incêndio que aconteceu em fevereiro e que precisava de ser investigado. Na “Grande Reportagem”, por norma, a escolha do tema é da origem do repórter. É ele que decide o que quer investigar. Por vezes, no entanto, também lhe são sugeridos temas para trabalhar.

Catarina Neves tem uma visão própria de como se deve começar uma reportagem de grande dimensão. E, para a jornalista, um repórter tem uma responsabilidade acrescida sobre como deve tratar determinado assunto, como me contou na entrevista que me concedeu:

¹⁵<https://sicnoticias.pt/programas/reportagensic/2023-06-08-Ai-Mouraria-Ai-Portugal-Grande-Reportagem-mostra-como-estao-as-vitimas-do-incendio-670716f9>

“Quando eu tenho de entrevistar três pessoas num cenário ao ar livre, o cenário passa a ser o meu estudo e eu tenho de dizer qualquer coisa: fazer as perguntas, relacionar um convidado com o outro, saber reagir à resposta que me está dada e concluir (sem ter um jornalista a escrever um pivô). Portanto, está tudo em cima de nós.”

Além disso, nessa entrevista que me concedeu, achei curioso uma frase que disse: “Acho que um repórter tem que ter os sentidos todos apurados.” A verdade é que só assim faz sentido ir para o terreno: ter a noção de que é preciso prestar atenção a tudo o que está à nossa volta. A importância de ouvir todas as partes da história é fundamental e é imprescindível, não só numa reportagem, como numa simples notícia de um minuto.

E é preciso tempo e recursos para ir aos locais. Mesmo assim, segundo esta jornalista, há espaço para reportagem na SIC. Contudo, “o que está a acontecer é que as reportagens de maior folgo implicam sempre, e isso é indiscutível, tempo de terreno e não há como fazer de outra forma. E é, cada vez mais, uma debilidade das redações”, afirma Catarina Neves. Esta reportagem tem, claramente, uma missão semelhante à reportagem referida anteriormente. A jornalista Catarina Neves pretendia mostrar como se encontravam as vítimas depois do incêndio que ocorreu na Mouraria e, em especial, em que condições vive a comunidade do sudeste asiático, neste bairro de Lisboa. O jornalismo de cariz humanitário tem a responsabilidade de colocar em evidência questões sociais, despertando para realidades esquecidas e que necessitam de mudanças.

3. O Repórter e a Reportagem: Reflexões a partir do estágio na SIC

3.1. A Reportagem, o género nobre do jornalismo

A reportagem é considerada o género nobre do jornalismo. É o género por excelência do jornalismo porque implica (ou deve implicar) tempo para investigar, ir aos locais dos acontecimentos, recolha direta de testemunhos, confronto de fontes e a construção de uma narrativa simples e acessível sobre o acontecimento. É “uma forma de experimentar os acontecimentos, num processo, numa duração, como se fosse o próprio leitor a recolher e reunir os dados para melhor os conhecer”, dando aos leitores, expectadores e ouvintes “a possibilidade de experienciarem os acontecimentos como se tivessem sido vividos pelos próprios” (Oliveira, 2021, p.35). Fernando Cascais, no seu *Dicionário de Jornalismo*, diz que

“o elemento fundamental na reportagem é este contacto direto do jornalista com o acontecimento, os seus locais, personagens, ações, e a arte da reportagem é saber transmitir através do texto, som ou imagens o que o repórter viu, ouviu, sentiu perante os factos que narra” (Cascais, 2001, pp. 167-168).

Tendo um papel determinante, “o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espetador não pode estar” (Lage, 2008, p. 23). Todavia, todo o esforço levado a cabo pelos jornalistas para a realização de uma reportagem parece entrar em confronto com “a efemeridade do tempo do jornalismo atual, em que os proprietários dos media, centrados em receitas imediatas, cortam nos custos e apostam em conteúdos de produção rápida”. Vistas as coisas deste prisma, “a primeira vítima é, neste cenário, a reportagem” (Marinho, Coelho e Júnior, 2021, p. 95)

Quando pensamos exclusivamente no caso da reportagem televisiva, as dificuldades à sua realização aumentam consideravelmente. Como sublinha o jornalista e investigador Pedro Coelho, “a televisão não é considerada a plataforma por excelência da investigação jornalística, ou sequer do próprio jornalismo” (Coelho, 2015, p. 114). Jacinto Godinho, que estudou aprofundadamente a reportagem televisiva, define-a do seguinte modo:

“O re-portar televisivo é composto, sobretudo, por um conjunto de princípios fundamentais que visam proporcionar uma experiência do acontecimento através do dispositivo da montagem possibilitando pelas “novas imagens” e, acrescento, pelos “novos sons”. O “re-portar” ativa uma “ligação” às realidades diferente do “noticiar” (telejornal), do “interpretar” (comentário), do “opinar” (crítica) e do “testemunhar” (entrevista)” (Godinho, 2011, p. 67).

Também Jean-Jacques Jaspers se refere à reportagem televisiva e, particularmente, à grande reportagem, esclarecendo que esta “mostra e faz sobressair um caso, uma situação, um problema particular, com o objetivo de dar a conhecer uma situação, ou um fenómeno mais geral” (Jaspers, 1998, p. 168). Alia, portanto, a descrição do evento à sua contextualização.

O autor espanhol Yanes Mesa define reportagem como “un género fruto de una investigación profunda mediante la cual el periodista describe, explica, informa, relata, analiza, compara e interpreta, y además lo hace con una libertad de uso de recursos lingüísticos que lo convierten en un texto de autor” (Mesa, 2004, p.197). Na sua tese de doutoramento, Geraldo Filho afirma que a “reportagem só é especial” devido ao facto de não fazer “parte do conjunto de gêneros produzido e veiculado, diariamente, pelas redações e receber tratamento diferenciado em todo processo de criação” (Filho, 2019, p. 62). Para o investigador, a reportagem:

“É ‘grande’ porque consome horas e recursos além do ciclo noticioso convencional, sendo mais longa e minuciosa que uma notícia. É ‘investigativa’ porque não pode existir sem pesquisa aprofundada dos fatos narrados. É ‘interpretativa’ porque recorre à contextualização das histórias, ao cruzamento de dados e vozes. É em ‘profundidade’ porque, enquanto gênero, almeja esgotar o tema no qual tenha se debruçado, vasculhando as raízes do acontecimento e seus desdobramentos socioculturais, para expor análises originais” (Filho, 2019, p. 62).

Muito presente nos telejornais, a reportagem com uma duração mais curta apresenta, em regra, uma série de características mais específicas deste meio:

“Na reportagem informativa os fatos são organizados de maneira linear por meio de elementos da linguagem audiovisual - offs, passagens e sonoras - com o intuito de fazer com que o espectador entenda perfeitamente as informações transmitidas, de uma maneira didática, imparcial e objetiva, que faz com que não haja nenhuma dúvida ou indagação sobre os eventos transcorridos na tela” (Spinelli, 2012, p. 3).

A reportagem permite levar ao público a história descrita não só pelo jornalista como também pelo olhar de testemunhas dos temas e acontecimentos a que se refere. Segue, segundo Anabela Gradim, “uma estrutura diferenciada da notícia, procurando tratar o assunto exaustivamente, segundo o ponto de vista adoptado, e em profundidade” (Gradim, 2000, p. 67).

Comparativamente à notícia, a reportagem não depende, necessariamente, da atualidade. Ela “oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo” (Sodré e Ferraria, 1986, p. 18). Como referem os investigadores Sandra Marinho, Pedro Coelho e Florival Júnior, “os desafios da reportagem são de índole diferente dos colocados pela notícia. Na reportagem há expressões que se completam; conceitos que se cruzam. Ousadia, criatividade, imaginação são características que apenas podemos encontrar na reportagem” (Marinho, Coelho e Júnior, 2021, p. 97). Por sua vez, Albertino Cunha acentua a “profundidade” como característica distintiva fundamental dos dois géneros jornalísticos: “Entende-se por notícia aquela que o repórter consegue colhendo dados e descobrindo factos. Reportagem é o levantamento em profundidade sobre factos específicos determinados em forma abrangente e completa” (Cunha, 1990, p. 25).

No entanto, é preciso não perder de vista (e isso é bem notório cada vez que vemos um telejornal) que as reportagens televisivas tendem cada vez mais a repetir a fórmula das notícias. Jacinto Godinho refere-se a este problema:

“A notícia passou a comandar os ritmos da pequena “reportagem” nos telejornais. A “reportagem curta” segue a notícia, ilustra-a, testemunha-a e é por ela justificada. Cada vez mais só a notícia justifica a reportagem e as reportagens vão, por isso, existindo apenas como satélites da notícia, copiando as suas fórmulas de “choque”: os jogos de palavras nos textos, ou os *soundbites* nos depoimentos” (Godinho, 2004, p. 661).

3.2. A Reportagem na Informação da SIC

“A reportagem é a essência do jornalismo. Reportagem deriva do verbo reportar que significa ir a um sítio e contar a quem não esteve nesse sítio o que aconteceu naquele sítio. Como, quem, quando, o quê, porquê, que consequências, que efeitos aquilo teve: isso é a reportagem”, Luís Marçal, coordenador do Jornal da Noite.

Criado em 1996, o programa “Grande Reportagem”, durante muito tempo coordenado pela jornalista Cândida Pinto, foi um pilar da informação da SIC. A premiada jornalista, considerada uma das maiores repórteres do país, notabilizou-se na reportagem de investigação em cenários de guerra. Apesar de já não trabalhar na SIC, a repórter marcou, durante mais de uma década, a informação deste canal. Na atualidade, a “Grande Reportagem” já não existe enquanto programa autónomo, com periodicidade definida, mas continua a existir enquanto rúbrica, sendo transmitida sempre que um novo trabalho de grande folgo é realizado, muitas vezes no final do Jornal da Noite.

Marco de excelência no panorama informativo da SIC, o género reportagem tem sido várias vezes premiado, por diferentes organizações. Apenas alguns exemplos: Primeiro prémio no 48º Festival de Televisão de Monte Carlo, no Mónaco (2008), Prémio de melhor imagem no Festival de Grandes Reportagens e Documentários (FIGRA), em França (2009 e 2010), Prémio Gazeta de televisão (2012), Prémio Autores – televisão (2017), Prémio de Jornalismo de Direitos Humanos (2020), Prémio de Jornalismo em Sustentabilidade Alimentar (2021), Grande Prémio Jornalismo em Saúde (2022), entre outros. O rigor e a qualidade da informação que transmite, tornaram este canal generalista numa referência na informação, em Portugal. Ricardo Costa, pouco depois de assumir o cargo de diretor-geral de informação da SIC, em 2016, caracterizou esta área fundamental do canal:

“A SIC é uma empresa muito arrumada e, falando especificamente sobre a informação, sempre teve uma redação com uma grande capacidade de inovação, trabalho e bom jornalismo. Isso não se perdeu e eu estar lá ou não estar é

indiferente. As audiências médias da informação da SIC são boas, têm targets comerciais muito bons, há horários em que somos mais sólidos, outros em que ainda não estamos tão sólidos, mas temos ganho muito terreno”¹⁶.

Ao referir-se aos programas de informação do canal, não deixou de sublinhar a relevância da reportagem nesse contexto: “No caso da SIC o nosso esforço é para manter relevância e volume no Jornal da Noite, no Primeiro Jornal e capacidade distintiva nas reportagens especiais”¹⁷.

As reportagens da SIC têm explorado diversos temas de áreas muito diferentes: justiça, política, educação, saúde, ambiente, segurança, artes, etc. E, dentro destes temas, muitos acontecimentos que marcam a atualidade, têm vindo a ser motivo de investigação por jornalistas do canal. Podemos observar essa diversidade, no site da SIC, que disponibiliza as reportagens online¹⁸. Para o jornalista e repórter da SIC Pedro Freitas, é importante diversificar os temas em antena, fazer “reportagens diferentes”, como disse na entrevista que me concedeu. Este é o género jornalístico que o faz evoluir enquanto profissional e que o mantém realizado. “Uma reportagem, para mim, pessoalmente, é a oportunidade de ser feliz. É aquilo que eu gosto de fazer”, afirma.

Com uma longa carreira no jornalismo, Pedro Freitas já fez inúmeras reportagens na área do desporto e na editoria de sociedade, especificamente no campo da justiça. Para ele, a reportagem serve para “mostrarmos a nossa capacidade jornalística e descodificarmos tudo aquilo que vemos no terreno, tentando simplificar ao máximo aquilo que depois as pessoas veem em casa.” Outra jornalista, Catarina Neves, defende que a reportagem é um género jornalístico “superior”. “Para mim, é onde eu me sinto mais plena, onde eu sinto que tudo o que o jornalista deve ter é convocado a saber”, esclarece na entrevista que lhe fiz.

Luís Marçal, coordenador do Jornal da Noite, disse, na entrevista que me concedeu, que “a reportagem é a essência do jornalismo”. Esta ideia traduz bem a importância deste género jornalístico. Com a ida ao local, o repórter vê, conhece, pergunta. Uma reportagem

¹⁶ Entrevista disponível em: <https://www.meiosepublicidade.pt/2016/08/se-conseguirem-dizer-um-canal-de-noticias-no-mundo-que-tenha-como-programa-mais-visto-uma-novela-ou-10-jogos-de-futebol-dou-um-doce/> (consultada a 5 de setembro de 2023).

¹⁷ Entrevista disponível em: <https://www.meiosepublicidade.pt/2016/08/se-conseguirem-dizer-um-canal-de-noticias-no-mundo-que-tenha-como-programa-mais-visto-uma-novela-ou-10-jogos-de-futebol-dou-um-doce/> (consultada a 5 de setembro de 2023).

¹⁸ As grandes reportagens transmitidas na SIC podem ser vistas online em <https://sicnoticias.pt/programas/reportagensic> .

implica que o jornalista vá ao centro dos acontecimentos, que esteja presente, reportando todos os factos importantes. Há sempre, portanto, “uma deslocação do repórter ao local do acontecimento” (Oliveira, 2021, p.35). Uma grande reportagem exige tempo para a sua realização. Há casos de reportagens feitas com um ano ou mais de investigação, existindo temas tão complexos que não podem ser tratados num curto espaço de tempo. De acordo com Jean-Jacques Jaspers:

“qualquer boa reportagem televisiva deve comportar duas dimensões: uma dimensão empática que visa a ligação entre o espectador e o assunto e/ou as personagens em ação uma relação de convivência afetiva e uma dimensão de revelação, esclarecimento, de contextualização deste mesmo assunto” (Jaspers, 1998, p. 167).

Por outro lado, a par da grande reportagem, diariamente, em todas as redações televisivas, são preparadas múltiplas peças de curta duração. Na SIC, as chamadas peças pequenas, têm entre 1 e 2 minutos e são transmitidas nos noticiários. Muitas vezes, são realizadas sem ida ao terreno, ou seja, o jornalista não precisa de sair da redação para entrevistar uma fonte, por exemplo. Nestes casos é obrigatório a sua transmissão no próprio dia da recolha de material, pois o que está em causa é o valor de atualidade que a peça tem.

Estas peças compõem os blocos informativos dos noticiários da SIC, juntamente com as reportagens, no caso de o jornalista ir até ao local do acontecimento e recolher as informações necessárias. No caso da cobertura de uma manifestação de professores (para utilizar um tema abordado durante o estágio), o jornalista deve estar no local, fazendo entrevistas e procurando obter toda a informação possível sobre o assunto. Os noticiários vivem, sobretudo, destas peças curtas.

Regressando às reportagens de maior duração, estas têm a missão de levar ao telespectador os assuntos menos falados, mais controversos ou tabus. Muitas vezes, são os temas mais polémicos que são os escolhidos para trabalhar neste tipo de formato. “A Grande Reportagem quando surgiu nos anos 80, trazia a proposta de um quadro diferente, amplo, reflexivo, causal, a exigir uma grande incomodidade mental ao espectador” (Godinho, 2004, p. 929). Hoje, conforme contou em entrevista o diretor-adjunto de informação da SIC, José Gomes Ferreira, as grandes reportagens:

“servem para explicar às pessoas determinadas realidades que não são possíveis de explicar com um direto em determinado local. E têm de ter algum tempo e seleção de material, de procura de fontes, de entrevista, de contactos, de filmagem de eventos que possam decorrer, ou de produção desses mesmos eventos, para depois seleccionar o melhor e mostrar uma realidade aos telespectadores que de outra maneira não seria bem mostrada.”

Fazer reportagem é uma tarefa diária de um jornalista. Em televisão, a reportagem precisa “de um trabalho de elaboração, mais complexo do argumento e da realização” (Jespers, 1998, p.166). É fundamental que o jornalista tenha curiosidade e preste atenção a tudo o que está ao seu redor. A jornalista Catarina Neves afirma que, para fazer uma boa reportagem, o repórter “deve ter os cinco sentidos apurados: olhar, cheirar, tocar/sentir, ouvir e até provar”. Se “a reportagem é uma orquestra afinada, o jornalista é o seu maestro”, refere Pedro Coelho (2021, p. 179). Neste sentido, o jornalista e investigador acrescenta também que a reportagem requer uma harmonia no meio televisivo.

Todo este contexto leva-nos à seguinte questão: Ainda existe espaço para se fazer reportagem na SIC? Diariamente, são inúmeros os serviços de reportagem que os jornalistas realizam. “E nós, no planeamento diário, e no planeamento mais a médio e longo prazo, vemos quais os temas que merecem uma reportagem curta, os que merecem reportagem média e os que merecem longa”, contou em entrevista Luís Marçal. Acresce que na seleção dos temas “o perfil da pessoa é tido em consideração e o local exato no alinhamento do Primeiro Jornal, Jornal da Noite ou da SIC Notícias em que é exibido faz toda a diferença em termos de audiências”, esclarece José Gomes Ferreira.

Se observarmos, por exemplo, o alinhamento de um dos jornais da SIC, é fácil perceber que a maioria das peças foi elaborada com base nas reportagens que os jornalistas fizeram. Ao constatar esta realidade, é possível afirmar, desde logo, que, efetivamente, existe espaço para se fazer reportagem na informação da SIC. Não há noticiário que não tenha reportagens. Mas trata-se, é claro, de reportagens de curta duração.

Na SIC chama-se “Reportagem Especial” a uma reportagem de menor duração e “Grande Reportagem” a uma peça mais longa. O diretor-adjunto de informação, José Gomes Ferreira, numa entrevista que me concedeu, disse que a diferença entre os dois formatos não é muita, pois “há reportagens especiais que podiam levar o carimbo de Grande Reportagem. Embora a última, tenha mais tempo, seja mais criadora de valor

acrescentado, porque é mais de investigação.” Quanto à sua função, diz o mesmo jornalista:

“Servem para explicar às pessoas determinadas realidades que não são possíveis de explicar com um direto em determinado local e tem que ter algum tempo e seleção de material, de procura de fontes, de entrevista, de contactos, de filmagem de eventos que possam decorrer, ou de produção desses mesmos eventos, para depois selecionar o melhor e mostrar uma realidade aos telespectadores que de outra maneira não seria bem mostrada”.

Para Luís Marçal, “uma Reportagem Especial devia ter, no máximo, 20 minutos. Uma Grande Reportagem pode ir até aos 40 minutos e pode estar dividida em dois episódios de 40 minutos, por exemplo”. Outra diferença tem que ver com o aspeto gráfico: “A Grande Reportagem tem grafismo próprio, ou seja, os oráculos, alguns elementos gráficos que sejam para complementar a voz off, são acrescentados diretamente pelo grafismo. Uma Reportagem Especial tem frases e oráculos normais, iguais às peças do jornal”. Segundo o coordenador do Jornal da Noite, passam “três produtos grandes por semana” na SIC e, “normalmente, os médios e grandes formatos são as partes mais vistas do jornal”. Depois, há as reportagens pequenas que são feitas diariamente. Um jornalista que esteja em campo, de local em local, faz reportagens que compõem as chamadas peças noticiosas. Essas peças integram o alinhamento do Primeiro Jornal e Jornal da Noite. Vejam-se, tabela 2, as grandes reportagens e as reportagens especiais feitas, por diversos jornalistas, ao longo do estágio, bem como os seus temas:

Tabela 2 - Lista com as Grandes Reportagens e Reportagens Especiais exibidas na SIC, entre janeiro e junho de 2023

CATEGORIA	NOME	JORNALISTA	DURAÇÃO	HORÁRIO	DATA
RE	Os Discípulos de Greta	Carolina Reis	16:53	21:16:24	04/01/23
RE	Até onde, Irão?	Catarina Neves	26:34	21:14:53	07/01/23
RE	Reis da Arrábida	Hélder Correia	10:59	21:17:09	19/01/23
RE	Espanha ainda é longe	Hugo Alcântara	23:21	20:49.24	21/01/23
GR	Crimes em Claro	Susana André	36:55	21:13:13	26/01/23

GR	Tábuas de Salvação	Susana André	35:20	20:57:26	02/02/23
RE	Fora de Linha	João Faiões	21:57	21:04:02	04/02/23
RE	Sem sentido	Nelson Mateus	18:49	21:32:10	09/02/23
RE	Os Beneméritos da Misericórdia de Lisboa	Patrícia Mouzinho	14:54	21:28:46	11/02/23
RE	Habitação 1	Márcia Torres	19:59	20:56:28	18/02/23
GR	365 dias de Guerra	João Nuno Assunção	40:18	21:06:05	25/02/23
GR	De tudo o que é meu, sinto falta	Susana Bastos	30:22	21:19:49	02/03/23
RE	(In) Segurança Social	Madalena Ferreira	24:21	20:47:20	04/03/23
GR	Com o Mar não se brinca	Pedro M Costa	32:26	21:16:14	09/03/23
RE	A Dança da Espera	Catarina Neves	17:35	20:55:20	11/03/23
RE	O Pisão dos nossos avós	Hugo Alcântara	23:30	20:48:30	18/03/23
RE	El Seleccionador	Nuno Luz	24:21	21:30:07	21/03/23
RE	O Sonho Americano Neemias	Vítor Lopes	10:46	21:30:30	24/03/23
RE	Quando for grande quero ser cozinheiro	Patrícia Mouzinho	22:30	20:53:49	25/03/23
RE	Linha do Tempo	Nelson Mateus	20:45	21:05:47	29/03/23
RE	Casa de sonho... adiado	Catarina Lázaro	24:32	21:02:00	01/04/23
RE	Prova de obstáculos	Isabel Osório	19:39	20:59:01	08/04/23
GR	O meu café é maior que o mundo	Catarina Marques	24:21	20:59:03	15/04/23
GR	Viver sem Idade	Paula Castanho	22:13	21:12:47	20/04/23

RE	Fontes de Vida	Patrícia Figueiredo	19:15	21:15:46	22/04/23
GR	Vírus que tratam: Bacteriófagos	Miriam Alves	38:55	20:58:41	27/04/23
RE	Sábado Alerta Vermelho	Frederico Correia	16:55	_____	29/04/23
RE	Quero a Minha Vida de Volta	Pedro Freitas	17:58	21:34:53	01/05/23
RE	Fim da Linha	Cristiana Freitas	15:33	21:17:52	06/05/23
RE	Na Rota da Fé	Rui C Teixeira	22:10	21:11:49	13/05/23
RE	Tenda dos Sonhos	Iryna Shev	10:56	21:31:59	19/05/23
RE	SOS Abelhas	João Faiões	21:01	21:15:19	20/05/23
GR	Portugal dos Poucachinhos Ep.1	Carlos Rico	24:33	21:17:21	25/05/23
GR	Portugal dos Poucachinhos Ep.2	Carlos Rico	23:06	21:28:40	26/05/23
RE	Sem tempo para envelhecer	Patrícia Mouzinho	27:49	20:38:25	03/06/23
GR	Ai Mouraria Ai Portugal	Catarina Neves	38:06	21:12:42	08/06/23
RE	O Legado de Johnson	Catarina Marques	27:50	21:01:33	10/06/23
RE	Um Grama de Esperança	Pedro Freitas	19:13	21:32:34	12/06/23
GR	Segunda Vida dos Psicadélicos	Dulce Salzedas	35:00	_____	15/06/23

Fonte: Elaboração própria a partir de informações fornecidas durante o estágio.

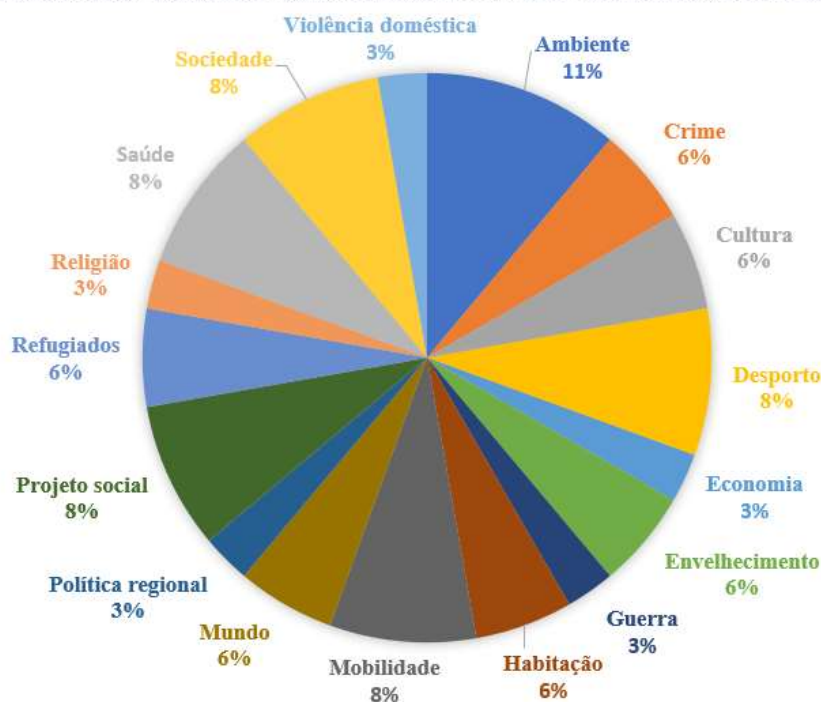
Pela análise da tabela 2 sobre as Grandes Reportagens e Reportagens Especiais exibidas entre janeiro e junho de 2023 percebe-se que, todas elas, foram transmitidas, em média,

entre as 21 horas e as 21h30. Neste sentido, pode-se concluir que este tipo de formato é apresentado no final do Jornal da Noite.

Por norma, a duração das reportagens não oscila muito, ou seja, todas elas têm um certo limite mínimo e máximo. As Grandes Reportagens têm uma duração de 20 a 40 minutos. Enquanto as Reportagens Especiais variam entre os 15 e os 25 minutos. Semanalmente são exibidas, no máximo, duas Reportagens Especiais. Por mês, são transmitidas duas Grandes Reportagens. Para esta diferença acentuada contribui o facto de o formato maior ter mais condicionamentos à sua realização: mobiliza mais recursos, exige mais tempo de investigação, etc. A Reportagem Especial é feita mais rapidamente, o que permite que haja mais reportagens neste formato.

Gráfico 1 – Temas das Grandes Reportagens e Reportagens Especiais exibidas na SIC entre janeiro e junho de 2023

TEMAS DAS GRANDES REPORTAGENS E REPORTAGENS ESPECIAIS



Fonte: Elaboração própria a partir de informações fornecidas durante o estágio.

O gráfico acima apresentado (Gráfico 1) mostra-nos os grandes temas das Grandes Reportagens e das Reportagens Especiais durante os cinco primeiros meses deste ano. Se olharmos para com atenção para as percentagens de cada tema, conclui-se que o tema mais investigado na SIC é o ambiente (11%). Apesar de este ser o tema com maior

destaque nas reportagens da SIC, a frequência dos outros temas não se encontra muito distante. Logo atrás do tema Ambiente, estão vários temas com 8%: Desporto, Mobilidade, Projeto social, Saúde e Sociedade.

Depois, temos seis temas com 6%: Crime, Cultura, Envelhecimento, Habitação, Mundo e Refugiados. Por fim, restam Economia, Guerra, Política regional, Religião e Violência Doméstica (3% cada um). As percentagens de temas abordados nas reportagens não variam muito, o que permite concluir que não há, de facto, um tema que se destaque por ser muito explorado. No total, as reportagens referiram-se a 17 temas diferentes.

Trata-se de uma considerável diversidade de temas. Julgo que esta, cada vez mais, deverá ser uma aposta da SIC, porque não só proporciona mais conhecimento sobre diversos assuntos como, também, possibilita um maior destaque às reportagens no panorama informativo da SIC.

3. 3. O Repórter e o seu papel na informação da SIC

“O repórter, como o próprio nome diz, é o núcleo fundamental da reportagem. Não existe reportagem sem repórter”, afirma Egle Spinelli. Esta investigadora distingue o papel do repórter do documentarista, esclarecendo que no documentário “pode até existir uma pessoa ou mais na condução da história, porém o modo como ela aparece no vídeo não precisa apresentar os princípios de imparcialidade e objetividade jornalísticas”. Assim, “diferente dos documentários em que a importância de um olhar reflexivo e autoral sobre determinados problemas da sociedade costuma ser o fio condutor de uma narrativa, que tem como meta uma maior conscientização e aprofundamento do que é mostrado, a reportagem prioriza a informação” (Spinelli, 2012, p. 3).

Outro investigador, Pierre Ganz, apresenta uma curiosa definição de repórter:

“O repórter é, ao mesmo tempo, um observador e um artista. Um observador porque recolhe, um a um, os elementos de um acontecimento. Artista, por lhes dar um encadeamento trabalhado, transformando-os num assunto útil e fascinante. Não é permitida a ficção nem a falsificação: uma reportagem relata a realidade, de uma maneira precisa, detalhada, argumentada. (...) O repórter é aquele que *vai ao local*” (Ganz, 1995, p. 8).

Durante o estágio, tal como ao longo da escrita deste relatório, tive sempre como foco a reflexão acerca do papel do repórter na informação da SIC. Interessou-me perceber as especificidades do seu trabalho, designadamente como cada repórter deixa a sua marca nas reportagens que prepara, qual é a sua importância numa redação televisiva e como influencia a agenda do órgão de comunicação para o qual trabalha. No fundo, procurando identificar as características consideradas essenciais para se ser um bom repórter.

O jornalista Pedro Freitas defendeu, na entrevista que me concedeu, que o repórter deve ter os seus sentidos bem despertados quando vai para o terreno. Para ele, fazer reportagem “é explorar os sentimentos no terreno, os nossos sentidos: a nossa visão, o nosso olfato, o nosso tato. É tentarmos perceber mais do que aquilo que os nossos olhos nos mostram. É tentar olhar noutra perspetiva e tentarmos mais informação”. Não deixa também de destacar como fundamental a necessidade de “estar devidamente informado sobre aquilo que vais encontrar no local”.

Este jornalista prepara-se de forma muito própria, como já se disse: quando vai para o terreno não gosta de saber quais as pessoas que vai entrevistar. Apesar de ter noção de que há, pelo menos, uma ou duas pessoas que deve entrevistar para cada reportagem, prefere “observar, sentir, tocar” no local e só depois avançar para a recolha de testemunhos. Mas, é claro, “há sempre uma preparação, sobretudo, estar devidamente informado sobre aquilo que vais encontrar no local, o que é que é o teu objetivo enquanto repórter, o que pretendes demonstrar”. No terreno, acrescenta, é essencial “deixar-nos levar por aquilo que estamos a ver”. Pedro Freitas revelou ainda que tenta “fugir sempre das coisas que são programadas e clichés.” A sua missão é ir em busca do inesperado, “aquilo que a própria reportagem se encarrega de me mostrar”.

Nem todos os jornalistas são repórteres: pivôs, coordenadores, produtores e diretores não são necessariamente repórteres. Como já se disse, para se ser repórter é necessário que o jornalista se desloque até ao terreno. Um repórter deve reportar o que vê com os seus próprios olhos. O coordenador do Jornal da Noite, Luís Marçal, disse, em entrevista, que “um repórter é alguém que naquele momento está naquele sítio e que em direto ou em forma gravada relata uma coisa que aconteceu”. Além disso, para este jornalista, o repórter deve reunir uma série de outras características:

“tem de ser curioso, tem de ser perspicaz. Ver coisas diferentes do que todos os outros vêem, no mesmo sítio, nas mesmas circunstâncias. Tem de ter cultura geral. Não precisa saber tudo sobre tudo, mas não pode haver nada de que não

saiba pelo menos alguma coisa. Posto perante uma situação inesperada, num determinado local em que está em reportagem, saber como avaliar e saber como reagir em função do conhecimento que já tenha sobre aquele assunto... Nem que seja vago, mas tem de ter”.

Esse relato deve ser claro, simples e o mais completo possível, de modo a não deixar o telespectador com dúvidas acerca do acontecimento. A missão do repórter é esclarecer todas as dúvidas sobre o que observou, investigar até ter todas as respostas às suas questões, indo ao encontro do telespectador, no sentido de lhe dar toda a informação necessária à compreensão daquele assunto. Como observa Jacinto Godinho:

“À Reportagem pode-se pedir tudo, que reporte, que analise, narre, conte, descreva apenas, mas o que faz parte do seu núcleo fundamental é a ativação de efeitos de saída (outputs) de forma a oferecer a ex-periência” (Godinho, 2004, p. 651).

Não restam dúvidas de que o repórter faz a diferença numa reportagem. Estando presente no local do acontecimento, o seu trabalho acaba por ser muito mais personalizado. O investigador Rui Gomes refere-se ao trabalho do repórter:

“Quando este presencia, quando vai ao local dos acontecimentos, quando vê com os seus olhos, sem intermediários, o que modela os eventos, as personagens e o que as condiciona nos actos públicos, vê o leque de informações diametralmente alargado, transformando se estas virtudes em peças vitais na elaboração da notícia. Reportar ganha a sua verdadeira dimensão” (Gomes, 2012, p. 282).

Para José Pedro Castanheira, repórter premiado que trabalhou durante mais de duas décadas no semanário *Expresso*, a reportagem “é o elemento que faz a diferença”. Mas para fazer realmente a diferença, o repórter, enquanto alguém que faz uma leitura do mundo e a retrata de forma a ser compreendida, tem um papel crucial:

“Ao verdadeiro repórter exigem-se muitas outras qualidades e talentos, quais sejam o rigor, a imaginação, a capacidade de tratamento de uma informação variada e contraditória e, sobretudo, um enorme poder de compreensão e

transmissão do que se observa no terreno. Sejam claros: reportagem não é ficção. Reportar é relatar, é retratar. É uma leitura, necessariamente subjectiva, da realidade. A sua matéria prima são as pessoas, são os factos, é a vida – seja num cenário de guerra, numa catástrofe natural, numa disputa eleitoral ou no quotidiano de uma comunidade” (Castanheira, 1998, p. 9).

O jornalista Pedro Coelho, considerado o repórter que se dedica mais tempo ao formato da Grande Reportagem na SIC, afirma que a reportagem tem de “mergulhar no detalhe”. O jornalista diz que o “mergulho é a imagem simbólica que apresenta o repórter absolutamente envolvido na observação do acontecimento” (Coelho, 2021, p.165).

Note-se, no entanto, que, no terreno, o repórter deve distanciar-se das entrevistas que realiza e, em geral, dos acontecimentos que presencia, adotando “mecanismos de autocontrolo para prosseguimento da entrevista, gravação ou observação”, como explica Eloisa Klein (Klein, 2012, p. 154). Opinião semelhante tem Pedro Freitas, segundo o qual o repórter “tem de poder olhar para a situação em si, aquilo que é objeto do tema que vai tratar, com o devido distanciamento.” Consciente das dificuldades que isso implica, sublinha, contudo, que, por vezes, “é impossível nós irmos para o terreno e vermos estas dificuldades e não nos emocionarmos e não querermos ajudar”. Por isso, “muitas vezes, a barreira é ténue”.

O repórter deve ter também a capacidade de entender o que vale ou não a pena partilhar com o público. Isto é, ser transmitido na reportagem. Para a jornalista Catarina Neves, esse “é um grande desafio. E à medida que as semanas vão passando, em reportagem, conseguir ter noção do que é que vale a pena repetir ou não, investir mais, deixar cair, o que é que ainda falta, isso também é um desafio: toda a estrutura narrativa, sendo que tu não estás na área documental, estás no jornalismo”.

Tudo isso requer tempo e muita investigação, designadamente na procura das fontes necessárias, “para depois seleccionar o melhor e mostrar uma realidade aos telespectadores que de outra maneira não seria bem mostrada”, tal como diz José Gomes Ferreira, em entrevista. Uma das partes mais desafiantes da preparação de uma reportagem é o contacto com as fontes. Toda a investigação requer fontes e uma das maiores dificuldades que um repórter enfrenta é a de convencer determinada fonte a dar o seu testemunho. O repórter tem de encontrar uma fonte credível, que esteja disponível e com vontade para falar acerca do assunto. O tempo é, como se disse, fundamental em todo este processo. Como o jornalista e repórter Pedro Freitas confessou em entrevista, “as pessoas precisam

de tempo para confrontar as fontes, para chegar aos factos, para cruzar as informações e, muitas vezes, isso é difícil.” Manuel Carlos Chaparro dá conta da importância das fontes na preparação de uma reportagem:

“No jornalismo, até ao mais brilhante contador de histórias de pouco servirá a arte de escrever se não souber onde estão as boas fontes e como lidar com elas. Dependemos das fontes. Sem elas não existe a informação decisiva, o detalhe poético, a versão esclarecedora, a frase polémica, a avaliação especializada. A fonte faz acontecer, revela o segredo, detém o saber ou a emoção que queremos socializar” (Chaparro, 2001, p. 43).

Outra dificuldade que, por vezes surge, é o acesso a fontes que se encontram geograficamente distantes. Nesses casos, a tecnologia tem sido uma grande aliada dos jornalistas. “A tecnologia é brilhante, maravilhosa e ajuda muito, por exemplo, a democratizar as fontes”, palavras da jornalista Catarina Neves para quem as novas tecnologias, que permitem uma aproximação a fontes às quais não poderiam chegar de outra forma, têm sido uma grande ajuda.

De acordo com outro jornalista da SIC, Pedro Coelho, “a televisão é a plataforma inimiga da investigação”¹⁹. Tal constitui, sem dúvida, um desafio acrescido para os jornalistas que pretendem fazer reportagens de investigação. Seja através de peças curtas ou longas, todos os repórteres da SIC, diariamente, trabalham em prol de uma informação mais rigorosa e que informe de forma clara o público.

Todos os dias, na SIC, são vários os jornalistas que saem em reportagem, procurando saber o que aconteceu sobre múltiplos assuntos para depois, na redação, montarem as peças, que incluem a recolha de material *in loco*. Os repórteres que mais vezes vão a terreno são: Diana Pinheiro, Diogo Martins, Hugo Garrido, Joana Teixeira, Marta Sobral. Todos jornalistas, que, curiosamente, têm idades compreendidas entre os 24 e os 31 anos, como, na verdade, uma grande parte da redação. “Aquilo que me parece é que as nossas redações têm uma média de idades cada vez mais baixa”, diz, em entrevista, Pedro Freitas. Apesar disso, existem muitos jornalistas com mais de 20 anos de carreira que se mantêm na redação da SIC. Contudo, para fazer reportagens curtas são sobretudo os mais jovens que são chamados.

¹⁹ Discurso proferido por Pedro Coelho, na cerimónia de entrega do Prémio Mário Mesquita, 3 de maio de 2023.

Se observarmos a autoria das peças transmitidas nos noticiários (Primeiro Jornal e Jornal da Noite), verificamos facilmente a presença de muitos jovens jornalistas. Pedro Freitas lembra que esses jovens já deram provas das suas capacidades, na SIC, “apesar de terem poucos anos de casa”. E considera que “isso é bom, investir na juventude. É sempre bom em qualquer redação”. José Gomes Ferreira explica que, mais do que a idade, o que é importante para um jornalista poder fazer reportagem é o conhecimento que revela da técnica que esta exige:

“Alguns que são jovens e têm essa apetência e que têm esse perfil fazem até com poucos anos de experiência. Portanto, o critério não é a experiência acumulada, é a especialização, o conhecimento demonstrado e a capacidade de fazer as reportagens com maior folgo, porque a técnica para as fazer não é igual à técnica de se fazer uma notícia de um minuto meio. Exige mais sentido de conjunto, exige mais sentido estético, mais sentido das proporções, mais sentido do editar, do escolher... saber contar uma história para agarrar a atenção do telespectador. E nem todos o sabem fazer. Não é por ser mais novo ou mais velho. Damos oportunidade a todos”.

Todavia, a realidade é diferente quando falamos em grandes reportagens. O diretor-adjunto de informação, José Gomes Ferreira, explica que, para a realização destas reportagens, a escolha não recai normalmente em jovens repórteres. A experiência conta muito na hora de fazer opções. Por norma, estão reservadas a três repórteres: “Miriam Alves, Amélia Moura Ramos, Pedro Coelho são considerados os repórteres seniores”. Pedro Freitas partilha desta opinião, dizendo que “em trabalhos de maior peso, é normal que avancem os repórteres mais experientes”.

Apesar de achar que é uma vantagem incluir jovens nas deslocações ao terreno, defende aos repórteres mais experientes devem ser entregues os trabalhos de reportagem mais extensos: “compete mais aos jornalistas mais experientes e que consigam facilmente ou com menor dificuldade, que tenham maior credibilidade, maior acesso às fontes, investigar e trabalhar temas que são difíceis e que envolvem quase sempre temas ligados à corrupção”.

Na SIC, para a Grande Reportagem, o programa mais premiado da televisão portuguesa, estão reservados os três jornalistas fixos que já foram referidos - Amélia Moura Ramos,

Miriam Alves e Pedro Coelho – aos quais se juntam Carlos Rico (jornalista na redação do Porto) e Catarina Neves de forma mais esporádica. A Reportagem Especial inclui vários repórteres, como Catarina Marques, Catarina Neves, Patrícia Mouzinho, Isabel Osório, Carolina Reis e Pedro Freitas. Este formato tem normalmente como objetivo dar espaço e visibilidade aos temas da atualidade.

Todos estes repórteres têm já bastante experiência e grande conhecimento sobre os assuntos controversos da atualidade. São muitas as reportagens que já realizaram, muitos os locais que visitaram, muitas as fontes que já ouviram, o que faz deles profissionais de excelência deste canal privado.

Catarina Neves, repórter da SIC, descreve o trabalho da Reportagem Especial e da Grande Reportagem como “uma loucura”, porque mesmo antes da sua realização, são muitas “horas ao telefone e a trocar mensagens e, se não forem pessoas portuguesas, é muito contacto por *whatsapp*” para conseguir as fontes pretendidas e a informação necessária para fazer a reportagem. Para esta jornalista, não há dúvida de que ainda há espaço para reportagem na informação da SIC. No entanto, tal implica, como já se disse, dedicação e, para isso, é necessário tempo:

“Por enquanto, há espaço e não só na SIC. Há espaço nos órgãos de comunicação para a reportagem. Mas, o que está a acontecer é que as reportagens de maior folgo implicam sempre e isso é indiscutível, implicam tempo de terreno e não há como fazer de outra forma. E é cada vez mais, uma debilidade das redações”.

Neste sentido, Catarina Neves acrescenta:

“Às vezes, os tempos de que a reportagem ou a investigação necessitam são incompatíveis com a necessidade de produzir conteúdos, de preencher espaços, sobretudo, quando nós constatámos que as redações estão depauperadas. (...) Na SIC vais conseguindo fazer reportagem, mas é um jogo complicado. Não sei como vai ser daqui a cinco anos”.

O seu colega Pedro Coelho partilha essa preocupação, constatando que “o jornalismo televisivo está a promover um desinvestimento crescente na reportagem quotidiana” (Coelho, 2021, p.171).

3.4. O Repórter e a Reportagem: principais problemas e desafios

Diariamente, os repórteres enfrentam diversos problemas e desafios. Desde logo, lidam com todos os constrangimentos com que, na atualidade, os jornalistas em geral se deparam. Felisbela Lopes sintetizou-os, referindo-se à existência de múltiplas pressões a estes profissionais. Vejamos algumas delas:

“Pressão para ser rentável. Pressão para fazer a cobertura de determinado acontecimento. Pressão para ouvir este ou aquele interlocutor. Pressão para não afrontar os acionistas ou financiadores da sua empresa. Pressão para cumprir leis que não deixam margem para noticiar factos com relevância noticiosa. Pressão para trabalhar depressa. Pressão para ser o primeiro a anunciar a última coisa que acontece. (...) Não é fácil trabalhar assim” (Lopes, 2015, p. 5).

A rotina na redação é alucinante, devido à já mencionada pressão acentuada que os jornalistas sofrem para terminarem as reportagens no mais curto espaço de tempo. Com o ritmo acelerado em que trabalham é a salvaguarda da credibilidade do jornalista e do órgão para o qual trabalham que está em causa. O risco de o jornalista acabar por não respeitar as regras fundamentais ao exercício da sua profissão e do seu código deontológico, focando-se apenas na divulgação em primeira mão da informação recolhida, é grande. Como refere Jean-Jacques Jaspers, “toda a informação deve ser escrupulosamente verificada e reconfirmada antes de ser transmitida para evitar espalhar boatos” (1998, p. 42). As consequências da divulgação de informações erradas podem afetar para sempre uma carreira no jornalismo:

“A vontade de ser ‘o primeiro a dá-la’, pode por vezes levar a erros profissionais bem mais graves, pelas suas consequências, do que o ligeiro atraso do jornalista escrupuloso relativamente aos seus colegas esquecidos da deontologia. O que está em causa é essencialmente a credibilidade do jornalista e dos media” (Jaspers, 1998, p. 42).

Quando nos concentramos no jornalismo televisivo e, em concreto, na grande reportagem, percebemos os efeitos que o “primado do tempo”, conjuntamente com outros fatores, tem na diminuição da oferta deste género jornalístico.

“A falta de tempo que impera no meio televisivo, aliada à necessidade de rentabilizar o investimento que é feito nos conteúdos, produziu alterações consideráveis nas grelhas de programas e em particular nos noticiários televisivos, o que acabaria por afetar a emissão de trabalhos de longa duração como as Grandes Reportagens” (Gonçalves, 2019, p. 68).

A constante redução de jornalistas nos órgãos de comunicação contribui necessariamente para a diminuição da qualidade dos conteúdos, para menos investigação e menos reportagens. “Com menos repórteres, é inevitável que haja menos matéria pesquisada, menos ângulos de apresentação da informação, menos factos confirmados, menos histórias inspiradoras para se contar” (Cardoso *et al.*, 2015, p.7).

Falta investigação jornalística, diz Pedro Freitas. “Vivemos um tempo que a investigação tem sido parente pobre do jornalismo em Portugal. Temos tantos temas importantíssimos que nos devem fazer refletir”, refere em entrevista. A diminuição da investigação no jornalismo deve constituir uma preocupação no mundo atual, sobretudo pelas implicações que isso acarreta em termos de conteúdos que passam a ser transmitidos aos leitores ou espectadores. Assiste-se, assim, à “transformação de um jornalismo de investigação, mais dispendioso, num jornalismo orientado para o mercado, mais dependente dos interesses e afinidades dos públicos” (Quintanilha, 2019, p. 94).

Quando se fala na investigação, fala-se na reportagem média ou mais longa, que requer mais meios, recursos e tempo. Contudo, o jornalista opta muitas vezes (ou é levado a optar) pelas reportagens mais curtas, uma vez que estas possibilitam uma maior diversidade diária entre os temas a abordar.

A reportagem, já se disse, tem vindo a ser cada vez menos frequente nas televisões. “O jornalismo televisivo está a promover um desinvestimento crescente na reportagem quotidiana”, sustenta Pedro Coelho (Coelho, 2021, p. 171). Na SIC, embora o cenário não seja tão negativo, constata-se isso até a partir da frequência com que este género jornalístico surge na emissão, que poderia ser bem maior, e do fim dos programas exclusivamente dedicados à reportagem. “Olhamos para a queda da reportagem como uma marca significativa daquilo que pode representar a diminuta capacidade jornalística

para compreender, recolher, narrar, transmitir a sua visão dos factos”, conclui Rui Gomes, na sua tese de doutoramento precisamente dedicada ao estudo da reportagem (Gomes, 2012, p. 15). O jornalista da SIC, Pedro Freitas, defende que “as redações são curtas, os órgãos de comunicação social querem resultados para ontem, ou seja, o jornalismo hoje em dia, infelizmente, não se compadece com esses *timings* que exigem investigação jornalística, em Portugal”.

Numa redação são poucos os jornalistas que se dedicam ao jornalismo de investigação. Fazer investigação requer vários dias, semanas, meses e, por vezes, até anos de trabalho. O jornalista de investigação, quando se encontra a preparar a sua reportagem, está normalmente dedicado apenas a esse tema.

Outro possível problema é salientado na entrevista de Luís Marçal. O coordenador do Jornal da Noite, confessa que “as gerações mais recentes são mais preguiçosas do que as gerações anteriores”. Há novas formas de trabalhar, sendo que “tudo está relacionado com a facilidade de recolha de informação que nós não tínhamos”, acrescenta. No entanto, esclarece que “são maneiras diferentes de trabalhar, é a própria evolução dos tempos”. O período da pandemia Covid-19 acabou por potenciar o trabalho à distância também no jornalismo, levando a que várias peças fossem realizadas, por exemplo, com recurso a entrevistas à distância, como conta José Gomes Ferreira:

“Para a operação diária de cobertura de eventos, de política, de economia, do parlamento, das instituições europeias, foi muito mais fácil aplicar princípios de distanciamento mediados por tecnologias para chegar na mesma aos eventos do que propriamente na reportagem em si. Embora também nas reportagens tenhamos feito exceções como entrevistar algumas pessoas por Skype, Zoom ou outra plataforma. Embora nós tentemos nas reportagens falar mesmo com o protagonista pessoalmente e diretamente”.

A verdade seja dita: o jornalismo não se pratica sentado e colado a uma cadeira durante um dia inteiro de trabalho. É preciso sair, confrontar as fontes olhos nos olhos. A escolha de ficar preso à cadeira de uma redação não deixa de ferir a profissão e os seus propósitos. Os jornalistas acompanham a evolução das tecnologias, o que faz com que, atualmente, escolham, muitas vezes, ficar à frente de um computador em vez de irem para o terreno. Esta realidade faz com que as redações sejam mais sedentárias. Contornar esta realidade, constitui, sem dúvida, um desafio na atualidade. Por outro lado, as redes sociais e a

facilidade com que qualquer cidadão utiliza um dispositivo móvel (como o telemóvel) para registar um acontecimento e partilhá-lo cria a ilusão de que qualquer um pode ser repórter. Para Catarina Neves, “ser repórter é um trabalho permanente de busca, de sujeição. É muito exigente. Tu nunca descansas”.

Outro desafio que se coloca aos repórteres no terreno tem que ver com a distância que devem manter sobre o assunto que estão a tratar, assunto já referido anteriormente. O jornalista não se deve afastar do seu papel, mesmo estando no local dos acontecimentos e lidando com os protagonistas: contar a verdade, da forma o mais objetiva possível. Contudo, não deixa de ser um desafio para um repórter quando se confronta com alguém que precisa de ajuda. Quando “vê uma criança que está com sede”, como exemplifica o jornalista Pedro Freitas: “O problema é que são tantas as pessoas nestas situações que é impossível ajudar todas elas. Portanto, ajudar uma e não ajudar outra, não parece bem”, acrescenta.

Os limites à ação do jornalista parecem ténues perante estes casos. A maior dificuldade surge quando o repórter tem de perceber até onde deve ir enquanto repórter e ser humano. Mas é também nestes aspetos que se evidenciam as particularidades do repórter. “É aqui que a reportagem marca a diferença desejada. Diferença dada pelo olhar e relato de quem vê ou a diferença de quem segue a par e passo o desenrolar dos factos, investiga-os, complementa-os e narra-os com o conhecimento de causa vivido” (Gomes, 2012, p. 282). Um repórter enfrenta, muitas vezes, perigos no exercício da profissão. A última reportagem realizada por Pedro Freitas (até o momento em que o entrevistei) foi sobre o tráfico de droga, em Lisboa. Antes de ir para o local, o jornalista sabia que iria estar num contexto perigoso. Em entrevista, o repórter contou que, nessas idas ao local, teve um episódio de risco:

“De repente, entra um carro com um dos *dealers* e com o carro tenta atropelar a equipa de reportagem da SIC. Nós percebemos que não somos bem-vindos e há um indivíduo que vem com o carro a acelerar na nossa direção, seguramente para nos atropelar. E obviamente que neste tipo de situação temos de manter bem o sangue-frio, não podemos demonstrar medo, porque se demonstrarmos é mau”.

O conselho que Pedro Freitas deixou foi este mesmo: em reportagem, não devemos demonstrar medo. É importante saber falar a mesma “língua” que os entrevistados. Sem

ultrapassar barreiras. Outros cenários de enorme perigo são os de guerra e de catástrofes naturais, onde praticamente tudo é imprevisível.

Por outro lado, ao repórter da atualidade é cada vez mais exigido que trabalhe para múltiplas plataformas e que domine os dispositivos técnicos de realização e edição de peças. Essa é uma alteração radical, dos tempos atuais, no dia-a-dia de um repórter, como salienta Pedro Freitas, que olha para esta nova realidade de forma positiva:

“Era impensável há uns anos haver um único jornalista que vai para o terreno com a sua própria câmara, o seu próprio tripé, monta com um *iPhone* o tripé, faz os seus diretos para qualquer parte do mundo com um telemóvel e depois chega à redação e edita o seu próprio trabalho. Antes tínhamos um jornalista, um repórter de imagem e um editor de imagem, um produtor. Neste momento, os novos tempos do jornalismo mostram-nos que cada vez mais nós temos que saber tocar as teclas todas: temos de saber filmar bem no terreno, temos de saber editar a nossa própria reportagem, ou seja, as novas tecnologias fazem de nós cada vez mais profissionais com maiores valências e isso também é bom”.

Apesar de certas dificuldades, problemas e desafios, o repórter assume um papel diferenciador na informação da SIC. Todos os dias, este canal privado transmite um leque de reportagens mais curtas, que compõem o alinhamento do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite. É o repórter que, muitas vezes, coloca novos temas na agenda da redação para serem explorados. Muitos dos temas das reportagens partem de ideias do próprio repórter. Este profissional tem a força de quem faz jornalismo no terreno, de quem conhece a história de perto, ouve os intervenientes e sabe os pormenores que só são visíveis a quem se encontra no próprio local do acontecimento. Por isso, o perfil do próprio repórter também é tido em conta no momento de decidir quem fará determinada reportagem. É importante perceber qual o jornalista mais indicado para cada assunto. E essa escolha, por si só, também é um desafio para os responsáveis do órgão de informação.

Conclusão

No decorrer do estágio na SIC tive o privilégio de estar perto de vários jornalistas e repórteres por quem nutro admiração. Observei a forma de trabalho de cada um, na redação ou no terreno. E foi a partir dessa observação e do esclarecimento das dúvidas que fui colocando que pude retirar conhecimentos de grande relevância para o meu crescimento como jornalista, tendo também oportunidade de os colocar em prática. A passagem por diferentes editoriais proporcionou-me contacto com diferentes realidades numa redação, temas diversos e ter experiências complementares.

O género mais nobre do jornalismo, a Reportagem, vive atualmente algumas transformações, sendo o seu futuro encarado com preocupação. O tempo de investigação que é necessário, o investimento que requer e o número de profissionais que implica têm constituído, nos últimos tempos, entraves ao seu desenvolvimento, levando a uma diminuição deste género jornalístico nas grelhas televisivas.

A Reportagem é cada vez menos explorada em formatos com maior duração. No caso da SIC, a Grande Reportagem (um formato exclusivo da SIC) conta com poucos jornalistas fixos. A equipa foi sendo reduzida ao longo do tempo, sinal de que, efetivamente, a reportagem deixou de ser uma aposta tão forte da direção de Informação, como o fora em tempos passados. Deixaram de existir reportagens semanais, com dias de transmissão fixos, mas isso não significa que já não sejam realizadas reportagens na SIC. Continuam a existir, mas em menor quantidade e transmitidas quando se considera oportuno, como disseram os jornalistas entrevistados. Normalmente, integram o Jornal da Noite, passando já no final do programa, após as 21 horas.

Para fazer as suas reportagens, os problemas e desafios que um repórter enfrenta não diferem muito daqueles que qualquer jornalista encara no seu dia-a-dia. Na verdade, o repórter confronta-se com esses mesmos problemas e desafios, mas de forma mais evidente e, porventura, também mais intensa. De facto, esses problemas parecem acentuar-se quando falamos no trabalho diário do repórter: a pressão do tempo, que dificulta o trabalho de investigação (menos tempo para contacto com fontes, para explorar detalhes sobre o tema, cruzar informações, refletir, etc.), a falta dos meios para o repórter ir para o terreno (o repórter tem de ter cada vez mais competências, como a de saber filmar, editar vídeo e áudio, etc.), a necessidade de pensar na peça para várias plataformas com conteúdos distintos (designadamente digitais), entre outros desafios.

Apesar destas condicionantes, indubitavelmente, o repórter faz a diferença numa redação. O repórter deve ter uma série de características particularmente importantes: a capacidade de traduzir de forma simples e clara aquilo que vê no local, de sintetizar muitos temas e acontecimentos complexos, resiliência para levar a cabo investigações muitas vezes difíceis, polémicas e que podem comportar riscos. O olhar de um repórter deve ser de curiosidade e de observação constantes, tendo particular atenção aos detalhes que normalmente passam despercebidos. É preciso estar atento aos pormenores para saber contar a história da forma mais cativante possível, mas respeitando o código deontológico e com a preocupação de transmitir a verdade. O repórter vai ao local do acontecimento, sendo essa, aliás, uma característica distintiva, vê com os seus olhos, “sente” o acontecimento, contacta diretamente com as fontes, recolhe informações e isso faz toda a diferença na peça jornalística, que é trabalhada com mais profundidade do que uma notícia ou uma peça de curta duração. Cada repórter olha para o tema de forma diferente, trabalha-o de forma distinta e aí está uma característica fundamental e diferenciadora do trabalho do repórter: dar o seu cunho pessoal nas peças que produz, a partir do que ele próprio encontra e investiga no local.

Assim, conclui-se que a reportagem faz a diferença no conteúdo que é transmitido na televisão. A SIC, que, como se disse, continua a transmitir reportagens, desenvolve, com a Reportagem Especial e Grande Reportagem, temas atuais e, muitas vezes controversos, que devem ser discutidos e abordados em sociedade. Assinale-se que, durante o estágio, o tema principal das grandes reportagens foi precisamente o ambiente, tão atual como importante na vida de todos.

Na SIC, os repórteres têm colocado, muitas vezes, temas na agenda e confrontado os diversos poderes com assuntos incómodos, levando ao debate público. De resto, muitos repórteres do canal já foram premiados pelas suas reportagens de investigação. Disso é exemplo, Pedro Coelho, que é uma referência na área e que recebeu o Prémio Mário Mesquita durante o meu estágio. Aborda normalmente temas controversos nas suas investigações. Uma das suas recentes reportagens mais debatidas, tanto na esfera pública, como por outros órgãos de comunicação social (Expresso, Observador, Renascença), tem como título: “Quando o ódio veste a farda”: os crimes de polícias e militares nas redes sociais”²⁰. A reportagem foi transmitida no dia 17 de novembro de 2022 e conta a história

²⁰ <https://opto.sic.pt/series/Quando%20o%20C3%93dio%20Veste%20Farda/394b834e-ec8a-4e9e-bd9b-8b65a5f04cf1>

de quase seis centenas de polícias e militares da GNR a apelar ao ódio através da criação de grupos na rede social *Facebook*.

Esta reportagem, que constitui um exemplo de um trabalho jornalístico de grande profundidade, teve um amplo mediatismo, suscitando publicações, comentários, notícias e comunicados, o que gerou debate e alguma reflexão por parte das pessoas acerca do tema. De facto, é esse o objetivo de um repórter quando prepara uma reportagem de investigação. Pedro Coelho, na minha opinião, cumpre de forma exímia esse propósito, conseguindo levantar certas questões que antes não eram do conhecimento público. Além de Pedro Coelho, vários repórteres se destacam na informação da SIC, como Catarina Neves, Amélia Moura Ramos ou Miriam Alves. São, de facto, os jornalistas mais experientes os responsáveis pelas grandes reportagens da SIC. Para os mais jovens ficam reservadas peças de curta duração. Muitas vezes, é o próprio repórter que tem a liberdade de escolher o tema e o ângulo de abordagem que quer investigar, o que reforça a sua importância no contexto de uma redação.

Ao longo dos cinco meses de estágio tive a experiência de realizar diferentes peças jornalísticas, ir para o terreno e contactar com fontes diversas. Conheci vários locais, entrevistei pessoas com funções importantes, pessoas anónimas, ricas, pobres, famosas, etc. Foi muito enriquecedor sentir de perto a realidade das testemunhas com quem contactei. Senti que fiz a diferença e que ajudei o canal. Aceitei sempre todos os desafios que me propuseram, encarando-os como uma aprendizagem constante e fundamental no meu percurso como jornalista. Além disso, também contribuí com novas ideias e sugestões de temas para trabalhos. Realizei 29 peças durante todo o estágio.

O sentimento é de gratidão, por tudo o que pude experienciar, numa redação como a da SIC. Contactar com jornalistas e repórteres reconhecidos e premiados, cujo trabalho há muito acompanho, foi sem dúvida uma das partes mais gratificantes do estágio, tal como ter oportunidade de colocar em prática muitos dos conhecimentos que adquiri ao longo dos últimos anos como estudante de jornalismo.

Contudo, durante o estágio deparei-me com certas dificuldades, que poderiam ser atenuadas com um melhor acompanhamento dos estagiários. Senti, por vezes, falta de apoio, por exemplo, de alguém responsável que pudesse estar connosco, estagiários, do início até ao fim do estágio. Considero que é necessário ter alguém a acompanhar mais de perto os trabalhos dos estagiários, a corrigir, a dar conselhos e em permanente contacto connosco.

Ao longo dos cinco meses que estagiei, foram vários os estagiários com quem me cruzei. Contribuímos com uma grande parte da produção noticiosa do canal. Concluindo, sei que o caminho que fui construindo durante todo o tempo de estágio fez-me crescer profissional e pessoalmente. Nunca tive tanta certeza do que quero fazer para o resto da vida. Partilho, assim, da ideia que me foi transmitida pelo jornalista Pedro Freitas: “uma reportagem é, para mim, uma oportunidade de ser feliz.”

Bibliografia

- André, M. (1995). *Etnografia da prática Escolar*. São Paulo: Papirus.
- Balsemão, F. P. (2021). *Memórias*. Lisboa: Porto Editora.
- Brandão, N. G. (2006). *Prime Time. Do que falam as notícias dos telejornais*. Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Brandão, N. G. (2016). *Os Media e o Território Televisivo*. Lisboa: Escolar Editora.
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Lisboa. Celta.
- Cádima, F. R. (2001). "A pós-televisão: Adorno, Bourdieu e os outros, ou na pista da 'qualimetria'". *Revista de Comunicação e Linguagens*, 30, pp. 157-165.
- Cardoso, G., et al. (2015). *Modelos de Negócio e Comunicação Social – Telcos, Legacy Media, Novos Media e Start-Ups Jornalísticas em navegação digital: Estudo Prospectivo (2015-2020)*. Lisboa: Atelier Gráfico à Lapa.
- Cascais, F. (2001). *Dicionário de Jornalismo: as palavras dos media*. Editorial Verbo.
- Castanheira, J. P. (1998). "Prefácio". In J. Vegar (Coord.) *Serviço de Reportagem*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Chaparro, M. C. (2001). *Linguagem dos conflitos*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Coelho, P. (2015). "A investigação jornalística em televisão: Algumas reflexões sobre o futuro do jornalismo televisivo". In Sá, P. Serra e W. S. Filho (Org.) *A Televisão Ubíqua*. Covilhã: Livros Labcom, pp. 105-122.
- Coelho, P., Reis, A. I., Bonixe, L. (2021). *Manual de Reportagem*. Covilhã: LABCOM Comunicação e Artes.
- Correia, F. (1997). *Os Jornalistas e as Notícias*. Lisboa: Editorial Caminho
- Correia, M. C. (2009). "A observação participante enquanto técnica de investigação". *Pensar Enfermagem*. Vol. 13. Nº2, pp. 30-36.
- Cunha, A. (1990) *Telejornalismo*. São Paulo: Editora Atlas.
- Emerim, C. (2020). *O texto na reportagem de televisão*. Caxias do Sul: RS.
- Figueiras, R. (2014). Entrevista a Barbie Zelizer. *Comunicação & Cultura*, (17), 105-111. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2014.5141>
- Filho, G. F. (2019). *A Quarta Vaga da reportagem: retratos em português*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Francisco, N. A. (2012). *Televisão e consumos culturais*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Covilhã, Universidade da Beira Interior.

- Ganz, P. (1995). *A Reportagem em Rádio e Televisão*. Mem Martins: Inquérito.
- Gradim, A. (2000) *Manual de jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Godinho, J. (2004). *Genealogias da Reportagem: do conceito de reportagem ao caso da Grande Reportagem, programa da RTP (1981-1984)*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Godinho, J. (2021). *Manual de Reportagem*. Covilhã: LABCOM.
- Godinho, J. (2011). *As origens da Reportagem – Televisão*. Lisboa: Livros Horizonte
- Gomes, A. (2012) *Nos bastidores dos telejornais – RTP1, SIC E TVI*. Lisboa: Tinta da China.
- Gomes, R. M. (2015) *O Fim da Reportagem – O jornalismo à distância de um clique*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Gomes, R. M. (2012). *A queda da reportagem e os contributos da Internet para o sedentarismo da prática jornalística*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Lisboa_ NOVA-FCSH.
- Gonçalves, J. R. (2019). *O Jornalismo de investigação e as Grandes Reportagens Televisivas*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo. Covilhã: UBI.
- Jespers, J. J. (1998). *Jornalismo Televisivo*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Klein, E. J. C. (2012). *Circuitos Comunicacionais Ativados pela Autorreferência Didática no Jornalismo: O Caso do Profissão Repórter*. Tese de doutoramento publicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2005). *Os Elementos do Jornalismo*. Porto: Porto Editora.
- Lage, L. R. (2015). “O testemunho na TV: ‘Profissão Repórter’ e a encenação da encenação”. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v.38, n.2, pp. 139-158.
- Lage, N. (2008). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.
- Lopes, A. S., et. al. (2022). *O Jornalismo Visual em Portugal. Contributos para uma História*. Lisboa: IPL.
- Lopes, F. (2015). *Jornalista: Profissão Ameaçada*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Marinho, S., Coelho, P. e Júnior, F. G. (2021) “O ensino da reportagem em Portugal e no Brasil”. In Coelho, P., Reis, A. I. e Bonixe, L. (Org.) *Manual de Reportagem*. Covilhã: Labcom, pp. 95-120.
- McChesney, R. W. (2008). *The political economy of media: Enduring issues, emerging dilemmas*. NYU Press.
- Mesa, Y. (2004) *Géneros periodísticos y géneros anexos*. Madrid: Editorial Fragua.

- Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco. O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Quintanilha, T. (2020). *Desafios no jornalismo e sustentabilidade no setor da imprensa escrita*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Rebello, J. (org.). (2021). *Ser Jornalista em Portugal*. Lisboa: Gradiva.
- Sá, S. M. (2017). *Jornalismo Integrador: O Noticiário Televisivo na Era da Abundância Informativa*. Tese de Doutoramento. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Soares, H. e Oliveira, J. (2007). *A construção da notícia em telejornais: valores atribuídos e newsmaking*. Intercom (disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0744-2.pdf>)
- Sodré, M. e Ferrari, M. H. (1986). *Técnica de reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística*. 7 Ed. São Paulo: Summus.
- Sousa, H. (1999) “Time-Life/Globo/SIC: Um Caso de Reexportação do Modelo Americano de Televisão?”, Comunicação apresentada no I Congresso das Ciências da Comunicação da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2691/1/helenasousa_SICGloboSOP_COM_1999.pdf [consultada em 10 de agosto de 2023]
- Spinelli, E. (2012). “Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e internet”. *Revista Alterjor*, 6 (2), pp. 1-15.
- Teixeira, R. C. (2015). *Informação e Serviço Público – um retrato do “Jornal 2”*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Braga: Universidade do Minho.
- Torres, E. C. (2011). *A Televisão e o Serviço Público*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.
- Woodrow, A. (1996). *Informação, Manipulação*. Lisboa: D. Quixote.

Anexos

Anexo 1 - Entrevistas realizadas

1. Luís Marçal, Coordenador do Jornal da Noite – 13/06/2023

- Encontra-se na SIC há mais de 23 anos. Durante muito tempo, esteve dedicado à Editoria de Desporto. Atualmente é o coordenador do Jornal da Noite da SIC.

- Há quanto tempo coordenas o Jornal da Noite, na SIC?

Há sete anos.

- Qual é o teu trabalho diariamente, enquanto coordenador?

Nós fazemos uma reunião entre as 11 da manhã e uma hora para vermos os temas que há no dia, as pessoas que temos disponíveis e planeamos o dia em função disso. Vemos as reportagens, seja com base em material que nos chega das agências, em *feeds*, seja com base em material recolhido no terreno, em Portugal. Depois fazemos quase duas horas de jornal, todos os dias.

- Como se organiza um alinhamento de um noticiário televisivo?

Cada um tem a sua forma muito própria de fazer as coisas... temos aquelas “balizas” que sabemos que temos de cumprir, o intervalo ou intervalos, de preferência entre as oito e as nove, temos de promover ao longo do jornal os assuntos mais palpitantes, os conteúdos que atendemos ser mais valiosos e até promovemos mais que uma vez. Depois temos que decidir uma ordem que respeite a hierarquia de importância dos assuntos do dia, que seja, na prática, a melhor fusão possível entre o interesse público e o interesse do público. O interesse público é a nossa obrigação. O interesse do público é o “nosso pão”, por assim dizer. Nós não podemos viver sem o interesse do público, porque se não tivermos interesse do público naquilo que mostramos, não temos audiências. Se não tivermos audiências, não temos sucesso. Mas não podemos desrespeitar o interesse público, porque felizmente, ao longo dos últimos 30 anos, contruímos uma imagem de marca muito credível na informação, se não a mais credível de Portugal. Portanto, não podemos, de todo, nas escolhas que fazemos, quer para as reportagens que incluímos no jornal, quer

para a forma como alinhamos, como organizamos temporalmente... não podemos defraudar a expectativa de quem venha à procura de uma informação diferente, de qualidade, que aprofunda, que vá mais longe do que os outros fazem.

- O que é reportagem e que característica a define?

Pode ter um minuto. Pode ter 40. A reportagem é a essência do jornalismo. Reportagem deriva do verbo reportar que significa ir a um sítio e contar a quem não esteve nesse sítio o que aconteceu naquele sítio. Como, quem, quando, o quê, porquê, que consequências, que efeitos aquilo teve: isso é a reportagem. E nós, no planeamento diário, e no planeamento mais a médio e longo prazo, vemos quais os temas que merecem uma reportagem curta, os que merecem reportagem média e os que merecem longa. Uma conferência de imprensa... como vai ser a distribuição dos voluntários na Jornada Mundial da Juventude merece uma reportagem de um minuto e meio. Toda a confusão à volta do palco e do dinheiro merece uma reportagem especial de 25 ou 30 minutos. Portanto, lá está: mais uma vez, temos de saber construir um equilíbrio entre o interesse público e o interesse do público. Entre aquilo que as pessoas querem ver e aquilo que nós somos obrigados a fazer, que devemos fazer todos os dias, além de informar, que é formar. Formar não é só ensinar às pessoas como é que se escreve, lê e como é que se conta. É formar consciências para que as pessoas possam tomar decisões mais bem informadas sobre os assuntos que podem ter impacto na sua vida do dia a dia.

- Que condições são precisas para se fazer reportagem?

Fundamental... e que, felizmente, existe na SIC, embora não esteja cá desde o dia 6 de outubro de 1992, estou desde o dia 31 de janeiro de 2000 e nunca notei algo diferente daquilo que quem já estava cá antes, já me dizia e sempre me disse: o fundamental é a nossa independência. Eu nunca me senti pressionado, nem como repórter, nem como pivot, nem como coordenador. Nunca me senti pressionado externamente ou internamente para fazer ou dizer, tratar isto daquela forma ou de outra, não, nunca.

Isso deriva muito da independência desta redação que é um valor que eu sei que o fundador da Impresa, Dr. Francisco Pinto Balsemão, presa muito e, felizmente, quem o tem sucedido também valoriza muito e faz questão de implementar todos os dias.

O resto são as questões práticas: é preciso ter dinheiro. Se a reportagem for para ser feita do outro lado do mundo, se nós entendermos que convém metermos a nossa marca, só o

conseguimos fazer se tivermos dinheiro para lá ir. Se não, temos de esperar pelo que vem nas agências internacionais.

- Qual o perfil de um repórter?

Tem de ser curioso. Tem de ser perspicaz. Ver coisas diferentes do que todos os outros veem, no mesmo sítio, nas mesmas circunstâncias. Tem de ter cultura geral. Não precisa de saber tudo sobre tudo, mas não pode haver nada que não saiba pelo menos alguma coisa. Posto perante uma situação inesperada, num determinado local em que está em reportagem, saber como avaliar e saber como reagir em função do conhecimento que já tenha sobre aquele assunto. Nem que seja vago, mas tem de ter.

A minha geração e a anterior à minha sempre teve cuidado. Infelizmente acho que na vossa isso se está a perder, porque vocês têm uma ferramenta que não existia nos nossos tempos que se chama *Google* e *Smartphone*. Vocês, a qualquer momento, qualquer hora, qualquer sítio, abrem o *Google*, fazem uma busca e aparece-vos as mais variadas respostas.

Mas há uma diferença entre aquilo que se vê no *Google* e aquilo que o *Google* nos diz e aquilo que vamos aprendendo com a experiência ao longo da vida, porque uma memória vivida é sempre mais forte, mais impressa, mais fácil de recordar do que uma memória vista um ecrã ou lida num texto. E, por isso, eu acho que a cultura geral que nos transmite a visualização dos documentários, a leitura, seja de jornais ou livros, revistas, como a minha geração e anteriores assimilaram essa cultura geral... Apesar de tudo, imprimiremos memórias mais fortes que vocês... do que aquelas que vocês têm... E apenas verem o *Google* ou verem uma coisa ou outra de vez em quando, porque não sentem a necessidade de saber alguma coisa sobre tudo, porque sabem que têm sempre o *Google*... Vocês fazem a pesquisa naquele dia, mas amanhã já não se lembram. Por exemplo, eu nunca me esqueci sobre o movimento anual aparente do sol, porque aprendi numa aula e vi um documentário. O sol aparentemente tem o movimento todos os anos entre o trópico de câncer e trópico de capricórnio. Quando está no trópico de câncer é o solstício de verão e quando o sol está no trópico de capricórnio está no solstício de inverno. Quando está no equador é primavera e outono.

Eu nunca me esqueci disto. Não fui ver ao *Google*. Eu vivi, aprendi, interessei, li. E essa memória acho que a vossa geração não tem e é importante para um repórter. Mais importante que isto tudo: saber ler e escrever muito bem em português.

- Um jornalista é sempre um repórter?

Não. Um pivot não é um repórter. Um repórter é alguém que naquele momento está naquele sítio e que em direto ou em forma gravada relata uma coisa que aconteceu. O pivot e o coordenador são jornalistas que juntam tudo o que aconteceu e tentam construir uma espécie de um filme que é um jornal para que quem esteja em casa fique informado sobre o que aconteceu naquele dia, quer em Portugal, quer no estrangeiro.

- Existe uma hora mais ou menos específica para se transmitir uma reportagem?

Há mais ou menos. Mas pode variar em função da concorrência que vai ter naquele dia. Se houver um jogo de futebol, fica tudo baralhado, pois temos de fazer os intervalos a aproveitar o intervalo do jogo de futebol que dá na concorrência. Mas obviamente que hoje, por exemplo, ontem foi dia de Santo António, não vou pôr a Noite de Santo António a abrir o Jornal da Noite. Vai entrar mais perto do fim do jornal.

- Com que regularidade passa uma Reportagem Especial ou Grande Reportagem?

Com grande regularidade. Temos três produtos grandes por semana com a nossa marca.

- Como se procede à escolha de determinada reportagem para aquele dia?

É um calendário que se vai fazer com os temas, jornalistas disponíveis. Condicionamentos com o próprio calendário de filmagens. Se há uma data definida, por exemplo, tínhamos uma Grande Reportagem sobre as Jornadas da Juventude, uma semana antes de acontecer, passávamos.

- Quais as diferenças entre a Reportagem Especial e a Grande Reportagem?

São muito poucas: o tempo. Uma reportagem Especial devia ter, no máximo, 20 minutos. Uma Grande Reportagem pode ir até aos 40 minutos e pode estar dividida em dois episódios de 40 minutos, por exemplo. Isso vai depender do assunto, do que se consegue, de tudo. A Grande Reportagem tem grafismo próprio, ou seja, os oráculos, alguns elementos gráficos que sejam para complementar a voz off, são acrescentados diretamente pelo grafismo. Uma Reportagem Especial tem frases e oráculos normais, iguais às peças do jornal.

- Os grandes formatos, como as reportagens de grande dimensão, são uma mais-valia para as audiências?

Normalmente, os médios e grandes formatos são as partes mais vistas do jornal. Neste momento, o mais visto no jornal é o Guerra Fria.

- Sentes que há menos esforço do jornalista em ir para o terreno, uma vez que, a internet possibilitou as entrevistas não presenciais?

Eu acho que, regra geral, as gerações mais recentes são mais preguiçosas do que as gerações anteriores. Preguiçosa não é no mau sentido. E tudo está relacionado com a facilidade de recolha de informação que nós não tínhamos. Não tínhamos outra forma de procurar livros, revistas, para nos informar. Neste aspeto, as gerações atuais são privilegiadas por terem uma série de ferramentas para se informarem antes de informar os outros que nós não tínhamos há 25 anos. E isso fez com que vejam a profissão de uma maneira diferente. Sentem que hoje têm de fazer uma peça sobre professores: leem tudo o que aparece no *Google* e parece que fazem «*Shift / delete*». Depois, no dia seguinte se perguntar “quem é que entrevistaste para a tua peça?” A resposta é: “Já não me lembro, tenho que ir ver”.

E nós não eramos assim. Eu acho que ainda me lembro das reportagens que fiz no meu estágio, há 26 anos. Lembro-me de bastantes. Mas isso não quer dizer que nós, mais velhos, somos melhores jornalistas que vocês mais novos. São maneiras diferentes de trabalhar, é própria da evolução dos tempos.

- Que vantagens a internet trouxe na prática jornalística?

Até há dois anos fiz relatos de jogos de futebol da SIC. Nos últimos 10 anos, levava o computador, o telemóvel ou o *Ipad*. Ou duas, três folhas para fazer umas notas, mas às vezes nem precisava. Eu tinha tudo disponibilizado nos *sites*. E eu, que, em 2021, não levava nada para um jogo de futebol... é o mesmo que levei, em 2001, um dossier com uma grossura de 10 centímetros, para a Suécia para fazer o jogo Suécia – Portugal, fazer com tudo impresso e escrito sobre a história das duas nações, sobre os jogadores, sobre a cidade... obviamente que vocês atualmente têm de ter uma visão diferente de nós, porque vocês nasceram e cresceram na profissão, em tempos muito mais evoluídos em tecnologias e com muitas mais ferramentas que nós. O importante é que a disponibilidade destas ferramentas não faça com que os jornalistas de agora, que serão os mais velhos do futuro, se limitem a ir ao *Google*. Se limitem a ler hoje o que o *Google* lhes diz sobre um

determinado assunto, fazer «*Shift / delete*» ao fim do dia e esquecer. Porquê? Porque sabe que no dia seguinte pode pesquisar tudo outra vez. Mas o problema é que, se esquecer tudo o que aprendeu, não vai acumular experiências e vivências. E um dia, posto perante o inesperado, vai-se dar mal, vai correr mal, vai falhar o lead e a notícia. O problema é que não está só com ele próprio, está a falhar com o público dele. E ao falhar com o público está a informar mal. E ao informar mal está a formar. E a partir do momento que um jornalista forma mal quem o vê, ouve e lê, pode levar essas pessoas a tomarem decisões erradas em situações que são importantes para o futuro delas.

2. José Gomes Ferreira, Diretor-Adjunto de Informação – 14/06/2023

- Passou pela TSF e pelo *Público*. Encontra-se na SIC desde 1992. É atualmente diretor-adjunto de informação e coordenador da Editoria de Economia.

- Qual é o seu trabalho diariamente?

Começo por dizer que não conto horas de trabalho. Às vezes estou em casa e a trabalhar para a SIC... o nosso tipo de trabalho é muito fluído e perdura muito mais no tempo, no dia, na semana, no mês e no ano do que propriamente estar a controlar o horário.

Dito isto, tenho tarefas muito diversificadas: falando das que dizem respeito ao editorial, eu costumo dizer que estou na linha de montagem, como jornalista a obter informação das fontes, faço entrevistas no estúdio do meu programa, faço debates, ajudo os jornalistas a fazer determinadas peças, especializei-me mais em economia e, por isso, acompanho o trabalho dos jornalistas de economia que me pedem para ver textos, muitas vezes obtenho informações novas, passo-as para eles fazerem as notícias e faço também a edição do que é a área da economia, como base de trabalho diária.

Depois tenho tarefas de organização de trabalho, ainda na área editorial. Fazer as reuniões do dia: das 11 e das 15. Das 11 amarrar tudo o que é do dia para o canal aberto SIC, Primeiro Jornal e Jornal da Noite e para a SIC Notícias, ver o que é preciso fazer em direto, marcar as equipas que faltam, decidir quem vai fazer o quê, quem é que faz peças, em conjunto com os coordenadores.

No planeamento, planeia-se o dia seguinte, planeia-se o resto da semana, planeia-se o fim de semana, peço peças para o fim de semana, planeamos operações especiais, por exemplo, as Jornadas Mundiais da Juventude estão comigo. Depois, existem tarefas como

acompanhar as equipas de repórteres de imagem, no que diz respeito a meios técnicos para transmissão, câmaras, gestão da frota de carros. Os próprios equipamentos necessários para a realização de diretos.

Tudo o que é correspondências nacionais, a área de gestão de contratos, quem entra e sai, a negociação com os recursos humanos e administração, sou eu que trato. Depois, tudo o que tem a ver com fornecimentos e serviços externos que é acompanhar todas as despesas, ou seja, pedir tudo o que tem a ver com viagens ao estrangeiro, custos de viagem, avião, hotel... é preciso fazer orçamentos, portanto tenho de ter uma ideia do que se vai gastar para dar para aprovação.

Tudo o que tem a ver com as reuniões com a administração sobre a análise de audiências e sobre os indicadores financeiros e de gestão da empresa e os conteúdos que estamos a fazer. Também acompanho os correspondentes internacionais...Negociar com comentadores e analistas, no sentido de os contratar.

- Qual a importância da Reportagem Especial e da Grande Reportagem na informação televisiva da SIC?

São formatos de reportagem que podem incluir todos os géneros de reportagem, sobretudo o de divulgação e investigação. Servem para explicar às pessoas determinadas realidades que não são possíveis de explicar com um direto em determinado local e têm de ter algum tempo e seleção de material, de procura de fontes, de entrevista, de contactos, de filmagem de eventos que possam decorrer, ou de produção desses mesmos eventos, para depois seleccionar o melhor e mostrar uma realidade aos telespectadores que de outra maneira não seria bem mostrada. Imaginemos um congresso de cientistas em Lisboa... e decides mostrar aquela realidade ao país e vais lá no dia em que eles estão lá, fazes diretos e com a imagem vais perceber a importância da reportagem. Falas com eles e alguns não falam português. Tens de traduzir. Depois, estão a falar linguagem técnica e por isso tens de estar permanentemente a explicar às pessoas esses termos. E acabas por não perceber e ilustrar o que eles fazem. No congresso de cientistas vais fazer uma peça de um minuto e chega. Se queres mostrar o que eles realmente fazem, seleccionas um projeto, qual o tema, a investigação, produzir, ter tempo, perceber o que fazer, tu própria estudares o assunto e depois constrúes toda a reportagem. E aí está a importância da reportagem *versus* o que é cobertura de eventos, que é totalmente diferente.

- O formato de reportagem em grande dimensão tem impacto nas audiências?

Em regra, o critério de seleção dos temas e de quem faz os conteúdos, o perfil da pessoa é tido em consideração e o local exato no alinhamento do Primeiro Jornal, Jornal da Noite ou da SIC Notícias em que é exibido faz toda a diferença em termos de audiências. Mas o nosso objetivo não é exclusivamente ter audiências, sendo nós um grupo de comunicação com canais que são considerados comerciais, vivemos ou da venda de publicidade ou da subscrição do próprio canal ou das duas coisas. Não é exclusivamente o retorno em audiências que nos move. É também, mas é sobretudo o serviço público de mostrar o que é relevante para a sociedade.

- Quem são os repórteres da SIC?

Na grande reportagem temos apenas três repórteres a fazer esse tipo de trabalho e ainda têm a cobertura diária no fim de semana em que as escalas são rotativas e no verão também. Miriam Alves, Amélia Moura Ramos, Pedro Coelho são considerados os repórteres seniores.

Depois temos outros que fazem Reportagem Especial e a diferenciação não é muita para a Grande Reportagem. Há reportagens especiais que podiam levar o carimbo de Grande Reportagem. Embora a última tenha mais tempo, seja mais criadora de valor acrescentado, porque é mais de investigação.

Para este segundo conjunto de jornalistas que faz reportagens especiais... depende muito da área de especialização deles, se é do ambiente vai Carolina Reis ou Diana Pinheiro ou alguém que tenha mais apetência. Se é uma Reportagem Especial no âmbito de uma ida com enviado especial para a Ucrânia, João Nuno Assunção... por aí fora.

Se é sobre energias renováveis que estão a aparecer por todo o país sob forma de eólicas e fotovoltaicas é o Hugo Alcântara que está no Alentejo e vê nascer os parques fotovoltaicos todos os dias... depende muito.

- Cada vez mais vê-se jovens jornalistas na redação. É uma aposta da SIC?

Na ligação com quem faz reportagens especiais, não necessariamente. Alguns que são jovens e têm essa apetência e que têm esse perfil fazem até com poucos anos de experiência. Portanto, o critério não é a experiência acumulada, é a especialização, o conhecimento demonstrado e a capacidade de fazer as reportagens com maior folgo, porque a técnica para as fazer não é igual à técnica de se fazer uma notícia de um minuto meio. Exige mais sentido do conjunto, exige mais sentido estético, mais sentido das

proporções, mais sentido do editar, do escolher... saber contar uma história para agarrar a atenção do telespectador. E nem todos o sabem fazer.

Não é por ser mais novo ou mais velho. Damos oportunidade a todos.

- Que vantagens e desvantagens, a evolução das tecnologias trouxe para a reportagem?

No sentido mais restrito do termo, implica sair, ir para a rua. Contactar com as fontes e os protagonistas das histórias e durante a pandemia, a questão que se punha, era mais as medidas de proteção e segurança que cada um tinha de tomar, tanto os agentes das histórias, como os entrevistados, repórteres de imagem. Para a operação diária de cobertura de eventos, de política, de economia, do parlamento, das instituições europeias, foi muito mais fácil aplicar princípios de distanciamento mediados por tecnologias para chegar na mesma aos eventos do que propriamente na reportagem em si. Embora também nas reportagens tenhamos feito exceções, como entrevistar algumas pessoas por *Skype*, *Zoom* ou outra plataforma. Embora nós tentemos nas reportagens falar mesmo com o protagonista pessoalmente e diretamente.

**3. Pedro Freitas, jornalista da Editoria de Sociedade, na área da Justiça –
14/06/2023**

- Chegou à SIC em 1998. Destaca-se pelas inúmeras reportagens na SIC. Atualmente integra a equipa da Editoria de Sociedade.

- Como é que iniciaste a tua carreira no Jornalismo?

Estava no último ano da faculdade e consegui vir para a SIC, aprender como se trabalhava em televisão: era um sonho que tinha. Comecei, curiosamente, no jornalismo desportivo. Integrei a equipa do programa “Donos da Bola” que era um mítico e histórico programa na SIC, um programa que desafiou os interesses instalados há muitos anos no futebol português. Foi uma boa escola, deu para aprender muita coisa. Eu sempre fui uma pessoa que gostei muito de desporto, futebol... fiz 10 anos de jornalismo desportivo. Quando falamos em jornalismo desportivo, falamos, sobretudo, em jornalismo futebolístico, porque para a SIC e a maior parte dos outros canais... 90% do desporto é futebol.

Depois, deixei o jornalismo desportivo, pois era uma ambição minha já há bastante tempo. Sentia que já tinha feito tudo aquilo podia ter feito a nível da minha carreira enquanto jornalista desportivo: fiz os jogos olímpicos, vários campeonatos do mundo... e há muito que reclamava aqui na SIC por um lugar numa outra editoria que me pudesse permitir aprender outras coisas. E foi o que aconteceu.

Portanto, saí do desporto e estou na Editoria de Sociedade há cerca de 15 anos. Trabalho, sobretudo, os temas de justiça, da administração interna, da defesa nacional. Mas, digamos que os jornalistas de Sociedade são generalistas: têm que basicamente estar habilitados a fazer várias coisas, o que não quer dizer que façam bem, porque é complicado. Eu defendo que todos nós temos de ser jornalistas sobretudo com as respetivas especialidades. É muitíssimo importante trabalhar áreas habituais. Podemos trabalhar sempre assuntos da justiça, termos as nossas fontes nestas áreas, porque não é muito benéfico fazermos várias coisas, saltarmos de um lado para o outro. Hoje saúde, amanhã educação, outro dia justiça... eu acho que isso não é muito benéfico. Mas a verdade é que acontece muito. Somos chamados a fazer reportagem sobre vários temas e isso não é fácil. Obrigando-nos a uma preparação muito grande, temos de estar muito informados sobre as coisas que vão acontecendo, sob pena de trabalharmos os assuntos muito pela rama e não é isso que se pretende.

- O que é uma reportagem?

Uma reportagem, para mim, pessoalmente, é a oportunidade de ser feliz. É aquilo que eu gosto de fazer. É explorar os sentimentos no terreno, os nossos sentidos: a nossa visão, o nosso olfato, o nosso tato. É tentarmos perceber mais do que aquilo que os nossos olhos nos mostram. É tentar olhar noutra perspetiva e tentarmos mais informação.

A reportagem, na SIC, é aquilo que fazemos diariamente. Estou na SIC há 25 anos e é aquilo que faço diariamente. Isso é o lado bom da vida do jornalista, do repórter: é fazer sempre coisas diferentes, reportagens diferentes, ainda que, dentro da mesma pasta. Por exemplo, na justiça fazemos coisas diferentes todos os dias, temas diferentes, processos diferentes, entrevistados diferentes e isso é muitíssimo importante.

A reportagem é uma forma de nós crescermos enquanto profissionais, mostrarmos a nossa capacidade jornalística e descodificarmos tudo aquilo que vemos no terreno, tentando simplificar ao máximo aquilo que depois as pessoas vêm em casa. Para que as pessoas em casa tenham uma fácil perceção daquilo que vai acontecendo. Nós temos que desconstruir, muitas vezes, temas muito técnicos e isso é não é fácil de fazer. As pessoas

em casa, muitas vezes, olham para os temas e, às vezes, à primeira vista, não conseguem perceber o alcance daqueles temas. Nós, jornalistas, obviamente que temos o dever de sermos sempre isentos, isso está no nosso ADN, enquanto jornalistas. Mas, nós temos de saber decodificar essa linguagem, para que as pessoas percebam o que está em causa. E essa é a grande dificuldade, porque nós precisamos mesmo de saber desconstruir e saber explicar tudo aquilo que vamos assistindo no dia a dia e aquilo que vamos conversando com as nossas fontes. É importante essa relação que se estabelece com as fontes no terreno. Com o passar dos anos nós conseguimos ter acesso a vários contactos que nos permitem melhor desenvolver a nossa atividade profissional.

- Lembras-te da tua primeira reportagem?

Foi seguramente um tema relacionado com futebol. Não me lembro ao certo. Mas, lembro-me que estava nervoso, como creio que qualquer jovem com 22 anos, quando abraça esta profissão. Era um tema de futebol para o programa “Donos da Bola”, não sei em concreto qual foi a reportagem, mas sei que a primeira vez que saí em reportagem, fora da área daqui de Lisboa, foi para ir ao Porto fazer uma entrevista. Lembro-me que vesti um fato com gravata, vesti o melhor fato que tinha, e quando surgi na redação, os meus colegas olharam de cima abaixo. Eu estava orgulhoso, porque ia sair em reportagem, ia para o Porto, ia entrevistar pessoas e achei que devia usar a minha melhor roupa. É algo que nós, neste momento, não nos vestimos assim. O jornalismo, agora, podemos vestir uma roupa informal. Mas, eu estava tão entusiasmado e nervoso ao mesmo tempo, que achei que devia me vestir da melhor forma. E lá fiz a minha reportagem.

- Quais as reportagens que fizeste que mais te marcaram?

As reportagens que mais marcaram estiveram relacionadas com o assunto dos direitos humanos. É o tema que mexe mais comigo, enquanto jornalista e também enquanto ser humano. Gosto de trabalhar esses temas, gosto muito de poder demonstrar que há pessoas no mundo em situação de grande dificuldade e que precisam de ajuda e isso para mim é uma missão. Gosto muito de explorar essa área. Alertar as pessoas, comunidade internacional, o nosso país, as autoridades competentes, para a necessidade de ajudar determinadas comunidades que passam por momentos de grande aflição.

Lembro-me de ter estado na África do Sul, um mês e meio, em reportagem... e tentei sempre dar um cunho pessoal às minhas histórias, tentando mostrar esse lado humano das

histórias, porque cada história tem rostos, são pessoas que em muitos casos, estão em situação de sofrimento, e eu gosto de poder acompanhar isso, mostrar esse sofrimento e a melhor de nós podermos ajudar.

Também já fui a muitos bairros ditos problemáticos onde tem pessoas tão boas. Apesar de não terem absolutamente nada, são pessoas que não lhes falta um sorriso. Aquelas crianças com tão pouco e são tão felizes e isso é extraordinário de ver e de poder documentar em reportagem.

Na China, a forma como os chineses vivem num regime ditatorial, também lá estive durante um mês e meio, na República Centro Africana, que foi um trabalho do qual me orgulho. Tive oportunidade também de fazer reportagem com as populações mais carenciadas num contexto em que a cidade de Bangui, é uma cidade muitíssimo complicada, pessoas têm dificuldade em ter os alimentos de primeira necessidade, não há água... e aquilo é um aperto no coração.

Marca muito e vens de lá com outra perspetiva do mundo e acho que até te torna melhor pessoa, porque assistes a tantas dificuldades que depois acabas por chegar ao teu país e relativizas. Quando estás perante uma dificuldade, o raciocínio é “porque que é que eu me vou queixar, se efetivamente já vi tanto de tanta gente em sofrimento?”. E aquilo sim, são pessoas que sofrem... porque é que me vou queixar da vida? Às vezes queixamo-nos de barriga cheia, como diz o povo e é verdade.

Lembro-me de ter estado recentemente na Ucrânia a fazer reportagem com os refugiados que tiveram de fugir da guerra e que foram acolhidos por vários países, sobretudo europeus, entre os quais Portugal. Acompanhei uma dessas viagens que tiveram de abandonar os maridos, os filhos, os pais e foram procurar refúgio e ajuda a outros países. Também uma reportagem que recorro com saudade.

Outra foi o sismo na Turquia.

Há uns tempos, dei-me ao trabalho de contar mais ou menos o número de países que já visitei em reportagem e foram seguramente mais de quatro, cinco dezenas de países. Estive no Afeganistão, em Kabul, estive no Iraque, em Bagdad... são muitos países, muitas histórias. Espero um dia traduzi-las todas para um documento escrito, um livro, quem sabe, porque são muitas histórias que eu guardo.

Lembro-me sobretudo dos sorrisos das crianças e pessoas em que senti profunda necessidade em poder ajudar e não consegui. Gostava muito de ter ajudado várias pessoas com quem me cruzei ao longo da minha carreira e não foi possível. Mas o rosto dessas pessoas creio que estará sempre presente na minha vida. Nunca me esquecerei.

- O que é preciso para ser repórter?

Um bom repórter tem de estar bem informado sobre a realidade que pretende retratar. Um bom repórter tem de poder olhar para a situação em si, aquilo que é objeto do tema que vai tratar com o devido distanciamento. Mas, também com a sensibilidade própria de um ser humano, porque é impossível nós irmos para o terreno e vermos estas dificuldades e não nos emocionarmos e não querermos ajudar. Muitas vezes, a barreira é ténue.

- Já te emocionaste alguma vez em reportagem?

Muitas vezes. Nós, às vezes, temos uma dificuldade em perceber até onde vai o meu papel enquanto repórter e onde começa o meu papel enquanto interveniente direto naquilo que está a acontecer e querer ajudar. Uma pessoa vê uma criança que está com sede e como não dar água à criança? Se pede dinheiro, como não dar? O problema é que são tantas as pessoas nestas situações que é impossível ajudar todas elas. Portanto, ajudar uma e não ajudar outra não parece bem.

- Qual o perfil de um repórter na SIC?

Neste momento não tenho nenhuma base científica para concluir isto. Mas, aquilo que me parece é que as nossas redações têm uma média de idades cada vez mais baixa. Antes, olhávamos para a redação e víamos várias referências, com muitos anos de jornalismo. Atualmente, olha-se e vê-se muita juventude, o que é bom por um lado. Mas, em trabalhos de maior peso, é normal que avancem os repórteres mais experientes. Nós temos repórteres muito jovens que estão plenamente capacitados para fazer o seu trabalho. Mas, depois eu distingo aí a parte da investigação: compete mais aos jornalistas mais experientes e que consigam facilmente ou com menor dificuldade, que tenham maior credibilidade, maior acesso às fontes, investigar e trabalhar temas que são difíceis e que envolvem quase sempre temas ligados à corrupção.

Os nossos jornais, Primeiro Jornal, Jornal da Noite e SIC Notícias estão cheios de repórteres jovens com grandes capacidades. Felizmente, temos muitos com provas já dadas na SIC, apesar de terem poucos anos de casa. E isso é bom, investir na juventude. É sempre bom em qualquer redação.

- Que condições são precisas para um repórter ir em reportagem?

Eu gosto de ir em reportagem com pouca base a nível de produção em si. Ir ao encontro, chegar ao local e fazer o que os meus olhos e o meu coração me dizem para fazer. Não gosto de coisas programadas.

- Mas há sempre uma preparação?

Há sempre uma preparação, sobretudo, estar devidamente informado sobre aquilo que vais encontrar no local, o que é que é o teu objetivo enquanto repórter, o que pretendes demonstrar. Nesta última reportagem que fiz foi na Turquia e objetivo era documentar o impacto do sismo naquela região tão afetada pelos terremotos, Hatay. E ao mesmo tempo de que forma esse impacto se traduziu na vida das pessoas. Eu sabia que tinha de fazer isso, mas eu não gosto de ir para o terreno e saber que vou entrevistar o x, y, z pessoa. Até porque isso, às vezes, acaba por não acontecer.

Chegar ao terreno e aquilo que os nossos sentidos permitem observar, sentir, tocar e deixar-nos levar por aquilo que estamos a ver. E é isso que pretendo sempre quando vou em reportagem. Tento fugir sempre das coisas que são programadas e clichés. Gosto de ir ao encontro do inesperado. Aquilo que a própria reportagem se encarrega de me mostrar.

Por exemplo, na República Centro Africana eu sabia que tinha de entrevistar o responsável pelas Nações Unidas. Portanto, antes de ir para o terreno comecei a produzir a entrevista. Quando se trata de políticos é sempre bom ter uma base, uma produção que nos ajude antes de ir para o terreno para fazer o pedido para a entrevista. Depois lá, as restantes entrevistas que retratei na reportagem foi tudo aquilo que ia encontrando no meu dia a dia.

Quando estamos no terreno, não temos tempo para dormir. Queremos fazer sempre mais e melhor. Queremos ir ao fundo das questões e é muito importante que não tenhamos medo, porque às vezes o medo leva-nos a perder boas histórias. Claro que somos humanos e queremos regressar a casa, temos família à nossa espera. Mas, muitas vezes, temos que desafiar os nossos próprios medos e enfrentar situações que põe em causa a nossa vida. Já vivi algumas situações complicadas.

- Que desafios e problemas já enfrentaste e enfrentas em reportagem?

Por exemplo, esta última reportagem²¹ que coloquei no ar, esta segunda-feira, foram 20 minutos sobre o tráfico de droga, na cidade de Lisboa. Há uma das entrevistas que estamos a fazer e que, de repente, entra um carro com um dos dealers e com o carro tenta atropelar a equipa de reportagem da SIC. Nós percebemos que não somos bem-vindos e há um indivíduo que vem com o carro a acelerar na nossa direção, seguramente para nos atropelar. E obviamente que neste tipo de situação temos de manter bem o sangue-frio, não podemos demonstrar medo, porque se demonstrarmos é mau. As pessoas percebem quando estamos com medo. Temos também de demonstrar que falamos a mesma linguagem que as pessoas. Não há heróis no jornalismo e, muitas vezes, as pessoas acabam por pagar faturas muito elevadas, porque foram para lá daquilo que deviam. E a grande dificuldade também, é saber até por onde podemos ir. Mas querer sempre chegar mais à frente, devagarinho. Tentar sempre falar, entrevistar, olhar, pessoas que podem ser fundamentais na nossa história.

- Há espaço, tempo e disponibilidade para fazer reportagem na informação da SIC?

Há espaço para fazer reportagem. Investigação, não tanto. Vivemos um tempo que a investigação tem sido parente pobre do jornalismo em Portugal. Temos tantos temas importantíssimos que nos devem fazer refletir. Mas não existe uma democracia consolidada sem um bom jornalismo. E nós temos de investigar determinadas matérias. A verdade é que, enquanto repórter, jornalista há 25 anos, eu sinto que esse género jornalístico tem vindo a perder alguma força. A investigação requer meios, tempo e, a maior parte das vezes, o tempo não é um aliado do jornalismo, porque vivemos tempos em que tudo é para ontem e fazer uma boa investigação requer meses de trabalho.

- E esse é o principal entrave para não existir tanto investimento na investigação?

Sim. Devia haver muito maior investimento por parte dos órgãos de comunicação social na investigação. Já ficou provado em vários casos recentes que a investigação é fundamental, porque nós enquanto jornalistas compete-nos também escrutinar os poderes instalados e nós temos muitas vezes de investigar e perceber onde começam determinados esquemas que existem no nosso país e onde nos levam. Essas investigações às vezes não avançam porque é difícil: as redações são curtas, os órgãos de comunicação social querem

²¹ <https://sicnoticias.pt/programas/reportagemespecial/2023-06-12-Um-Grama-de-Esperanca-os-filhos-da-droga-nas-ruas-de-Lisboa-3814dbab>

resultados para ontem, ou seja, o jornalismo nos dias que decorrem, infelizmente, não se compadece com esses *timings* que exigem investigação jornalística, em Portugal. Por exemplo, na SIC há uma ou duas pessoas que fazem investigação de fundo, pessoas que durante meses investigam os seus temas, depois acabam por fazer grandes reportagens e que marcam a diferença e que são absolutamente excecionais. Mas isso requer muito tempo na manobra diária. As pessoas precisam de tempo para confrontar as fontes, para chegar aos factos, para cruzar as informações e, muitas vezes, isso é difícil. E eu lamento que seja assim. Gostava que fosse diferente.

- A reportagem faz diferença no alinhamento?

Sim, a reportagem é muito importante, porque marca a diferença entre os órgãos de comunicação social. Se o nosso objetivo é fazer um Jornal da Noite só com conferências de imprensa, o nosso trabalho vai ser igual ao da concorrência. Portanto, nós ao fazermos reportagem e tentarmos dar o nosso cunho pessoal e sempre de uma forma criativa, porque a criatividade também é muito importante no jornalismo. Nós não somos máquinas, somos seres humanos. Temos de fazer as coisas através do nosso próprio olhar. Costumo dizer a muitos colegas nossos que chegam a esta vida... incutir para a necessidade de fazer as coisas diferentes. Fazer tudo igual, faria do jornalismo uma coisa cinzenta. Pretende-se que o nosso trabalho seja sempre fiel ao nosso código deontológico, às boas práticas do jornalismo. Mas, através sempre de um cunho pessoal que nos permita fazer um trabalho de forma diferente e criativa.

- Como é que a evolução das tecnologias tem influenciado na realização de reportagem?

As novas tecnologias vieram para ficar e é um caminho sem regresso. Cada vez mais temos de apostar muito nas novas tecnologias, porque elas permitem-nos ter acesso a um conjunto mais vasto de maior audiência. A juventude de hoje em dia vive das novas tecnologias e nós temos de tirar partido disso. Temos de ter meios mais interativos, mais capazes e que marcam a diferença, temos de usar as câmaras de última geração, as *gopro's*, os microfones de tecnologia mais avançada... tudo isso é fundamental. Cada vez mais é essa a aposta: investir num jornalismo tecnológico. Adaptar o jornalismo cada vez mais a essa situação. Era impensável há uns anos haver um único jornalista que vai para o terreno com a sua própria câmara, o seu próprio tripé, monta com um *iPhone* o tripé, faz os seus diretos para qualquer parte do mundo com um telemóvel e depois chega à

redação e edita o seu próprio trabalho. Antes tínhamos um jornalista, um repórter de imagem e um editor de imagem, um produtor. Neste momento, os novos tempos do jornalismo mostram-nos que cada vez mais nós temos de saber tocar as teclas todas: temos de saber filmar bem no terreno, temos de saber editar a nossa própria reportagem, ou seja, as novas tecnologias fazem de nós cada vez mais profissionais com maiores valências e isso também é bom. Como dizia a minha avó, “conhecimento não ocupa lugar” e cada vez mais precisamos de estar preparados para estes novos tempos que vivemos.

- Com a pandemia os jornalistas tiveram ainda mais de se adaptar ao trabalho a partir das tecnologias. Essa realidade provocou, de certa forma, uma desvalorização no contacto direto com as fontes, uma vez que é possível contactá-las a partir de plataformas digitais?

Sim, concordo contigo. A pandemia teve esse lado. 99% da pandemia foi tudo mau. Ao nível do jornalismo talvez tenha sido uma vantagem também, porque nos obrigou a simplificar. Se nós não podíamos ter contacto direto com os entrevistados, então tivemos de nos adaptar. Como? Fazendo entrevista por *Skype*, por *Zoom* e isso foi importante para simplificar os nossos processos jornalísticos.

Curiosamente a pandemia já terminou e algumas dessas condições de reportagem que nós tínhamos ainda se mantêm. Eu acho bem. Mas não podemos cair no exagero. Tudo tem um limite. Quando as coisas são feitas em exagero é péssimo. O jornalismo faz-se entrevistando as pessoas olhos nos olhos, falando com elas, sentindo o coração dessas pessoas. As coisas são completamente diferentes fazendo uma entrevista por computador ou pessoalmente. Claro que facilita muito.

Por exemplo, o *Jornal da Noite* começa às oito da noite. Se nós temos acesso a uma pessoa e se essa pessoa não está em Portugal ou só está disponível às sete da noite, não dá para ir a Lisboa entrevistar. Então, porque não avançar para uma entrevista de *Zoom* ou *Skype*. O Rodrigo Guedes de Carvalho costuma dizer que “a grande reportagem é aquela que vai para o ar, seja em que condições for”. Portanto, para nós é mais importante ter uma entrevista por *zoom* feita com o primeiro-ministro António Costa às sete da tarde ou ter uma entrevista às duas da tarde pessoalmente? É muito mais importante ter uma entrevista com ele pessoalmente. Mas se o primeiro-ministro não está disponível, só está às sete da tarde ou se está no Japão, porque não fazer uma entrevista por *Zoom*? É uma mais-valia, em qualquer circunstância. Claro que a forma é diferente, perdendo-se muita coisa pelo facto de ser através de um computador, mas, o produto final está lá.

O jornalismo, hoje em dia... temos de o desconstruir e, cada vez mais, ter um jornalismo prático, ágil e que nos permita estar em todo o lado ao mesmo tempo. Chegar a todos os lugares. Tentar sempre simplificar as coisas.

4. Catarina Neves, Jornalista – 18/06/2023

- Formou-se em Comunicação Social e depois em Estudos de Teatro. É reconhecida pelos seus documentários e reportagens. Integra a redação da SIC desde o ano 2000.

- Como iniciaste carreira no jornalismo?

Eu vivia no Barreiro e na altura tinha 15 anos. Desde muito cedo que queria fazer rádio. Havia duas rádios locais no Barreiro: a rádio Margem Sul e a rádio Sul e Sueste. Ofereci-me para ir trabalhar na rádio X. No primeiro ano não recebia nada, mas depois comecei a ganhar. Era óbvio que queria continuar a fazer rádio. Então, fui estudar Comunicação Social, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa e no último ano fiz Erasmus em Barcelona na Universidade Autónoma. No último semestre do último ano, comecei a trabalhar no jornal desportivo que era “A Gazeta dos Desportos”, onde rapidamente percebi que não queria continuar. Não por ser jornalismo de imprensa, mas por ser jornalismo desportivo.

Entretanto, a “Gazeta” fecha. Acabo a licenciatura e peço para estagiar em rádio. Era a única da minha turma que pediu para estagiar em rádio. Pedi especificamente para ser na TSF, onde fiquei cinco anos. Depois, o Nuno Santos era diretor da SIC Notícias, criou o projeto SIC Notícias e convidou-me para ajudar no projeto.

- Já adiantaste um pouco a resposta, mas quando e como foi a tua entrada na SIC?

Entrei em 2000 e entrei para fundar a SIC Notícias. Fiz o curso de formação na Casa do Artista e foi muito bom e marcante. Era o primeiro canal 24 horas de informação em Portugal e em televisão. Era um grande sonho do Emídio Rangel, que tinha fundado a TSF e com quem eu não tinha trabalhado na TSF. Quando entrei na TSF, ele já não estava. E tinha o Nuno Santos como uma referência no jornalismo. As pessoas que saíram da TSF comigo eram importantes para mim, nomeadamente o Luís Proença que foi o meu primeiro coordenador e o melhor que tive na vida até hoje. Portanto, fui assim, muito entusiasmada. Foi um momento de grande esperança.

- O que é uma reportagem?

Reportagem é uma forma de jornalismo. É um género jornalístico que para mim é superior, porque me preenche, não que eu seja mais que os outros. Para mim, é onde eu me sinto mais plena, onde eu sinto que tudo o que o jornalista deve ter é convocado a saber. Atenção, a capacidade de ouvir, de decidir, de perguntar, de decidir escolher, de escrever e ler, de se saber movimentar no terreno e tem que dar respostas muito rápidas, mesmo que, às vezes, a coisa se prolongue. É um trabalho ligeiramente solitário. Embora em televisão seja sempre feito no coletivo. Mas, em última análise, quando eu estou como repórter no terreno, em direto, eu tenho de decidir comigo própria, naquele segundo. É um bocadinho trabalho de pivô, embora não esteja em estúdio. Quando eu tenho de entrevistar três pessoas num cenário ao ar livre, o cenário passa a ser o meu estúdio e eu tenho de dizer qualquer coisa: fazer as perguntas, relacionar um convidado com o outro, saber reagir à resposta que me está dada e concluir (sem ter um jornalista a escrever um pivô). Portanto, está tudo em cima de nós.

Acho que um repórter tem que ter os sentidos todos apurados. Eu dei aulas em Abrantes, no Técnico, no Ateliê de Televisão e dizia-lhes sempre que o que era mais fundamental no jornalista são os sentidos... e tu, no terreno, tens os sentidos todos ativos, coisa que o espectador não tem. Tu podes cheirar, podes ver, tu deves ouvir, tu até podes provar (coisa que até está muito na moda, quando se faz as peças de comida), podes tocar. Portanto, tens os sentidos... são todos convocados para a disciplina da reportagem e isso é uma coisa que me entusiasma muitíssimo. Também porque as pessoas quando me conhecem, dizem-me assim: “Vê-se logo que és jornalista!”. E eu: “Então, porquê?”. Dizem: “Fazes muitas perguntas”. E eu calo-me, porque não vale a pena estar a desenvolver mais.

Mas, na verdade, o jornalismo serve-me, porque eu gosto de fazer perguntas, sempre. Eu só pus isso ao serviço do jornalismo. Não é porque sou jornalista. Não é que o jornalista tenha de ser muito histriónico ou dar muito nas vistas. Não é isso. Aliás, um bocadinho como um ator, há belíssimos atores que em privado são pessoas recatadas, menos faladoras. Se eu tiver num ambiente mais à vontade vou por aí fora. Mas sou bem capaz de me retirar e ficar só a observar e o repórter tem de ter isso. Deve ter a capacidade de observar. Os jornalistas, hoje em dia, cansam-me, porque têm muita opinião sobre muitas coisas. As redes sociais vieram amplificar esse fenómeno. Toda a gente tem muita opinião.

- Lembras-te da primeira reportagem que fizeste? Qual foi?

É difícil dizer-te, porque eu era muito miúda. Tinha 16 ou 17 anos e já chamava reportagem. Eu posso dizer uma que me marcou muito.

- A próxima questão era sobre isso mesmo: a/as que mais te marcou/marcaram?

Mas esta marcou-me muito, por ser inicial e por ser com quem foi. O Augusto Cabrita era um fotógrafo. Foi o que mais fotografou a Amália. Ele também era do Barreiro.

Um dia disseram-me para ir a casa dele fazer uma conversa. Eu levei um gravador de cassetes e eu gravei essa conversa e ele fez todo o discurso a rimar. Para eu ficar com memória. E isso marcou-me muito. Foi das primeiras coisas.

Comecei na TSF, em 1995, foi o ano em que o António Guterres começou como primeiro-ministro e eu fazia muito rua, dia a dia e cruzava-me muito com ele. Foi muito marcante para mim esse início, porque a TSF valorizava muito o repórter fazer a pergunta. Tu nunca podias ficar para trás. Por exemplo, eu tenho memória de nós pararmos sempre às oito da noite para ver a abertura de todos os jornais das televisões. E cada vez que aparecia alguém a ser entrevistado e alguns repórteres da TSF estavam lá e faziam a pergunta, era uma salva de palmas.

O Guterres marcou-me muito, porque era um primeiro-ministro acabado de chegar à política e tinha coisa muito engraçada... que era, no início, explicava e afastava-se, passado dois minutos dizia assim: “Eu, se calhar, não fui claro. Deixe-me explicar um bocadinho melhor. Se quiserem gravar, gravam. Só para ver se isto fica claro.” E isso marcou-me, porque era o contacto com o poder. Isso é uma das coisas inebriantes do jornalismo: tu contactas com o escritor que mais admiras, o cineasta que tu segues há x anos, o artista, o político, o homem mais rico, a mulher mais bonita...

As reportagens que mais marcaram... é difícil, porque tudo é marcante. Obviamente, marcou-me o tsunami na Tailândia, em 2004. Foi terrível para mim. A morte ao virar da esquina. Nós fomos às ilhas Phi Phi de barco e ficavam corpos presos na hélice... era uma cena. Eram muitos pedaços de corpo, cheirava mal. Havia listas de nomes das pessoas desaparecidas. Pessoas que procuravam pelos seus entes queridos. Essa foi uma reportagem que me marcou muito.

Outra foi a guerra na Ucrânia, porque é uma coisa que te põe constantemente em confronto contigo própria: a tua capacidade de acalmares, a tua capacidade de perceber o que pode ser notícia, como é que a podes fazer, uma linha muito ténue, porque tu nunca sabes bem o que está exatamente a acontecer. O mundo está dividido e tu estás num dos

lados e isso não significa que o outro não tenha razão, só que tu não consegues lá chegar, fazer essa ponderação permanente e eu faço isso. É uma preocupação permanente. Marcou-me muito, também, alguns ataques onde fui como repórter.

Depois, houve coisas mais pequenas que me marcaram: há dois anos fiz com o Filipe Ferreira uma Reportagem Especial sobre ciclismo, acidentes, o que é que era feito dos ciclistas que tinham tido acidentes nas estradas e como estavam os processos. Eu tinha estado a falar com um senhor, de Loulé, ao telefone, que tinha perdido o filho aos 18 anos, porque o filho ia entrar para a faculdade, campeão nacional de BTT. Eles tinham ido treinar num dia juntos, filho e pai, porque ele ia ter uma grande competição. Numa descida, na Serra do Caldeirão, numa curva, há um indivíduo que tinha bebido uns copos, fez uma manobra que não devia, o miúdo enfeixa-se e é morte imediata.

Quando falei com o senhor ao telefone, parecia-me tudo sereno. A história é muito pujante, muito triste. Mas eu até disse ao Filipe: “Acho que até não está a correr mal.” Assim que começámos a entrevista, o homem começa com um choro que é um choro de dor, aquele choro em que estás a falar e continuas a chorar, a dor é tão profunda que só caem lágrimas.

Ainda hoje, isto me emociona e até não foi assim há muito tempo. Começo a sentir o Filipe ao meu lado a choramingar também e eu começo “ó meu Deus” e isso foi super marcante para mim. A conversa durou uma hora e acabámos os três em silêncio. Tudo a chorar. Depois fomos almoçar a um sítio espetacular que o senhor conhecia e ele depois acalmou. Pediu-me desculpa e eu disse “não, desculpa, nós é que nos descontrolamos um bocadinho.” Como podes perceber, há de tudo.

- Que condições são precisas para um repórter ir em reportagem?

É preciso vontade. Só fazes se tiveres vontade. E é preciso aceitar quando não dá. Às vezes, tu perdes mais do que ganhas se fizeres e tens de aceitar isso, saber aceitar e saber explicar isso.

- Já te aconteceu teres um tema em mãos e teres de deixar de lado, porque percebeste que não estava a resultar?

Já me aconteceu. Mas sabes que eu levo muitos anos de inventar soluções. Portanto, normalmente envieso um bocadinho. Saio daquele tema e vou um bocadinho para o lado.

- Mudas então o ângulo de abordagem?

Sim. Mudo um bocadinho. Portanto, haver assim alguma coisa de que tenha totalmente desistido só coisas que a coordenação pede. Vou dizer-te uma coisa que vai parecer um bocadinho arrogante. Eu normalmente topo quando não dá. E, às vezes, deixo porque “tudo bem”. O que acontece, às vezes, quando te é dado o tema, eu estou ali meia hora a ler as coisas, faço um, dois telefonemas e já não parto para o terreno. Tenho é de conseguir justificar o não.

Imagina uma turma, tu não podes entrevistar todos. Se tu me deres cinco minutos para eu observar... e, normalmente, eu peço ao repórter de imagem para fazer primeiro imagens, precisamente para ver o comportamento. Numa sala de aula, peço à professora para continuar a dar a aula. Eu observo naqueles cinco minutos e já sei quem é o cromo. Consigo perceber logo. Às vezes, não é de todo o mais barulhento.

- Na tua opinião, achas que há espaço para fazer reportagem na informação da SIC?

Por enquanto, há espaço e não só na SIC. Há espaço nos órgãos de comunicação para a reportagem. Mas o que está a acontecer é que as reportagens de maior folgo implicam sempre, e isso é indiscutível, implicam tempo de terreno e não há como fazer de outra forma. E é cada vez mais uma debilidade das redações. Imagino que seja pela Europa, não é só em Portugal. Os Estados Unidos sempre tiveram uma forma de trabalhar um bocadinho diferente... África é à parte, Ásia é à parte. Realidades muito distintas das nossas, até por questões financeiras e por questões de regimes políticos. Sem tempo é muito complicado, porque se tu falas na investigação ou tu tens alguém que te mete na mão a documentação toda e mesmo assim tu precisas de algum tempo para a ler ou então se tu vais puxando fio a fio, sem tempo, tu não consegues. Não há hipótese. Às vezes, os tempos de que a reportagem ou a investigação necessitam são incompatíveis com a necessidade de produzir conteúdos, de preencher espaços, sobretudo quando nós constatámos que as redações estão depauperadas. E porquê? Porque se quer pagar menos, quer-se pagar mal. Não há, por questões de gestão e de prioridades. A verdade é que sem pagares às pessoas, contratas menos. As que contratas, provavelmente, ficam menos tempo, tens menos cultura de empresa, passas com mais dificuldade formas de funcionar típicas de uma determinada redação.

Cada órgão de comunicação deve ter a sua marca de fazer jornalismo que só acontece e cresce se tu tiveres tempo. Tempo para as pessoas estarem lá, tempo para as pessoas conviverem com as mais velhas, para os trabalhos que vão sendo feitos serem revistos,

pensados. Quanto menos pagas, menos pessoas querem ir e as pessoas que vão, vão por pouco tempo, e provavelmente têm uma qualidade inferior.

Acho que, apesar de tudo, ainda há tempo e exemplo disso são as Grandes Reportagens e as Reportagens Especiais. Depois acho que o tempo é sempre uma questão no jornalismo, é transversal ao jornalismo há décadas. Nos anos 40 e 50, em Portugal, a crítica teatral era uma coisa muito importante. Todos os espetáculos tinham crítica e o tempo, nessa altura, era uma coisa importante.

Imagina, tu agora queres fazer uma grande investigação sobre a pedofilia na igreja, não consegues fazê-la numa semana. A Ana Luísa, jornalista da RTP, que é uma excelente jornalista e que acompanhou esta situação, e foi das primeiras a dar vítimas, só conseguiu porque tem os princípios básicos e dedicou tempo a isto. Na SIC, vais conseguindo fazer reportagem. Mas é um jogo complicado. Não sei como vai ser daqui a cinco anos.

- Então, são poucos jornalistas a dedicarem-se ao formato Reportagem Especial e Grande Reportagem por causa da questão de tempo?

Não sei se lhes é proposto e se eles querem. Há jornalistas que não preferem fazer. Não querem estar um mês com um tema na cabeça, porque, na verdade, por exemplo, eu nunca desligo quando chego a casa. Enquanto, estou a tentar convencer as pessoas a dar as entrevistas são horas ao telefone e trocar mensagens, e se não forem pessoas não portuguesas é muito contacto por *whatsapp*. Quando estou de Reportagem Especial ou GR²² eu não paro. Às onze da noite estou a atender telefonemas, é uma loucura.

- Quem são os jornalistas fazem Grande Reportagem?

Faz a Amélia Moura Ramos, faz o Pedro Coelho, a Miriam Alves, o Carlos Rico na SIC Porto. Estes são os fixos. Depois, a Reportagem Especial está dividida em duas coordenações. A Reportagem Especial, ao fim de semana, é feita pela Patrícia Mouzinho, eu, a Catarina Marques e a Isabel Osório.

- Que desafios e problemas já enfrentaste e enfrentas quando estás a fazer reportagem?

Tens de escolher o tema.

²² GR significa Grande Reportagem.

- O tema é escolhido pelo jornalista ou o coordenador sugere?

Pode, mas eu não quero. Eu é que proponho os temas, mas, por exemplo, a última Grande Reportagem que fiz que foi da Mouraria não fui eu e a outra antes sobre a *Burnout* também não fui eu que propus.

- Continuação da resposta dos desafios e problemas.

Há dois pontos de partida para as Grandes Reportagens ou Reportagens Especiais. Eu tenho de querer aquele, tenho de achar que faz sentido, que precise ser explorado, que me interesse, que interesse aos outros e eu, particularmente, gosto de ter uma fonte. Por exemplo, para a Mouraria, não era um tema meu, parti sem praticamente nada. Eu normalmente quando proponho um tema, tenho sempre uma “Maria” que me vai pelo menos abrir uma porta, porque se não anda ali muito tempo.

Depois da escolha do tema, as tais fontes, ler o máximo sobre o tema, se for preciso a partir de livros, e começar a ligar às pessoas e marcar encontros. Os encontros não têm de ser logo necessariamente com o repórter de imagem. Se ele puder ir contigo sem câmara, ótimo. Se não, vais sozinha, não tem problema. Depois, tens de conseguir convencer a pessoa a falar, com a cara destapada que, muitas vezes, é outro problema. Às vezes é fácil, se fizeres coisas sobre temas mais pacíficos. Quando são coisas mais complexas, é difícil, às vezes, convencê-las. Tens de fazer o máximo, mas não a todo o custo. Se a pessoa diz: “Não quero”, eu digo “Eu acho que deve dar a cara por x, y, z razões. Mas só dá a cara e voz quando eu disser as razões que eu acho que deve dar a cara, se sentir confortável e segura. Se não, eu não quero. Não quero que daqui a uma semana diga “arrependi-me”. Nem quero que venha a ter problemas por causa da SIC ou por causa de mim. Muitas vezes digo que ao dar a cara os riscos são estes... Sou muito clara. “Acho que deve dar a cara, sabe porquê? Quem não dá a cara é porque é criminoso, não é o seu caso...”.

Depois tens de conseguir um equilíbrio bom entre o que tu queres e aquilo que a pessoa está disposta e consegue dar e aceitar. Uma dica para quando é em reportagens maiores... podes fazer coisas do género: “Eu acho que percebi a ideia. Deixe-me ver se percebi: bla bla bla. Diga outra vez”. Se for preciso repete, sem fragilizar a pessoa. Outro desafio é conseguir que um repórter de imagem durante um mês, mês e meio, tenha uma mesma linguagem. É uma coisa que tem de ser trabalhada e falada.

- Há muitas conversas antes de irem em reportagem?

Há. Pelo menos no caminho, há. Por exemplo, nesta da Mouraria fui com o Carlos e falamos muito. Íamos mais cedo para os locais, falávamos um bocadinho antes, almoçávamos quase sempre só os dois e conversávamos. Depois eu tenho aqui uma vantagem que é fazer imagem, eles sabem e vêem as coisas que eu faço e eu gosto de estar no processo. Mas nunca digo, por exemplo, um entrevistado diz: “Acha que aqui está bem”. Eu respondo: “Já vamos ver. Carlos podes vir aqui?”

- Continuação da resposta dos desafios e problemas.

Depois é cozinhar todos estes passos. É um grande desafio. E à medida que as semanas vão passando, em reportagem, conseguir ter noção do que é que vale a pena repetir ou não, investir mais, deixar cair, o que é que ainda falta, isso também é um desafio: toda a estrutura narrativa, sendo que tu não estás na área documental, estás no jornalismo. No jornalismo tens de ser particularmente eficaz e fazer a caminha ao telespectador. Não podes dificultar.

No documentário que eu faço fora da SIC as pessoas às vezes dizem-me assim: não percebi bem aquela parte. Não me importo que não tenhas percebido. Mas conseguiste simpatizar bem com aquilo? Sim. Tranquilo. Na reportagem, se disseres que não percebi então eu vou rever. Não posso deixar o espectador em dúvida. Eu vou rever e mudar.

- Já sentiste algum vez medo no terreno?

Sim. Na Ucrânia era todos os dias.

- Um dos diretos²³ que fizeste na Ucrânia foi muito comentado por causa da explosão que se ouviu perto da vossa reportagem e que vos fez reagir imediatamente.

Eu não tive filhos e, na verdade, sou desapegada de bens materiais. Não me interessa muito. A única coisa que não quero é morrer antes dos meus pais, porque isso seria o fim para os meus pais. De resto, desde que a morte não seja com sofrimentos prolongado, seja uma coisa rápida... Não tenho muito medo da morte. Só de ficar doente. Agora, pensar: “Vou trabalhar para aquele sítio. Há risco de morte. Não vais?” Vou. Porquê? Porque é um acontecimento mundial e que me estimula muitíssimo, em termos de reportagem.

²³ <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-04-01-explosoes-perto-dos-reporteres-da-sic-nos-arredores-de-kiev>

- A jornalista e repórter Cândida Pinto deu uma palestra à minha turma. Falou sobre todo o percurso, a sua carreira e as suas experiências em reportagem. O seu discurso era muito parecido ao teu, Catarina.

A Cândida só não é mais, porque estamos em Portugal. A Cândida é a minha referência de reportagem em Portugal, a todos os níveis. Eu trabalhei com ela na SIC e estive com ela na Ucrânia. A Cândida é brilhante. E eu também me sinto na escola dela. Sou como uma discípula mal “amanhada”. Aprendi muito a ver. Sabes que a Cândida estava como editora de internacional e trabalhei com ela. Ela fazia uma coisa brilhante: porque quando estás fora, não tens muito tempo e ela resumia, mandava-me a informação, combinávamos os diretos do Jornal da Noite da forma mais eficaz que havia. Dizia-me o que é que estava a ser planeado, que peças iam para o ar, o que é que podia ficar de fora para eu dizer.

- Os jornalistas estão sempre em adaptação com a evolução das tecnologias. Ainda mais, durante uma pandemia. Achas que a nova forma de trabalho jornalístico trouxe menos vontade em ir para o terreno, pois a partir de um computador a distância fica muito mais curta e é mais rápido o contacto com as fontes?

A tecnologia é brilhante, maravilhosa e ajuda muito, por exemplo, a democratizar as fontes. Canais como a SIC têm muita dificuldade em ter correspondentes em todo o lado. O facto de poderes fazer e usar uma entrevista com imagem de um indivíduo que está em Caminha, no Norte, ou em Castro Marim, no Algarve, ou na fronteira com a Espanha, mas na zona central ou mesmo fora de Portugal, é brutal, é maravilhoso, uma mais-valia. Quando estás a fazer uma coisa para o dia a dia, e na verdade, apanhar o trânsito, a pessoa chega atrasada, depois o tempo que demoras a vir e o tempo que tu perdeste para fazer uma entrevista de cinco a oito minutos, que se tivesses cara a cara também não te ia trazer muito mais, também é brilhante. Acho que é bom e deve ser usado. Tudo o resto é subverter.

- Ou seja, trouxe vantagens e desvantagens?

Há aqueles robôs que aspiram a casa, aquilo é bom. Mas, de vez em quando, é bom seres tu a manter a mão. Portanto, de vez em quando tu tens mesmo de meter a mão na massa. Não há hipótese. Tens mesmo de ir, de estar, de conhecer. Nesta Grande Reportagem da Mouraria, tivemos três ou quatro semanas no terreno e só consegui entrevistar o pai do miúdo que faleceu, quando já estava a montar. E porque é que isso aconteceu? Porque nós tivemos lá, e almoçamos lá, jantámos lá, fomos lá, voltámos lá... a dona Alice que

tem um café e dava uma entrevista muito boa se ela quisesse, ela disse logo que não, até ao fim. Mas nós continuámos a ir lá. Íamos lá beber o café todos os dias, naquela esperança.

Portanto, tecnologia é importante, nada de deitar fora. Andares com o telemóvel com uma boa capacidade de câmara é bom, porque tu não deixas de ser repórter. Vês qualquer coisa e filmas. Já me aconteceu “n” vezes estar a ir de casa até Paço de Arcos ou Carnaxide, encontrar inundações, eu ia filmando pelo caminho e depois chegava à SIC e ser divulgado as imagens. Este ano que houve uma grande cheia ao pé da minha casa e eu não conseguia sair. Fui com o telemóvel, filmei várias imagens, fui mandando e foi passando na SIC Notícias.

Ser repórter é um trabalho permanente de busca, de sujeição. É muito exigente. Tu nunca descansas. Por exemplo, em televisão, eu apareço pouco e já apareci muito. Mas o muito passado um ano não é nada, sobretudo, porque a tua geração deixou de ver televisão. Portanto, eu na tua geração estou safa, ninguém me conhece. Nos mais velhos, não. Eu nem quando estou em descanso, estou em descanso, porque sou repórter (o pivô ainda é pior). Eu estou permanentemente sintonizada quando estou na rua. Para já, porque não quero que digam “olha aquela armada e tem a mania que é da televisão”. Já me aconteceu, sobretudo, no Norte. Eu estava a almoçar com o Filipe Ferreira, no Norte, e vem uma senhora ter connosco e diz que nós somos da SIC. E até nos rimos.

Sendo repórter, um bocadinho ao contrário do pivô que não sai de estúdio, eu, na verdade, por defeito, tudo são histórias há minha volta, pelo que tens de escolher. Saber escolher. Sempre. Isto é um mundo de histórias.

**Anexo 2 – Peças realizadas durante o estágio nas editorias de
Sociedade e Cultura da SIC**

NOME	DATA	LINK
PEÇA HOSPITAIS PRIVADOS	2 de março de 2023	Link indisponível
Concent Trab Parques Sintra	15 de março de 2023	Link indisponível
Reportagem	29 de março de 2023	https://sicnoticias.pt/pais/2023-03-30-Sem-luz-janelas-e-portas-assim-sao-as-casas-atribuidas-pelo-Estado-aos-guardas-prisionais-9929ca01
Incêndio Brandoa PEÇA	31 de março de 2023	Link indisponível
GNR operação Páscoa	3 de abril de 2023	Link indisponível
Reencontro Turquia PJ	4 de abril de 2023	https://sicnoticias.pt/especiais/sismo-na-turquia-e-siria/2023-04-04-Bebe-retirada-dos-escombros-na-Turquia-reencontra-se-com-a-mae-52990fb7
Tiktok Portugal	5 de abril de 2023	Link indisponível
Greve Trabalhadores Parques Sintra	6 de abril de 2023	Link indisponível
Páscoa Mundo JN	7 de abril de 2023	Link indisponível
Vigília Pascal Vaticano JN	8 de abril de 2023	Link indisponível
Incêndio Hamburgo JN	9 de abril de 2023	https://sicnoticias.pt/mundo/2023-04-09-Hamburgo-incendio-provoca-possivel-nuvem-toxica-policia-em-alerta-c38fc7c3
Ataque EUA PJ	11 de abril de 2023	Link indisponível
Prato do dia	17 de abril de 2023	https://sicnoticias.pt/programas/prato-do-dia/2023-04-18-Prato-do-Dia-venha-conhecer-o-segredo-da-bifana-de-Vendas-Novas-7e44664d

Fim Máscara Hospitais	18 de abril de 2023	https://sicnoticias.pt/pais/2023-04-18-Fim-das-mascaras-nos-hospitais-e-lares-dcbfa53d
Colapso EUA PJ	19 de abril de 2023	Link indisponível
Fim Greve + Concent Trab SAMS	19 de abril de 2023	Link indisponível
Greve Trabalhadores SAMS	20 de abril de 2023	Link indisponível
INE Rendimentos e Qualidade Vida	21 de abril de 2023	Link indisponível
Dia da Terra beatas	22 de abril de 2023	Link indisponível
Rodagem Rust	23 de abril de 2023	Link indisponível
Tempo Semana PJ	24 de abril de 2023	Link indisponível
Múmia Peru PJ	25 de abril de 2023	Link indisponível
Prémio Pedro Coelho	3 de maio de 2023	https://sicnoticias.pt/pais/2023-05-03-Pedro-Coelho-distinguido-com-o-Premio-Mario-Mesquita-395a24ce
Disney In Concert	4 de maio de 2023	Link indisponível
Banco Alimentar Tudo JN	6 de maio de 2023	Link indisponível
Festa Animal Concelho Oeiras	7 de maio de 2023	https://sicnoticias.pt/pais/2023-05-07-Oeiras-recebe-Festa-Animal-adocao-responsavel-e-o-mote-da-iniciativa-641c076f
Recursos Esgotados	7 de maio de 2023	Link indisponível
Expo em Bruto CCB	17 de maio de 2023	Link indisponível
Corrida Marginal PJ	3 de junho de 2023	Link indisponível
Mudança de género	4 de junho de 2023	Link indisponível
Fim Feira do Livro JN	13 de junho de 2023	Link indisponível
Calor e cuidados Próximos dias	16 de junho de 2023	Link indisponível

Fonte: Elaboração própria.